Sob a Regência de Deus

O diferencial na vida de um músico

Daniel Azevedo

Sob a Regência de

Deus

O diferencial na vida de um músico

Sob a Regência de

Deus

O diferencial na vida de um músico

Daniel Azevedo

Todos os direitos reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor.
contato.musicaecontemplacao@gmail.com

1ª edição
1ª tiragem: mil exemplares
2017

Projeto Gráfico: D&J Design
Diagramação, Impressão e Acabamento: Gráfica e Editora RJR LTDA

IMPRESSO NO BRASIL/ *Printed in Brazil*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994s Azevedo, Daniel
Sob a regência de Deus : o diferencial na vida de um músico / Daniel Azevedo. – Porto Alegre : Gráfica e Editora RJR, 2017.
200 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-67302-43-0

1. Música. 2. Música Sacra. 3. Música e Religião. I. Título.

CDU 78:2

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437

Versões bíblicas:
Almeida Edição Contemporânea (AEC)
Almeida Revista e Atualizada - 2ª edição (ARA)
Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)
Nova Versão Internacional (NVI)

Apresentação

A música é parte integrante da vida diária, sendo ela percebida de modo consciente ou não. O poder inerente de melodias, ritmos e harmonias são desconhecidos pela maioria das pessoas que, constantemente, estão expostas a esta grandiosa forma artística.

Alguns anos atrás tive o prazer de conhecer esse criterioso músico, autor desta obra, que se tornou meu irmão e amigo. Sua história de vida, sua fé, seus conhecimentos de ciência e arte se complementam.

Através das páginas deste livro, o leitor embarcará em uma viagem, onde os sonhos se deparam com as realidades e os desejos se conflitam com princípios. No mundo em que vivemos hoje, não é muito comum vermos grandes preocupações em relação a "princípios". Essa despreocupação pode ser uma forma clara de externar o egoísmo que existe em cada um de nós.

No decorrer dos capítulos, você verá que o autor quebra vários paradigmas em relação às atitudes e influências, visualizando o melhor não somente para si mesmo, mas também para o próximo.

As questões humanas vão muito além dos nossos horizontes. A visão física é apenas uma parte nesse processo e aquele que consegue enxergar com os olhos da fé, amplia sua visão e compreensão de forma imensurável. Nesse contexto o autor trava lutas pessoais com verdades que aos poucos se descortinam claramente em seu dia a dia.

As histórias possuem um poder fantástico de nos conduzir a outros mundos e situações, onde não vemos o tempo passar e o aprendizado se torna muito prazeroso. Tudo isso você encontrará neste livro que também inclui embasamento científico que provavelmente causará surpresas e fortes impressões.

É importante não permitir que os preconceitos impeçam o desenvolvimento de nossas compreensões; é importante buscar sabedoria, com inteligência a todo o momento, para decidir sobre todas as questões de nossa existência; e é claro, sabedoria para decidir sobre a questão musical também.

Apresento um texto bíblico para reflexão:

"Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal" - Provérbios 3:7.

Com essa atitude com certeza estaremos "Sob a Regência de Deus".

José Elias Dotti

Bacharel em Música com habilitação em Regência Coral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-Graduado em Regência Coral e Capacitação para Docência, pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Maestro, professor e arranjador musical. Regente do Coral Vívere, projeto do Programa UCS Sênior da Universidade de Caxias do Sul, RS.

Apresentação

Daniel Azevedo é um jovem que procura, juntamente com sua esposa e filha, levar a sério as verdades reveladas por Deus. Tive o privilégio de conhecê-lo e trocar ideias sobre diversos assuntos, inclusive música.

Em um mundo com uma infinidade de estilos musicais devemos parar e analisar se todos eles agradam a Deus, ou se estão mais saciando nossos gostos do que nos aproximando do Altíssimo. Entendemos que há muitos desafios na questão da música em relação ao ideal de Deus, pois é verdade que em nossa esfera humana e degradada nem ao menos sabemos exatamente como é o ideal. No entanto, tendo em vista que o Senhor deseja através de Sua palavra nos mostrar Sua vontade, Ele nos revelou muitos aspectos para que saiamos da apatia e nos aproximemos dEle o máximo possível.

Neste livro o autor descreve sua trajetória de vida. Ele apresenta sua história desde a infância, juventude até o momento em que se tornou instrumentista e conta, com detalhes, como se desvinculou das apresentações seculares para chegar onde está agora.

O autor teve a preocupação de apresentar também inúmeros textos bíblicos e de outros autores para embasar seu ponto de vista, que é o defendido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia como ele mesmo insere ao longo do livro.

Além de uma linda história de conversão que permanece até os dias atuais, você encontrará muitas informações sobre estilos de música diferenciados, a música e o funcionamento do

corpo, entre tantos outros pontos que não falarei para deixar você com desejo de iniciar a leitura o quanto antes.

Recomendo fortemente a leitura do livro "Sob a Regência de Deus" para todos os que querem compreender mais sobre o assunto da música e da verdadeira adoração ao Grande Deus, de acordo com o que nos foi revelado em Sua palavra.

Rogério Silva

Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Pastor distrital na Associação Sul Rio-Grandense da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Agradecimentos

Ao meu Salvador e Senhor Jesus Cristo, por toda inspiração e direção na concretização deste projeto.

À minha mãe, Sra. Vera Lúcia, por todo seu amor e por sua dedicação.

Aos meus queridos irmãos, Marco e André. Vocês fazem parte de tudo isso.

À minha amada esposa, Regina, por toda sua paciência e por seu apoio. Obrigado por ser assim como você é. Eu te amo muito!

Ao maestro José Elias Dotti, por suas orações e por todo seu apoio desde o início da minha caminhada com Cristo. Você me inspirou a não desistir da música.

A todos os que, de algum modo, me incentivaram a escrever e a compartilhar as experiências aqui registradas.

Daniel

NOTA: Algumas pessoas citadas neste livro tiveram seus nomes trocados, a fim de proteger suas privacidades.

Sumário

Prelúdio 13

1 Traçando os primeiros planos musicais 15

2 Um novo caminho para a felicidade 20

3 O sucesso a qualquer custo 27

4 Quando Deus é o Regente 35

5 Um novo olhar sobre os gêneros populares 40

6 Rhythm and Blues (R&B) 43

7 Pop Rock 47

8 Reggae Music 58

9 Soul Music 64

10 Música Cubana (Salsa) 69

11 Música Popular Brasileira (MPB) 72

12 Jazz 77

13 O poder oculto do Jazz 84

14 Um disfarce para falsos ensinos 90

15 O grupo instrumental Terra do Fogo 101

16 O sábado bíblico 106

17 Renúncias 110
18 Reeducando os ouvidos 120
19 Deus escreve arranjos para as nossas vidas 127
20 Em busca de mais respostas 135
21 Reeducando os dedos – Parte I 147
22 Reeducando os dedos – Parte II 154
23 Atendendo ao chamado do Mestre 169
24 Se buscares a sabedoria 173
Poslúdio 189
Fotos 192
Informações para contato 200

Prelúdio

Pela contemplação, somos transformados. Palavras, sensações, atitudes, hábitos e posturas são impressos em nossa mente, de modo muito interessante, através da música que ouvimos e praticamos. Então, como podemos fazer escolhas sábias diante da ilimitada variedade de opções que atinge nossos ouvidos por meio de um vasto cardápio de gêneros e subgêneros musicais? Por que informações relevantes sobre a influência da música permanecem apagadas pela ditadura da mídia? Como identificar problemas e soluções, quando estou andando às cegas, me deixando guiar apenas pelo prazer gerado pelos sons?

Após dez anos de experiência profissional como baixista ao lado de cantores, bandas e projetos instrumentais do cenário musical porto-alegrense (1995-2005), o encontro com Jesus Cristo por meio do exame das Escrituras me trouxe para a realidade de uma guerra travada na mente humana. Nesse conflito, que tem resultados eternos, a música tem sido uma das mais eficazes estratégias do inimigo de Deus para alcançar o êxito em seus planos.

As dúvidas expostas acima, somadas ao profundo desejo de conhecer mais sobre a música que agrada a Deus, me conduziram por um caminho de observações, descobertas e novas aventuras musicais. Parti em busca de respostas, através da oração, da leitura e da fé prática. Conheci, assim, a dependência de um Deus amoroso ao me sujeitar à Sua vontade.

Ao ler este livro, você poderá contemplar Suas maravilhosas revelações em minha vida nos últimos anos. Muitos milagres ocorreram antes, durante e depois de minha conversão. Esse tempo para mim tem sido um período de lutas, quedas e vitórias, dia após dia; também de crescimento, ao tomar novas decisões acerca do que é realmente mais importante que é fazer a vontade de Cristo ao invés de seguir o meu coração vulnerável e familiarizado a tudo o que nos separa de Deus.

"E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito." – II Coríntios 3:18 (NVI).

Capítulo 1

Traçando os primeiros planos musicais

"O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos."

Provérbios 16:9 (ARA)

Nasci e cresci na cidade de Porto Alegre, que é a capital do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Desde a infância, sempre me senti envolvido e atraído pela música. Podia ouvi-la no rádio, nos programas e comerciais de TV, nos filmes e na escola. Meus presentes, muitas vezes, eram discos de vinil com histórias ou canções infantis.

Apesar do forte movimento cultural tradicionalista existente no sul do Brasil, meus pais ouviam diferentes gêneros musicais em casa: música popular brasileira, *rock and roll*, *soul music* e *jazz*. A música era um elemento presente em todos os momentos.

Mais tarde, comecei a ouvir música popular de todos os tipos. Costumava colecionar fitas k-7 e discos de vinil, além de ouvir diversas estações de rádio. Tive contato também com a música erudita de diferentes períodos, por intermédio de outros familiares que a apreciavam e possuíam caixas com coleções de

discos contendo textos explicativos, biografias resumidas de compositores famosos e muitas ilustrações.

Apesar de naquele momento de minha vida não possuir nenhum discernimento sobre a música dos diferentes períodos históricos e suas respectivas características, as sonoridades dos períodos Barroco e Clássico, em especial, me fascinavam. Passava horas ouvindo obras de compositores como Antonio Vivaldi, Wolfgang Amadeus Mozart, Ludwig van Beethoven e outros. Contudo, o impacto da música popular no sistema sociocultural mundial, fortemente propagado pela mídia, principalmente pelos canais de TV, exerceu uma poderosa influência sobre a minha mente. Eu desejava tocar instrumentos comuns à música popular, como teclado, guitarra ou bateria.

Ainda no ensino fundamental, passei a ouvir uma estação de rádio FM alternativa que tocava predominantemente o gênero musical *rock* e seus subgêneros, como o *hard rock*, o *rock* progressivo, o *heavy metal*, o *punk rock*, etc. Nessa mesma época meu pai me levou a um *show* da banda de *rock* Engenheiros do Hawaii, que era formada por três músicos gaúchos. Este foi o meu contato inicial com o ambiente teatral de um espetáculo, que é constituído por palco e plateia, lugar do ídolo e lugar dos fãs, respectivamente. Eu não imaginava o quão poderosas seriam essas impressões sobre minhas futuras decisões pessoais e profissionais. Também foi essa a primeira vez em que meus ouvidos foram expostos a intensidades de som extremas por tanto tempo. Ao final daquele concerto, meus ouvidos pareciam fechados e havia como que um zumbido permanente durante algumas horas. O que eu não imaginava era que, anos mais tarde, esses sintomas se tornariam parte da minha rotina semanal de trabalho, trazendo sérios prejuízos para a minha audição.

Como resultado daquelas impressões estéticas e sonoras, com quatorze anos já sonhava em formar uma banda de *rock* com

amigos da escola. Havia uma disputa entre qual de nós seria o baterista, mas a briga logo teve fim quando, ao visitarmos uma loja de equipamentos musicais, comparamos os preços de baterias com os demais instrumentos. Este *kit* de tambores e pratos (bateria) custava muito mais caro do que imaginávamos. Eu não estava interessado em guitarras e assim, escolhi o contrabaixo elétrico como o "meu" instrumento. Esta escolha deveu-se ao seu tamanho maior, ao seu timbre grave e imponente e também ao seu número reduzido de cordas que chamavam a minha atenção.

Adquirimos instrumentos bem simples, os mais baratos que pudemos encontrar. Eu e meus amigos de escola nos reuníamos aos finais de semana por muitas horas de ensaio e convívio musical. Em pouco tempo, estávamos frequentando cursos em escolas de música.

No início da década de 1990, o *hard rock* e o *heavy metal* eram os estilos predominantes no meu círculo de amizades. Durante o ensino médio, meus colegas e eu costumávamos passar horas nos chamados *sebos*[1] de discos, pesquisando sobre as nossas bandas favoritas, negociando LPs[2] usados e aumentando nossas coleções. A influência dos amigos sobre meu estilo de vida foi muito forte. Ao contemplar seus hábitos, me apropriei de seus gostos musicais, bem como do modo como se vestiam e deixavam o cabelo crescer.

Algumas cenas desse período ficaram bem gravadas em minha memória. Por exemplo, em 1992, assisti aos *shows* das bandas britânicas de *heavy metal* Black Sabbath e Iron Maiden realizados num grande ginásio de Porto Alegre, o mesmo local onde eu estivera anos antes assistindo aos primeiros concertos de *rock*. Mas naqueles últimos eventos, a atmosfera era semelhante a

[1] Lojas de discos de vinil e CDs usados.
[2] *Long-Plays* ou discos de vinil.

um culto de adoração, onde uma grande massa humana cantava em coro canções que traziam o ocultismo como tema central. A multidão, hipnotizada pelos sons em altíssimo volume, imitava os gestos e a aparência de seus ídolos. Luzes, cenários, efeitos visuais e pirotécnicos tornavam o espetáculo ainda mais impressionante e atraente para os fãs.

Naquele tempo eu não tinha nenhuma consciência dos males inerentes, e nem do poder destrutivo, de todo esse conjunto de estímulos sonoros e visuais. Outros fatores pesavam em minhas escolhas: a influência e a pressão do grupo, o orgulho pessoal e a sensação de prazer e euforia associada àquelas músicas.

Com o passar do tempo meu gosto musical mudou. As antigas bandas de *rock* pesado já não me agradavam e minha atenção estava agora no virtuosismo da música instrumental.

Procurando ouvir estilos musicais com ênfase no contrabaixo, eu retornava às mesmas lojas de discos para realizar novas pesquisas. O cenário artístico local de Porto Alegre também atraía a minha atenção. Músicos talentosos desenvolviam seus projetos instrumentais misturando *rock*, *jazz*, ritmos latinos, música regional e outros gêneros em composições abarrotadas de solos e arranjos bem elaborados.

Em 1994, enquanto assistia a um desses *shows* instrumentais, fiquei extremamente impressionado com a técnica dos músicos. Todo aquele virtuosismo exercia um grande fascínio sobre o público. Naquele momento um sentimento diferente cresceu em meu coração. Almejei percorrer uma trajetória como baixista até atingir um elevado nível musical. Desejei estar um dia sobre o palco, ocupando o lugar dos músicos e sendo o alvo das atenções, dos aplausos e da admiração da plateia. Com determinação, pensei: "É isso! Esse é

o caminho que vou seguir. Quero me tornar um instrumentista profissional".

Capítulo 2

Um novo caminho para a felicidade

"Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz."

Tiago 1:14 (ARA)

"Pedis e não recebeis porque pedis mal, para o gastardes em vossos prazeres."

Tiago 4:3 (AEC)

Com as economias de um estágio, pude adquirir meu primeiro contrabaixo elétrico importado, um instrumento de qualidade mediana e de fabricação asiática, porém incrivelmente superior ao meu primeiro contrabaixo. Poucos meses depois, ao concluir o ensino médio, decidi viver somente para a música e assim percorrer um caminho profissional através da arte. A partir de então a prática do contrabaixo passaria a ocupar todo e qualquer tempo livre. Meu alvo era progredir rapidamente, crendo que, tão logo me tornasse "um dos melhores", mais cedo estaria inserido no meio artístico profissional e poderia sobreviver somente da música. A cada dia, os sentimentos de egoísmo e orgulho eram alimentados. É triste admitir isso, mas eu gostava de chamar a atenção e procurava elogios acerca de

meu desempenho musical. Essa é uma postura ingênua que pode nos conduzir por um caminho repleto de armadilhas.

Ainda no ensino médio conheci um notável amigo com admirável musicalidade. Jônatas estudava bateria e com ele aprendi muito sobre os diferentes ritmos da música popular. Costumávamos ouvir e conversar sobre música durante horas. Nós dois morávamos na zona sul de Porto Alegre e permanecíamos sempre em contato, ligados aos mesmos interesses musicais.

Esse mesmo jovem era também muito religioso e costumava falar sobre Deus e sobre a Bíblia. Eu respeitava sua fé e não duvidava da veracidade das Escrituras Sagradas, porém o sonho de me tornar um músico bem sucedido suprimia quaisquer outros interesses. Não havia espaço para Deus. Meus objetivos já estavam traçados e a música havia se tornado a minha religião em tempo integral.

Lentamente e sem perceber, eu estava me afastando da família e dos amigos que não estavam envolvidos com música. Eu construí uma rotina voltada para os interesses pessoais, que naquele momento estavam resumidos à prática musical. Essa postura influenciou meus dois irmãos mais novos, Marco e André, que mais tarde se tornaram músicos profissionais também. Marco é guitarrista, violonista e compositor. André, meu irmão mais novo, se aperfeiçoou como baterista e percussionista. Em 1995, surgiram os primeiros alunos de contrabaixo e logo em seguida, a primeira indicação para um trabalho como baixista.

Meu amigo Jônatas foi chamado para tocar bateria num pequeno e tradicional Café em Porto Alegre ao lado de um conhecido guitarrista. Devido à indisponibilidade de outro baixista, Jônatas me indicou para participar daquele mesmo

evento. Seria uma apresentação instrumental, onde tocaríamos *standards*[1] da música brasileira e composições do guitarrista, entre outras músicas. Assim, meu amigo Jônatas e eu tocamos juntos em público pela primeira vez em uma formação instrumental que incluía duas guitarras, bateria e contrabaixo elétrico.

Aquela experiência foi válida, mas ao mesmo tempo traumática, pois descobri que precisaria melhorar bastante. Ao encarar pela primeira vez aquelas complicadas harmonias de *jazz* e bossa nova, compreendi que minha carência de informações nessa área era enorme e eram insuficientes meus esforços autodidatas. Por indicação desses músicos, encontrei um bom professor de contrabaixo que me ajudou de maneira positiva no meu desenvolvimento musical e profissional.

Os dez anos seguintes foram dedicados somente à realização de conquistas individuais nessa trajetória musical. Novos trabalhos surgiram com cantores e bandas. Eu estava envolvido numa grande corrida, aparentemente sem fim, não havendo mais tempo para as pessoas, para a família. Em pouco tempo decidi sair de casa e morar com uma namorada, passando meses sem visitar meus pais por estar sempre ocupado com o estudo do contrabaixo, com os ensaios e com os *shows*.

Grande parte do dinheiro que ganhei no passado como músico foi empregado na aquisição de contrabaixos. Inúmeras vezes abri mão de investir em coisas mais importantes apenas para adquirir novos instrumentos e acessórios. Lembro-me de que as contas vencidas se acumulavam enquanto meu saldo bancário permanecia negativo devido às novas aquisições. Horas foram gastas na internet visitando sites de luteria[2], pesquisando

[1] Músicas muito conhecidas do público e dos músicos. Termo comumente utilizado no gênero *jazz*.
[2] Arte de projetar e construir instrumentos de cordas.

sobre madeiras, reformas e preços de contrabaixos. Permiti facilmente que a cobiça ocupasse meu coração vulnerável e, como numa hipnose, me comportei de modo despreocupado, vivendo uma obsessão por instrumentos. Trabalhei para satisfazer a ambição e os caprichos pessoais, desperdiçando dinheiro e tempo com as prioridades erradas. Até hoje, essa é uma das minhas maiores lutas.

Em 2000, recebi um prêmio de melhor instrumentista no 3º Festival de Música de Porto Alegre. Ao lado de Marco, André e Beatriz, uma grande amiga cantora e compositora. O prêmio trouxe grande alegria e alguma ajuda financeira. Contudo, mais do que um mero incentivo ou reconhecimento musical, esse prêmio serviu também para intensificar sentimentos como autossuficiência e arrogância. Ironicamente, os encontros com os meus dois irmãos ocorriam somente em ensaios ou nos palcos. Meu egoísmo também provocou o fim de um relacionamento de aproximadamente sete anos com minha primeira companheira.

Minha vida parecia completa por *gigs*[3], gravações, viagens, novos instrumentos, nome nos jornais, aplausos e dinheiro. Julguei ter realizado todos os sonhos musicais e profissionais. No entanto, faltava algo que eu não sabia exatamente o que era. Eu não me sentia plenamente feliz. Todas essas coisas traziam apenas uma passageira sensação de liberdade, de contentamento. Ao cessarem os momentos de glória minha vida estava incompleta e imperfeita. Minha realidade era vazia como uma bela embalagem de presentes muito bem adornada, mas sem nenhum conteúdo.

Além disso, eu percebia uma série de pontos negativos no trabalho com a música popular. Francamente, eu não apreciava o repertório de grande parte dos projetos nos quais estava inserido.

[3] Performances musicais ao vivo.

Com raras exceções, há uma constante atmosfera de comparações entre profissionais da música, sendo extremamente difícil manter-se neutro e não se comportar de modo egocêntrico também. Os ambientes de trabalho são carregados de vícios, promiscuidade e corrupção. O volume da música nos bares e nas festas é ensurdecedor. Eu permanecia exposto, por horas, a níveis altíssimos de ruídos.

Muitas vezes, ao voltar para casa de madrugada, com o cheiro de cigarro impregnado na roupa, pensei: "Por quanto tempo ainda vou trocar o dia pela noite, destruindo minha saúde e tocando essas músicas apenas por dinheiro? Onde está a arte em tudo isso? Compensa continuar?".

Novamente, alguém me falava a respeito de Deus, como um anjo enviado para despertar a minha atenção para algo maior. Conheci uma jovem adorável chamada Regina. Éramos namorados há pouco tempo e ela costumava falar sobre sua fé e seus princípios bíblicos. Sempre ofereci resistência, pois assuntos ligados à Bíblia contrastavam com minha realidade e meus interesses. Mesmo sem conhecer a Bíblia, eu não podia servir a dois senhores.

Ao lhe contar sobre o meu envolvimento com os espíritos (ver capítulo três), Regina me ofereceu um livro chamado *Viagem ao Sobrenatural*[4], relatando as experiências do próprio autor, Roger J. Morneau. O livro fala de Alguém que eu não conhecia. Um Deus pessoal que Se identifica realmente comigo, que Se preocupa com meus problemas e com minha felicidade nos mínimos detalhes, demonstrando inexplicável amor na Pessoa de Seu Filho Jesus Cristo. Esse mesmo Deus, apesar da minha resistência, me ama e me aceita incondicionalmente. A leitura daquele livro foi um meio pelo qual a Pessoa do Espírito Santo

[4] Roger Morneau, *Viagem ao Sobrenatural* (São Paulo: CPB, 2004).

trabalhou em minha mente, apelando, convidando com amor, despertando minha atenção para a Bíblia.

Em pouco tempo, minha curiosidade aumentou e desejei estudar as Escrituras Sagradas. No início quis apenas tirar dúvidas e comprovar fatos históricos. Na verdade, eu era um grande contestador em busca de falhas que pudesse usar como desculpas para justificar minhas paixões. Mas logo conheci mais profundamente o Deus de amor revelado nas páginas inspiradas da Bíblia. Encontrei conforto e segurança ao estabelecer um relacionamento diário com Jesus Cristo através da oração e da leitura da Bíblia. Pouco a pouco, me desarmei de todas as antigas críticas, revendo conceitos e valores sobre Deus, vida, família, relacionamentos, trabalho e, é claro, sobre o significado e a influência da música.

Percebi que essa arte tem grande poder para construir, mas pode também destruir. Isso está diretamente relacionado à moralidade e à saúde física e espiritual. Por muito tempo sobrevivi tocando em ambientes onde pessoas fumavam cigarros sem parar, bebiam até cair, usavam drogas e praticavam a promiscuidade sexual. E havia uma trilha sonora selecionada para aqueles ambientes, estimulando tais práticas. Ao contemplar aquelas cenas eu me autodestruía, comprometia minha audição e meus pulmões, perdia valiosas noites de sono ouvindo e tocando músicas comerciais. O antigo sonho da adolescência se transformou em terrível pesadelo.

Senti-me livre para tomar novas decisões. Para mim estava claro que a música não poderia mais ocupar o lugar de Deus. Eu precisava devolver a Jesus, por livre e espontânea vontade, aquilo que já era Seu por direito: o primeiro lugar em meu coração e em minha vida. Jesus Cristo me comprou com o Seu precioso sangue derramado na cruz e oferecido como preço pelos meus pecados. A partir daí as coisas seriam diferentes, pois

aprenderia a confiar nEle e a esperar Sua direção em todas as coisas. Eu poderia andar seguro, confiando nAquele que dirigiria os meus passos nesse novo caminho para a felicidade.

E assim aconteceu. Eu podia então discernir os sentimentos mesquinhos que haviam guiado os meus passos até ali, até aquela condição de conforto e independência financeira. Senti vergonha de mim mesmo ao pensar nas escolhas que fizera devido à minha vaidade.

Percebi que minha "carreira" de instrumentista popular estava com os dias contados, apesar do desconforto causado a muitas pessoas. Inúmeras decisões foram tomadas entre o final de 2004 e o início de 2005, período em que desisti definitivamente dos *shows* e das gravações artísticas, dando início a um lento e gradativo processo de reciclagem no meu gosto musical e na minha vida profissional.

Abordarei essas mudanças com mais detalhes a partir do capítulo quatro. Antes, porém, é importante citar uma experiência singular ocorrida pouco antes desse período de renúncias.

Capítulo 3

O sucesso a qualquer custo

> *"Levou-lhe ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares."*
>
> Mateus 4:8 e 9 (ARA)

O sucesso é algo muito atraente. Envolve orgulho, ambição e vaidade. Numa visão secular o sucesso profissional de um instrumentista consiste em ser reconhecido no meio musical, obtendo indicações para trabalhos ao lado de artistas e músicos famosos. Por muito tempo persegui esse alvo.

Após alguns anos de experiência como baixista fui indicado para tocar com Nicolas, um cantor e compositor gaúcho nacionalmente conhecido. A indicação partiu de amigos músicos que já o acompanhavam há alguns anos. Com certeza aquela seria uma excelente oportunidade de trabalho e autopromoção. Porém, o tempo passou e não houve nenhum retorno, nenhuma confirmação do convite. Logo percebi que outro baixista havia sido chamado para preencher a vaga.

Minha decepção foi grande. Fiquei profundamente aborrecido e enciumado, pois alimentava a fantasia de fazer parte daquele trabalho. É claro que todo aquele desejo foi

movido por cobiça, não somente quanto à remuneração, mas, principalmente, pela possibilidade de maior prestígio. Eu participaria de um trabalho autoral com viagens e *shows* em diferentes locais do estado e do país. Isso me levaria a uma posição de destaque em comparação a outros baixistas, ocupando uma vaga desejada por muitos. Até mesmo meu antigo professor de contrabaixo havia tocado com Nicolas há muitos anos e, agora, eu assumiria o seu lugar.

Infelizmente, são esses os sentimentos que movem cantores e instrumentistas em sua busca por crescimento e realização profissional, com poucas exceções. Bom seria direcionar conhecimentos e habilidades musicais para proporcionar benefícios físico, emocional e espiritual às pessoas. E por que não realizar algo assim a partir de uma perspectiva cristocêntrica de estilo de vida?

Poucos dias depois recebi um estranho recado por intermédio de alguém que, semanalmente, frequentava reuniões espíritas. O recado vinha de uma médium ou, talvez, de alguma "entidade" através dessa médium. De acordo com a mensagem meus desejos de prosperidade e sucesso seriam realizados, mas com uma condição: eu deveria cumprir certas orientações dadas pelos espíritos. Durante alguns dias eu deveria realizar uma série de rituais que incluíam velas acesas, orações em voz alta expressando meus desejos e também diferentes "receitas" preparadas com ervas, cinzas, mel, anil e outros ingredientes que não me recordo. A cada dia, eu deveria preparar e derramar uma dessas misturas sobre meu corpo num horário determinado. A sujeira resultante após cada um daqueles "banhos" deveria ser completamente descartada e jogada do lado de fora da casa ao anoitecer. "Quanta maluquice!", pensei ao ouvir tudo aquilo.

Na verdade, experiências com o sobrenatural sempre me fascinaram. Aprendi sobre o espiritismo quando criança, por

influência de familiares que me levavam a reuniões em casas de umbanda[1] e centros espíritas kardecistas. Naqueles locais testemunhei possessões, cânticos repetitivos ao som de instrumentos de percussão igualmente tocados de forma contínua e repetitiva, festas, danças, curas e outras manifestações impressionantes muito semelhantes às manifestações que acontecem em inúmeras denominações cristãs. Durante a infância fui submetido ao recebimento de "passes espíritas", a "tratamentos de desobsessão" e a "cirurgias realizadas por espíritos". Conheci o modo como esses seres trabalham, mesmo ignorando sua verdadeira origem. Contudo, por influência de Jônatas, o músico cristão que eu conhecera no ensino médio, há muito tempo eu deixara de buscar soluções místicas para os meus problemas. Jônatas sempre me aconselhou a evitar todo e qualquer contato com o espiritismo. Com base em seus conselhos questionei muito a origem daquela mensagem, ridicularizando e desconsiderando toda e qualquer hipótese de me submeter a tais exigências.

Para a minha surpresa, na semana seguinte recebi um novo recado dos espíritos. Segundo a mesma médium, que era uma praticante da *umbanda branca*[2], não havia motivos para eu duvidar ou temer; pois todas aquelas orientações vinham de espíritos "bons" que somente procuravam ajudar, curar e fazer o bem às pessoas "segundo a vontade de Deus". Além disso, minha frustração e minha preocupação com o sucesso em curto prazo aumentavam a cada dia. Consequentemente, consenti em obedecer às orientações da médium, reafirmando minha fé na imortalidade da alma. Eu me submeti àqueles rituais repugnantes, crendo, de forma ingênua, que tais práticas estariam, de algum modo, ligadas a Deus.

[1] Fundada em 1908, a religião afro-brasileira *Umbanda* reúne elementos do catolicismo, do xamanismo, do espiritismo e do paganismo africano.
[2] Segmento ou "linha" da religião afro-brasileira *Umbanda.*

Quão degradante é a situação do ser humano quando permanece distante de Cristo, sem conhecer o Deus de amor revelado nas páginas inspiradas da Bíblia. Formamos uma imagem do Seu caráter de acordo com nossos interesses e com nossas aspirações. Aceitamos a Deus, contanto que Ele esteja num "formato" que se encaixe em nossos planos. Como é bom perceber que Deus não é assim. Pelo contrário, Ele é nosso Pai amoroso e jamais exige que Seus filhos, criados à Sua imagem e semelhança, se rebaixem a tal ponto para somente então conceder o que de fato necessitam. Seu amor por nós é incondicional.

Finalmente decidi cumprir a minha parte do acordo, concluindo todos os rituais. Na manhã seguinte recebi um telefonema pessoal do próprio Nicolas, o artista com quem sonhara em tocar. Durante um ano e meio, aproximadamente, participei de *shows* e gravações com o novo trabalho. Meu nome apareceu nos principais jornais, listado entre os músicos que o acompanhavam. As respostas vieram com rapidez, conforme o cumprimento das condições impostas pelos espíritos. A sensação de vitória e de reconhecimento era agradável, porém falsa. Eu não havia sido chamado para aquele trabalho por merecimento ou empenho, mas sim como resultado de um pacto com os espíritos. Mesmo assim, entendia que não havia nada de errado em contar com uma "ajudinha extra" na realização dos meus planos.

Aqui está o segredo de muitos artistas que se tornam celebridades da noite para o dia. Perseguem o sucesso desesperadamente e, ao se depararem com quaisquer dificuldades ou fracassos, são seduzidos por uma promessa condicional de êxito. Entregam-se às exigências dos espíritos, firmando pactos que envolvem as mais humilhantes condições. Esses pactos significam futuros sucesso e prosperidade. No

primeiro momento, provam sua fé através de rituais mais simples, como aqueles aos quais me submeti, mas logo precisam estabelecer novos e maiores acordos. São manipulados ao estabelecerem relacionamentos cada vez mais profundos, baseados na fé e na obediência a tais espíritos.

Mas afinal, o que há por trás de tudo isso? Para muitos esses espíritos se manifestam visivelmente, reproduzindo a forma, a voz e até mesmo o cheiro de entes queridos já falecidos. Como podemos ter certeza de que aquilo que declaram é a verdade? E quanto ao seu aparente poder de controlar o futuro e realizar desejos?

Há uma fonte segura que nos informa a sua origem e revela com clareza a verdade sobre a imortalidade da alma. Essa fonte é a Bíblia. Em muitos textos das Escrituras Sagradas encontramos respostas para as dúvidas que nos inquietam. No livro de Eclesiastes lemos o seguinte:

"Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol." – Eclesiastes 9:5 e 6 (ARA).

Analisemos agora os seguintes versículos:

"[...] aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" – Hebreus 9:27 (ARA).

"Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios" – Salmos 146:4 (ARA).

Os textos são muito claros. Não há memória, sentimentos, conhecimento, nem planos depois da morte. A vida é realmente interrompida, desligada. Não há uma passagem ou uma

continuação, conforme muitos creem e ensinam. De forma bastante objetiva a Bíblia afirma que morremos uma só vez e não existe vida após a morte. Sobre os seres que se dizem "espíritos desencarnados", encontramos as seguintes informações no livro de Apocalipse:

"Houve peleja no céu. Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos." – Apocalipse 12:7-9 (ARA).

Há símbolos que, desvendados, tornam fácil a compreensão do texto. *Miguel* significa *"Quem é como Deus?"* ou *"Aquele que é como Deus"*. Nas Escrituras Sagradas, esse nome refere-se a Jesus Cristo, o único que é igual a Deus. A palavra *dragão* simboliza o anjo Lúcifer, que se tornou *Satanás*, ou *"adversário"* de Deus. Lúcifer liderou um grande exército de anjos rebeldes que foram derrotados e expulsos do céu. Aqui na Terra esses anjos foram aceitos pelo primeiro casal humano, Adão e Eva, que escolheu desobedecer ao Criador, duvidando de Suas diretrizes.

Satanás e seus anjos caídos seduzem o mundo com inúmeras estratégias e variados enganos, mantendo os seres humanos ocupados, distraídos, cegos para a verdade e a salvação apresentadas na Bíblia. Esses anjos têm poder de personificar pessoas falecidas nos mínimos detalhes. Podem também controlar a mente de indivíduos que se colocam à sua disposição como intermediários ou "médiuns". Durante uma possessão esses anjos imitam com perfeição amigos e parentes falecidos, como atores interpretando personagens. Assim, enganam a muitos corações sinceros que, ingenuamente, são impressionados

e confortados com as "boas notícias" de seus queridos que se foram.

O objetivo de Satanás é obter dos seres humanos – mesmo que o façamos inconscientemente – a adoração e a obediência que devemos prestar somente ao Criador do universo. Quando o diabo tentou Jesus no deserto, exigindo adoração em troca de glória e riquezas, Jesus, o nosso Salvador, lhe respondeu:

"[...] Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele darás culto" – Mateus 4:10 (ARA).

Só há dois senhores a servir. Ao fazermos a vontade de um, automaticamente, desprezamos o outro. Quando consenti em atender às ordens dos espíritos, eu não tinha consciência de que estava obedecendo, servindo e adorando a Satanás e, assim, desagradando a Deus. Minhas escolhas permitiram que os anjos caídos atuassem livremente, manipulando pessoas e situações em favor dos meus desejos e do cumprimento de suas promessas. Contudo, ao investigar a Bíblia, enxerguei a ação do inimigo.

"Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor, teu Deus, os lança de diante de ti" – Deuteronômio 18:10 a 12 (ARA).

No momento oportuno abandonei o trabalho com Nicolas. Essa não foi uma decisão fácil, pois tive que superar a vaidade musical, o julgamento e a reprovação dos músicos, e o meu apego ao dinheiro. Apesar disso, a vontade de servir unicamente a Deus através da música crescia e tornava-se maior do que tudo isso. A Pessoa do Espírito Santo realizava, então, uma obra de transformação em minha mente, refinando os meus valores e as

minhas preferências. Esse é um trabalho lento e gradativo que requer submissão da parte do ser humano à ação de Jesus Cristo em sua vida, a cada dia.

Ao contrário do sucesso vazio e passageiro, sem propósito nem significado – aquele falso sucesso que o príncipe deste mundo promove – há um caminho pleno de realizações e prazer ao lado de Cristo. É maravilhoso sentir-se como instrumento em Suas mãos, seja através da música, seja através de palestras e testemunhos, semeando esperança em corações vazios e sedentos por salvação.

Ao abrir mão das sedutoras ofertas de prosperidade e *status* que acompanhavam o trabalho na música popular, escolhi viver em paz, descansando na providência de Deus e submetendo todos os meus sonhos à Sua direção, à Sua vontade. Escolhi, de modo consciente, servir somente a Jesus Cristo.

"Algumas pessoas vão pedir que vocês consultem os adivinhos e os médiuns, que cochicham e falam baixinho. Essas pessoas dirão: 'Precisamos receber mensagens dos espíritos, precisamos consultar os mortos em favor dos vivos!' Mas vocês respondam assim: 'O que devemos fazer é consultar a Lei e os ensinamentos de Deus. O que os médiuns dizem não tem nenhum valor.'" – Isaías 8:19 e 20 (NTLH).

Capítulo 4

Quando Deus é o Regente

"Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres."

Mateus 26:39 (ARA)

Obedecer de maneira voluntária não é uma tendência natural do ser humano. Minha inclinação é a de fazer tudo o que quero e sempre do meu modo. Tudo tem de ser assim, pois, de modo presunçoso, estou seguro de que posso ser o "senhor de mim mesmo". Sinto-me independente e capaz de administrar tudo sozinho. Essa sempre foi a minha postura com a música e com as demais áreas da vida antes de encontrar meu Mestre Jesus Cristo. E mesmo depois desse encontro, continuo sujeito a cair nessa perigosa armadilha se, por apenas um momento, perder de vista a realidade de que Deus é o nosso Senhor e Mantenedor. É Ele quem está no controle dos acontecimentos como um Regente ao conduzir Sua orquestra. Preciso me submeter à Sua ação e à Sua direção, mesmo que a batalha pareça estar ganha por meus próprios méritos e não perceba a necessidade de orar e de buscar a Jesus. O ato de submissão movido por amor, conforme Deus nos revela em Sua Palavra, é algo que me fez refletir muito durante esses anos de contato com Jesus Cristo.

Em uma orquestra os músicos precisam estar submissos e atentos à coordenação do maestro em todo o tempo. Do contrário não haverá concordância entre músicos e regente, e o resultado será desastroso. O mesmo acontece na caminhada cristã. Se eu tirar os olhos do meu Maestro, estou simplesmente perdido. Deus é o Regente em minha vida. Devo me submeter a Ele e confiar em Sua regência, a fim de que as notas do meu viver soem bem afinadas, em perfeita harmonia e sempre de acordo com o Seu arranjo, que é perfeito. Somos composições Suas. Os planos de Deus são os mais lindos arranjos que podem ser escritos para nós, que somos Suas inspiradas composições.

Já experimentei resultados surpreendentes ao entregar meus caminhos aos cuidados do Onipotente e Onisciente Deus. Em várias situações pude contar com uma força inigualável em meu auxílio, algo semelhante a um Pai que vem em socorro de seu filho em apuros. Há momentos em que parece não haver mais saída e, do ponto de vista humano e limitado, não há mesmo. Mas há o Deus poderoso em quem posso confiar sempre. Sei que Ele está à frente de tudo, e que somente nEle posso descansar. Em Jesus Cristo encontro poder, que não há em nenhuma outra fonte, para suportar as dificuldades e ser vitorioso.

Com muito carinho e paciência, o Senhor tem me mostrado mudanças e aprimoramentos que preciso fazer em meu gosto musical, em meus hábitos em geral, em minhas prioridades e em meus valores. Essas decisões são alicerçadas em orações e na submissão, e nunca são tomadas da noite para o dia. A ação do Espírito Santo ao influenciar nossas escolhas acontece dia após dia, de modo racional, à medida que permitimos Sua influência em nossa mente. Deus aponta as melhores soluções e nos mostra razões concretas para cada passo indicado. Nosso Deus é um

Deus real, sempre presente e com amor atento às nossas orações, segundo Sua perfeita vontade.

Respostas claras e impressionantes de Deus têm ocorrido desde que experimentei esse poder sem limites que está ao alcance de todos. Por aproximadamente dez anos corri atrás do sucesso profissional como baixista em palcos e estúdios de gravação. No início de 2005, ao passar por um período de sérias decisões acerca da música como único ou principal meio de subsistência, eu permanecia ligado a oito projetos musicais, simultaneamente. Entre eles, havia bandas de *pop rock*, cantores de música popular brasileira, um projeto instrumental autoral, um grupo de música cubana e um trio de *jazz*. Desse modo, todo o meu tempo estava distribuído entre os ensaios, as passagens de som, as muitas viagens, as incessantes horas de estudo do contrabaixo elétrico e também a prática do contrabaixo acústico[1], além das eventuais aulas que ministrava aos alunos baixistas. Muitas pessoas oravam por mim nessa época e eu já tivera contato com os primeiros estudos bíblicos.

À procura de soluções para alguns problemas pessoais, decidi confiar literalmente nas minhas próprias mãos, dando início à prática de artes marciais. Assim, estaria também realizando alguma atividade física, algo que certamente traria benefícios à minha saúde. Descobri que não muito longe da minha residência havia uma escola de *Pa-Kua*, uma arte marcial chinesa. Após realizar a matrícula, percebi que precisaria de um uniforme adequado, uma roupa bastante leve que proporcionasse total liberdade de movimentos. Decidi ir ao centro de Porto Alegre e, depois de realizar uma pesquisa rápida em lojas de roupas esportivas, encontrei um item de qualidade que atenderia às minhas necessidades por um valor acessível.

[1] Contrabaixo clássico ou *double bass.* O contrabaixo utilizado em orquestras. O maior instrumento da família das cordas com arco.

Então, ao passar pelo caixa da loja, realizei o pagamento pela roupa. Porém, antes de sair eu recebi um pequeno cartão de papel, um cartão de visitas comum com o logotipo da loja, o endereço e os telefones para contato. Naquele mesmo cartão, abaixo dessas informações havia ainda um último texto, uma frase curta dizendo o seguinte:

"Bem aventurado o homem que teme ao Senhor." – Salmo 112:1 (ARA).

Foi como se o tempo parasse naquele exato momento. A mensagem no cartão estava diretamente endereçada à realidade que eu estava vivendo, onde um grande conflito passava a ocupar a minha mente, dia após dia. Quanto mais eu me aproximava da Verdade revelada na Pessoa de Jesus, mais provações e distrações surgiam para desviar o meu foco. Mas agora a Palavra de Deus me alcançava num lugar inesperado e de modo inexplicável. Por que fui parar logo naquela loja, com tantas outras ao redor naquele mesmo prédio ou nos arredores vendendo os mesmos produtos? Por que eu tinha que receber o cartão? Por que justamente naquele lugar havia um texto bíblico impresso no cartão de contatos da loja? E por que aquele texto tão apropriado para aquele momento em que eu buscava soluções humanas?

Mesmo reconhecendo aquele milagre, permaneci resistente e frequentei o curso de artes marciais por mais alguns meses, procurando tirar proveito do condicionamento físico. Sem dúvida essa foi uma justificativa infantil, já que o mesmo preparo físico pode ser encontrado em quaisquer outras atividades que não envolvam agressividade e competição. Mas em pouco tempo, abandonei a escola de artes marciais ao perceber quais eram os verdadeiros princípios filosóficos e idólatras implícitos naquelas práticas.

Por meio de um simples cartão de visitas, Deus me orientou, dizendo que eu poderia descansar nEle, pois o Senhor é a nossa Solução para qualquer problema. Deus buscou assim, de forma tão incomum e ao mesmo tempo tão concreta, reger os meus passos mais uma vez me conduzindo para longe da autossuficiência. Certamente esse mesmo princípio se aplicaria às futuras decisões sobre o trabalho e a música.

Capítulo 5

Um novo olhar sobre os gêneros populares

"E assim, se alguém está em Cristo é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas."

2 Coríntios 5:17 (ARA)

Após alguns meses contemplando o caráter de Jesus Cristo através da leitura da Bíblia e da oração, as coisas estavam diferentes e eu não sentia mais aquele mesmo desejo de tocar em qualquer lugar apenas pelo dinheiro. O meu olhar sobre o trabalho como instrumentista na música popular, e sobre todos os aspectos relacionados àquele trabalho, estava mudando, dia a dia.

Por opção pessoal eu estava abandonando aquela "corrida do ouro". Meu novo Regente me conduzia com mansidão, de modo desacelerado e suave. Inexplicavelmente me senti seguro em Suas mãos e pude seguir sem medo de cair. E o melhor de tudo é que ao me submeter a Deus, me senti verdadeiramente feliz. Essa submissão não era algo incômodo ou forçado, mas sim uma atitude natural em resposta ao Seu infinito amor demonstrado por mim na cruz do Calvário. Pela primeira vez eu

experimentava caminhar pela fé, movido por esse amor incondicional.

Pouco a pouco entrei em contato com os músicos responsáveis de cada um dos projetos nos quais atuava como baixista. Estava comunicando o meu afastamento ou, em outras palavras, "pedindo demissão".

Esse desligamento não ocorreu com todos os trabalhos ao mesmo tempo. Comecei deixando os grupos cujo trabalho contrastava demais com meus novos princípios e também com meu gosto musical. Por exemplo, há muitos anos eu já não apreciava o gênero *rock*, apesar de permanecer submisso aos *shows* por dinheiro tocando aquelas mesmas músicas pelo menos uma ou duas vezes por semana. Essa rotina se estendeu por aproximadamente seis anos e eu cumpria aqueles compromissos sem nenhum prazer, mas apenas no modo "piloto automático". Logo, com tranquilidade e convicção, abandonei primeiro as bandas e demais projetos voltados para o *rock*.

Obviamente, muitas dúvidas surgiram nesse período. De modo maravilhoso e prático a Pessoa do Espírito Santo respondeu a todos os meus questionamentos relacionados aos estilos musicais, aos eventos e aos ambientes profissionais que poderiam ou não estar de acordo com o estilo de vida cristão.

Deus nos responde através do estudo bíblico, através de pessoas agindo como seus canais de providências e através de indicações à mente racional[1]. Sua voz amorosa falava à minha consciência chamando minha atenção nos instantes e lugares certos, apontando a direção e trazendo segurança nas decisões mais difíceis. Em muitos casos, isso aconteceu nos momentos em que eu estava no palco participando de um *show*. Gradualmente,

[1] Ver "Uma Voz Suave e Delicada". Vídeo disponível em: terceiroanjo.com/post/uma-voz-suave-e-delicada-pr-henry-feyerabend

pude analisar cada aspecto negativo nos trabalhos com a música popular ao discernir Sua orientação.

"Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus." - Romanos 8:14 (ARA).

"Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele." - Isaías 30:21 (ARA).

Pop rock, *rhythm and blues*, *soul music*, *jazz*, samba, baião, bossa nova, música popular brasileira, *salsa*, *reggae* e *jazz fusion* foram os principais gêneros musicais com os quais tive contato no período de atuação como baixista profissional.

Uma atenção especial deve ser dirigida àqueles gêneros que vêm sendo utilizados em larga escala em associação com a música cristã contemporânea nas últimas décadas. Essa perigosa combinação acabará por atribuir valores desmoralizantes às composições que pretendem elevar-nos à alta norma da Lei de Deus. Não há necessidade de um estudo mais aprofundado em cada um desses gêneros populares para que possamos realizar comparações e ponderações a respeito de seu uso; seja na apreciação pessoal, seja na execução musical em nível profissional ou não. Para isso é útil apresentar algumas de suas respectivas características e dados históricos, além de experiências pessoais.

Capítulo 6

Rhythm and Blues (R&B)

> *"Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus."*
>
> Tiago 4:4 (ARA)

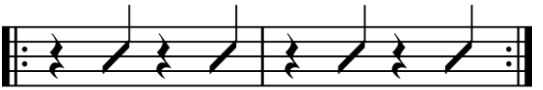
Participei de duas bandas de *rhythm and blues*, tocando em pequenos bares da capital gaúcha e região metropolitana. Tocávamos músicas de B.B. King, Willie Dixon, Bessie Smith, Floyd Dixon, Robert Johnson, Freddie King, Stevie Ray Vaughan, Eric Clapton, Jimi Hendrix e outros.

Os *shows* eram contagiantes e vibrantes. Apesar disso, nunca houve um público numeroso nos pequenos *pubs*[1] onde costumávamos tocar. As músicas possuíam muita energia, cheias de solos e *riffs*[2] de guitarra com momentos que culminavam num intenso volume de amplificadores e bateria. Havia também solos de contrabaixo sobre algumas canções.

[1] Locais que servem diferentes tipos de bebidas alcoólicas onde se pode ouvir música (*rock*, *blues*, *etc.*) inspirados nos tradicionais *Pubs* do Reino Unido.
[2] Sequência de notas musicais, acordes ou intervalos, tocada de modo repetitivo como acompanhamento para uma música.

As estruturas harmônicas eram simples e repetitivas, tradicionalmente conhecidas como "*twelve bar blues*" (*blues* de doze compassos) e "*minor blues*" (*blues* em tom menor). As letras eram em inglês e falavam sobre mulheres, vícios, bebedeiras, angústia, sexo e pactos com o diabo em encruzilhadas, temas bastante corriqueiros no universo do *blues*. Algumas vezes, os textos traziam o nome de Deus misturado a esses assuntos, em um tom de lamentação.

A característica rítmica no *rhythm and blues* (também conhecido como "R&B") consiste em acentuar os tempos fracos do compasso quaternário (o segundo e o quarto tempos) com um toque na caixa da bateria (*snare drum*). Nas gravações mais antigas, a partir da década de 1930, podemos perceber que o contrabaixo acústico imita a mesma acentuação da caixa no *rhythm and blues*, fortalecendo as notas tocadas nos tempos fracos do compasso (ver capítulo vinte). A caixa é um tambor com menos profundidade do que os demais, que possui timbre seco e agudo, semelhante ao tarol utilizado nas bandas marciais. Nesse tambor, o baterista pode produzir um ruído agressivo e explosivo, semelhante a um tiro. Essa acentuação na caixa da bateria, ocorrendo sempre no segundo e no quarto tempos do compasso de modo repetitivo e contínuo, é chamada de *ritmo sincopado* ou *back beat*.



Esse padrão rítmico tornou-se a assinatura da música popular norte-americana e ganhou força a partir da segunda metade do século 20.

"Um *back beat*, ou *backbeat*, é uma acentuação sincopada na batida 'discordante'. Em um compasso simples 4/4, são as batidas *2* e *4*."[3]

Assim se dá a acentuação dos tempos fracos no *rhythm and blues* e no *rock and roll*. Devemos observar que essa mesma assinatura rítmica está presente também em todos os subgêneros do *rock* e do R&B: *pop rock*, *soul music*, *rockabilly*, *ska*, *funk music*, *country rock*, *disco music*, *hard rock*, *heavy metal*, *reggae music*, *punk rock*, *gospel music*, *rap*, *hip hop*, *techno pop*, *grunge*, *nu metal*, *folk rock*, *emocore*, *samba rock*, *neo soul*, *smooth jazz*, *screamo*, *indie rock*, *acid jazz*, etc.

Nos próximos capítulos conheceremos os resultados da influência desse ritmo sobre nossa saúde, sobre nosso comportamento e sobre nossa espiritualidade. Se estivermos cientes da realidade desses resultados e acostumados a identificar a batida do *rhythm and blues* que está impressa na música popular contemporânea, poderemos selecionar melhor as músicas que ouvimos e que nos influenciam. Não apenas isso, mas saberemos como discernir entre aquelas músicas cristãs que genuinamente edificam nossa experiência com Deus, e aquelas músicas religiosas comerciais que enfatizam a mesma batida do *rock* e do R&B, conservando seus resultados.

"Há caminho que parece direito ao homem, mas afinal são caminhos de morte" - Provérbios 16:25 (ARA).

Perceba que há um elemento comum e sutil presente em todas as músicas populares que são influenciadas pelos ritmos norte-americanos. Grande parte do repertório dos demais trabalhos de que participei continha esse mesmo ingrediente musical poderoso e contagiante.

[3] "Backbeat". *Oxford Music Online*. Grove Music Online. 2007

Acima de tudo, em nossa vida espiritual, é preciso filtrar o que é prejudicial e buscar conhecer músicas que podem edificar nosso caráter e contribuir de maneira positiva em nossa experiência diária com Jesus Cristo.

"Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus." - I Coríntios 10:31 (ARA).

Capítulo 7

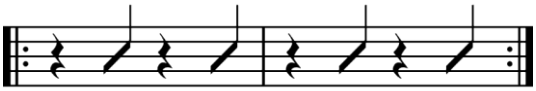
Pop Rock

"Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele."

I João 2:15 (ARA)

Pude distinguir claramente que não agia em harmonia com a vontade de Deus ao passar noites em claro, tocando em bares com diferentes bandas de *pop rock.* O *rock* é o combustível certo para provocar comportamentos irresponsáveis e agressivos, motivando escolhas insensatas. Uma banda de *rock* em uma festa funciona como uma usina de energia, produzindo no público estímulos moralmente degradantes, sensações de prazer e euforia. Pude comprovar isso na prática ao contemplar o público em seus divertimentos nos muitos locais onde estive com meu contrabaixo elétrico nas mãos, sendo eu mesmo um dos responsáveis por aqueles resultados.

O *rock* possui o mesmo ritmo sincopado do *rhythm and blues,* marcado pelo toque forte na caixa da bateria ocorrendo sempre nos tempos *2* e *4* do compasso.



A exposição, por horas, a esse ritmo repetitivo característico do *rock* somado ao volume intenso podem estimular músicos e público à dança sensual, à libertinagem e ao consumo desenfreado de álcool e outras drogas. Esses resultados são comprovados pela ciência (ver capítulo vinte) e estão registrados na história da música popular do século 20.

Alguns anos depois de meu afastamento do ambiente artístico, encontrei grande variedade de informações sobre a origem, os propósitos e a influência do *rock* na sociedade mundial. Uma rápida pesquisa na internet é suficiente para que o leitor tenha acesso a diversos materiais relevantes a esse respeito incluindo palestras, literatura, vídeos e artigos.

Em seguida destaco alguns desses materiais. No livro *Música, Reverência e Adoração*, do graduado em matemática e músico Leandro Dalla, há um capítulo inteiro sobre o assunto "*Rock and Roll*". Esta publicação está disponível em *e-book* para *download* gratuito no blog Música e Contemplação[1]. Outros livros interessantes editados em língua portuguesa que expõem muitas das armadilhas da música *pop rock* e da indústria do entretenimento são estes: *Livre das Garras do Sucesso*[2], do jornalista e ex-compositor de música popular Miguel Bispo dos Santos; *Nos Bastidores da Mídia*[3], escrito pelo jornalista e mestre em teologia Michelson Borges; *Cristãos em Busca do Êxtase*[4], do jornalista e editor Vanderlei Dorneles; *Novo Ritmo*[5], do ex-artista de hip-hop Ivor Myers; *O que Deus Diz Sobre a Música*[6], escrito pela doutora em arte musical Eurydice Valenis Osterman. Há também listas de

[1] musicaecontemplacao.blogspot.com
[2] Disponível em www.cpb.com.br
[3] *Ibidem*
[4] *Ibidem*
[5] *Ibidem*
[6] Disponível em adventus21.com

vídeos com grande número de palestras e testemunhos[7] que poderão trazer mais detalhes sobre o assunto.

Todas as informações que encontrei nesses anos de pesquisas descrevem exatamente as desagradáveis cenas que vivenciei no passado, quando mergulhado no mundo do *rock*. Por aproximadamente seis anos eu estive ligado às chamadas "bandas *cover*" de música *pop rock* tocando em diferentes cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Ao invés de composições próprias, essas bandas apresentavam somente canções conhecidas de artistas nacionais e internacionais como: Legião Urbana, Lulu Santos, Rita Lee, Os Paralamas do Sucesso, Titãs, Barão Vermelho, Capital Inicial, Marina Lima, Skank, Jota Quest, O Rappa, Raimundos, Charlie Brown Jr., Planet Hemp, Cássia Eller, Fernanda Abreu, Ed Motta, Tim Maia, Marisa Monte, Tribalistas, Frejat, Nando Reis, Fito Páez, Maná, Shakira, Santana, U2, Red Hot Chili Peppers, Lenny Kravitz, Oasis, Alanis Morrisette, Audioslave, Avril Lavigne, Cold Play, Maroon 5, Jack Johnson, Joss Stone, Eagle-Eye Cherry, The Strokes, Sublime, Counting Crows, Shania Twain, Morcheeba, Natalie Imbruglia, Des'ree, Cheryl Crow, 4 Non Blondes, Meredith Brooks, R.E.M., Nirvana, Stone Temple Pilots, Pearl Jam, Green Day, The Offspring, The Black Crowes, Metallica, Guns N' Roses, Vaughan Brothers, Sting, Prince, David Bowie, Talking Heads, Madonna, Simply Red, Sade, George Michael, The Police, Aerosmith, KISS, Van Halen, Led Zeppelin, Roy Orbison, Joe Cocker, Doobie Brothers, Bob Marley, Eric Clapton, Queen, Creedence Clearwater Revival, Pink Floyd, The Doors, Janis Joplin, The Rolling Stones, The Beatles, James Brown, Marvin Gaye, The Temptations, Otis Redding, Elvis Presley e muitos outros. Os repertórios daquelas bandas eram um misto de *rhythm and blues*, *rock*, *reggae* e *soul music*.

[7] Disponíveis em musicaecontemplacao.blogspot.com.

É possível que a maioria das pessoas seja um ouvinte despreocupado e acostumado a consumir esses gêneros musicais. É provável que muitas pessoas, se forem músicos como eu, tenham o hábito de ouvir, tocar e cantar as canções desses artistas *pop*. Se uma pessoa acredita, com sinceridade, que isso não interfere negativamente em sua espiritualidade, em seus hábitos e em suas escolhas, saiba que está sinceramente enganada.

Em dois de março de 2016, na semana em que a banda The Rolling Stones esteve pela primeira vez em Porto Alegre para um único *show*, o jornal Zero Hora publicou esta curiosa declaração:

"Ainda não coloquei a morte na minha agenda. Eu ainda não quero encontrar meu velho amigo Lúcifer. Ele é o cara com quem vou encontrar. Com certeza não vou lá para cima." – Keith Richards, guitarrista da banda de *rock* The Rolling Stones.

Essa é apenas uma amostra das inúmeras afirmações semelhantes feitas por celebridades da indústria da música *pop*. Temas como relativismo, idolatria, abandono de valores morais, ateísmo, satanismo, panteísmo e espiritualismo são assuntos corriqueiros em suas declarações.

Conheci diferentes músicos cristãos que apreciavam e consumiam músicas de Michael Jackson, Phil Collins, Michael Bolton, Mark Knopfler, John Meyer, Dream Theater, Steve Vai, Dave Matheus Band, AC/DC, The Beatles, U2, Elton John, Paul McCartney e vários outros nomes já citados aqui. Conheci também cristãos sinceros que não eram músicos, contudo em seus momentos de entretenimento ouviam e cantavam canções de Whitney Houston, Toni Braxton, Mariah Carey, Backstreet Boys, Justin Timberlake, Christina Aguilera, Britney Spears, Madonna, INXS, Roxette, Brian Adams, Creed, Linkin Park, Black Eyed Peas, Fergie, Beyoncé, Adele, etc.

Este é o momento de parar para refletir seriamente sobre aquilo que temos consumido no campo musical. As músicas daqueles artistas já mencionados é que "embebedavam" o público em suas paixões até o amanhecer nos bares onde estive trabalhando como baixista durante anos a fio, semana após semana. Vi de perto os resultados terríveis da influência dessas mesmas músicas na mente e na vida de muitas pessoas. Acompanhei a decadência moral de vários ex-colegas músicos e de outros profissionais daquele meio, como *roadies*[8], motoristas e engenheiros de som, que tiveram sua saúde e seus relacionamentos seriamente abalados ou completamente destruídos.

A seguir, um resumo do testemunho de alguém que teve sua vida arruinada por essa influência:

"Em companhia de alguns amigos, passei a ouvir certas músicas. Um cântico levou a outro e finalmente meus talentos naturais para a música e a arte foram canalizados para o sonho irreal e psicodélico do rock. Acabei sendo fisgado. O poder, as vestes, a fama e a presença mundial da revolução do *rock* cativaram-me. Logo me vi separado do mundo espiritual e da fé de meus pais. Uma nova era, uma nova cultura, tinham-se apoderado de minha vida, como ocorrera com a vida de tantos outros.

"Logo passei para um estado permanente de rebelião. Nas palavras de um *pop star* do *rock*, David Crosby, 'imaginei que a única coisa a fazer era roubar seus meninos... Ao dizer isso, não estou falando de sequestrar, mas de mudar o sistema de valores, que os remove muito efetivamente do mundo de seus pais'.

[8] Profissionais responsáveis pela manutenção, instalação e preparação de equipamentos e instrumentos musicais para a realização de um concerto ou *show.*

"O *rock* afastou-me efetivamente do mundo de meus pais. Enquanto ainda adolescente, fugi do internato e de casa, fui preso por uso de drogas e prática de roubo, além de envolver-me em lutas corporais com colegas e professores.

"Meu sonho era aprender a tocar violão, coisa que fiz a toda pressa a fim de conquistar o 'mundo deslumbrante de sexo, drogas, moda e *rock'n'roll*. Eu sabia que o *rock* era exatamente isso. O próprio empresário dos Rolling Stones havia dito inequivocamente: '*Rock* é sexo. Você precisa impressionar os adolescentes com isso'."[9]

Pense nos ídolos da música que atraem milhares de fãs aos seus *shows*. Seus admiradores investem tempo e dinheiro consumindo um "pacote de serviços" que inclui músicas, vídeos, imagens, hábitos, linguagem, vestuário, corte de cabelo e outros itens. Suas mensagens e atitudes influenciam poderosamente o comportamento de seus seguidores.

Na minha adolescência, o *rock* foi a música que mais me entusiasmou. Aparentemente, toda aquela informação musical e visual era inofensiva. Letras, roupas, gestos e símbolos pareciam não me influenciar, mas esses aspectos eram parte de um estilo de vida que, pouco a pouco, moldava as minhas atitudes. Com o tempo, comecei a refletir no meu modo de vestir, falar e agir, as características daquilo que eu contemplava. Meu comportamento revelava a quem eu seguia, a quem imitava e a quem adorava.

Adolescentes e jovens buscam uma identidade, um grupo que os compreenda e os aceite. Na maioria das vezes, a música é quem os guia. Pessoas demasiadamente expostas a um determinado estilo musical ou cultura são fortemente influenciadas. A mudança é nítida e inevitável.

[9] Disponível em: dialogue.adventist.org/pt/704/a-fuga-do-rock

Jamais subestimemos as estratégias e as táticas do inimigo de nosso Criador. Conversar com Deus sobre esse assunto em oração particular e silenciosa, é fundamental. É preciso fazer isto de maneira sincera, expondo a Ele todos os conflitos e todas as dúvidas. É necessário aguardar a ação divina, confiando e descansando nEle. As respostas dEle são surpreendentes; e até hoje Ele sempre me surpreende.

Mesmo não apreciando os repertórios e considerando os ambientes degradantes, me submetia àqueles trabalhos por dinheiro; era uma forma de "prostituição musical". Estava conformado com a justificativa de que "o mercado local não oferecia melhores opções para o instrumentista". Em resumo, pagava minhas contas à custa do meu declínio moral, da perda gradual da audição e da obrigação de tocar canções monótonas e com um nível de exigência técnico-musical muito pequeno.

Um dos problemas mais graves daqueles *shows* era a exposição prolongada ao ruído. Sons com intensidade superior a oitenta e cinco decibéis são considerados de risco, podendo provocar perdas irreversíveis na audição. O tempo máximo recomendado de exposição diária a ruídos com intensidade de oitenta e cinco decibéis é de oito horas.

"Durante uma passagem de som, o músico e a equipe técnica chegam a ficar expostos, por algumas horas, a cerca de 120, às vezes até 130 decibéis! De acordo com a legislação de controle de ruído do Ministério do Trabalho, o limite seguro para a exposição sem proteção vai de 80 a 85 decibéis, pelo período de seis a oito horas. Quando a intensidade do som aumenta para 90 decibéis, o tempo de exposição sem dano aos ouvidos cai para três horas. Subindo a 120 ou 130 decibéis, tal período passa a ser

de apenas 15 minutos. Com esses dados, é possível ter ideia do risco que a audição dos profissionais do ramo está correndo."[10]

"A Organização Mundial de Saúde (OMS) alerta que 1,1 bilhão de jovens em todo o mundo correm risco de sofrer perda auditiva devido à exposição ao barulho causada por seus hábitos diários. [...] Especialistas avaliam que 85 decibéis (dB) até 8 horas é o nível máximo de exposição sem riscos a que um ser humano pode se submeter. Esse período de tempo diminui na medida em que a intensidade do som aumenta. [...] Já em discotecas e bares, os níveis de ruído podem variar entre 104 dB e 112 dB."[11]

Com as bandas de *pop rock* tocávamos em locais aonde o nível de intensidade de som chegava muitas vezes aos cento e dezoito decibéis. Lembro-me muito bem dos comentários e piadas dos engenheiros de som a respeito da "marca dos 118 dB" alcançada. Os músicos e o público permaneciam ali expostos durante horas e, na maioria das vezes, durante uma noite inteira.

Curiosamente, "arte dos sons" é uma das definições mais empregadas para a palavra *música*. De acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, a música é a "arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido". No entanto, para onde vai essa arte quando o som é mal utilizado a ponto de se tornar não somente desagradável, mas perigoso para a audição? Deveria a arte dos sons prejudicar os órgãos responsáveis para a percepção e para a apreciação desses mesmos sons?

Em 14 de setembro de 2006, o jornal Zero Hora trazia a seguinte declaração do guitarrista inglês Eric Clapton:

[10] Revista *Cover Baixo*, novembro de 2002.
[11] BBC Brasil. Disponível em:
www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150306_ruido_audicao_lgb

"Minha audição está arruinada e, se paro para escutar, ouço uma espécie de assovio constante em meu ouvido. Acho que sofro de *tinnitus*. Provavelmente toquei diante de alto-falantes com cem *watts* de potência. Foi uma loucura."

Na semana seguinte, a Revista Veja publicava a mesma declaração, enquanto o jornal Zero Hora retomava o assunto com o seguinte comentário do médico otorrinolaringologista José Seligman, intitulado *A Surdez do Guitarrista*:

"O guitarrista britânico Eric Clapton fez uma declaração pública que, seguramente, vai contribuir para a prevenção da surdez devida a ruído de forma muito mais efetiva que todos os trabalhos científicos sobre este assunto publicados na última década. [...] Na verdade sua doença é bastante comum, sendo conhecida sobremaneira por otorrinolaringologistas, médicos do trabalho e fonoaudiólogos e designando-se, no Brasil, como PAIR – perda auditiva induzida por ruído. Desde 1993 há um esforço por parte dos profissionais para convencer as pessoas que vivem sob efeito do barulho de que, de uma forma ou de outra, não podem se descuidar de sua proteção. [...] Trata-se de uma inversão de valores. O fumo, o álcool, as drogas, o ruído, entre tantos outros agressores conhecidos, merecem uma avaliação mais correta por parte da população. Mas parece que as pessoas só se conscientizam de seus efeitos danosos quando uma personalidade como o guitarrista inglês vem a público para denunciar."

O que dizer, então, de todos esses agressores - fumo, álcool, drogas, ruídos - somados num mesmo evento?

Nessa mesma época, já distante dos palcos, eu trabalhava como monitor em uma biblioteca. Havia um bibliotecário que estava sofrendo com o seu recém-diagnosticado *tinnitus*, fruto da exposição contínua ao ruído em ensaios com bandas de *rock* na

sua juventude. Lemos o jornal com o texto acima no dia de sua publicação. Lembro-me claramente do desconforto expresso em seu semblante causado pelo zumbido ininterrupto, enquanto pronunciava a seguinte frase: "Essa é uma cultura destrutiva!". Concluímos que a realidade profissional do instrumentista o expõe a perigos para a sua audição em diferentes contextos musicais.

Aqueles meus seis últimos anos nesta profissão foram os de maior exposição a volumes extremos. Foram muitas horas despendidas em ensaios, passagens de som e *shows*, além do tempo de permanência em eventos com música mecânica em níveis de volume excessivamente altos. Por vezes, procurei reduzir o desconforto e a dor nos ouvidos com algodão ou com diferentes tipos de protetores auriculares (*earplugs*), mas sem alcançar resultados efetivamente satisfatórios. Uma audiometria realizada durante aquele período revelou certo grau de perda auditiva.

Mesmo hoje, após alguns anos de férias para os tímpanos, os sintomas de uma audição prejudicada já começam a surgir, lentamente. Meus cuidados têm sido redobrados, evitando a permanência em locais com muito ruído ou música alta, pois pretendo preservar ao máximo o que ainda resta desse maravilhoso sentido.

Esse é um assunto que merece profunda reflexão e exame de valores. Com cuidado e bom senso, posso escolher abandonar o que me prejudica e ficar com a música que não agride, mas beneficia o corpo, o intelecto e as emoções. De fato, estamos inseridos numa "cultura destrutiva" que nos cerca e consome.

A audição comprometida foi apenas uma dentre as tantas razões que me levaram a abandonar primeiro as bandas de *pop rock*. Permaneci tocando apenas com os projetos que considerava

mais “artísticos” e menos insalubres. No entanto, pouco a pouco pude perceber aspectos e dificuldades semelhantes em outras situações profissionais.

Capítulo 8

Reggae Music

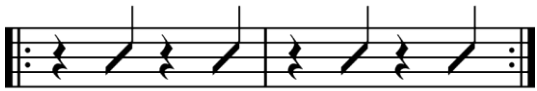
"Vou cantar com o meu espírito, mas também cantarei com a minha inteligência."

I Coríntios 14:15 (NTLH)

A música *reggae* estava presente em diversos trabalhos, sendo esses autorais ou não. Nos repertórios daquelas mesmas bandas de música *pop rock*, havia canções de artistas de *reggae* mundialmente conhecidos como Bob Marley, The Wailers, Ziggy Marley, Inner Circle, Jimmy Cliff e Peter Tosh. Noutros projetos mais voltados à MPB, tocávamos músicas de Gilberto Gil, Os Paralamas do Sucesso, O Rappa, Skank, Chico César, Cidade Negra, Tribo de Jah, Sine Calmon, Natiruts e outras, todas temperadas com o ritmo jamaicano.

No *reggae* há uma característica sonora marcante que fica evidente até mesmo para leigos que é a *repetição*. Há um ritmo sincopado, conhecido como *skank*[1], executado por guitarra, violão, teclado ou instrumentos como o ukulele[2].

[1] Base rítmica da música *reggae* executada na guitarra quando o músico acentua os tempos fracos do compasso (tempos 2 e 4). Dança associada a esse ritmo.
[2] Instrumento de cordas de origem portuguesa, comum na música havaiana.



Este ritmo sincopado se repete ao longo de toda a música pronunciando os acordes somente no segundo e no quarto tempos do compasso.

O contrabaixo traz sempre uma equalização excessivamente grave, realizando linhas melódicas pesadas e igualmente repetitivas. Nos *shows* de *reggae*, essas frequências graves são intensificadas ainda mais pelo volume dos amplificadores de potência, fazendo com que os ouvintes literalmente "sintam" a música pelas vibrações das notas do contrabaixo. Esse e outros elementos sonoros intensos e repetitivos colaboram para a movimentação do corpo e para a inibição da razão.

Há muito misticismo implícito na música *reggae.* O Ph. D. Wolfgang Hans Martin Stefani, que é músico e professor especialista na área da música sacra, traz uma interessante citação em seu livro *Música Sacra, Cultura e Adoração.* Stefani define o *reggae* caribenho como um ritmo secular que consiste em: "(...) uma imitação do batuque religioso rastafári conhecido como 'música Nyabingi'".[3]

O consumo livre de maconha, associado à música e à busca por estados alterados de consciência, é outro elemento característico nos círculos musicais, ensaios, camarins ou entre o público dos *shows* de *reggae.* Muitas canções fazem apologia ao uso da droga.

[3] Barret, *The Rastafarians*, p. 245; citado em: Stefani, *Música Sacra, Cultura e Adoração*, p. 133.

Na cultura *reggae* o estado de inibição do lobo frontal (raciocínio) induzido pelo ritmo hipnótico e pelo consumo de maconha, é aceito como um meio de contato com o sagrado, e como um despertar para maiores conhecimentos.

"A música *reggae* surgida na Jamaica, era uma expressão mística do rastafarianismo, movimento político-religioso, também de caráter étnico, surgido na Jamaica, que a partir de sua luta contra a 'estrutura escravista britânica' reinterpretou a promessa bíblica da Terra Prometida, localizada agora na 'Etiópia/África'. O *reggae* está profundamente ligado com substâncias alucinógenas, produtoras de 'estados de consciência', que, por sua vez 'são ao mesmo tempo fonte de conhecimentos e comunicação com o sagrado, provocados não só pela música como pela erva, pelo contato com elementos da natureza, pelos sonhos e pelas visões'".[4]

Ivor Myers, ex-astro de *hip-hop*, nasceu na Jamaica e é autor do livro *Novo Ritmo*, em que descreve sua trajetória de renúncias à fama e à fortuna em submissão à vontade de Cristo. Sobre a religião rastafári, Myers escreve:

"Essa religião peculiar ensina que o ex-imperador da Etiópia, Hailé Selassié I, era a manifestação de Deus no século 20. Surgira como um grito rebelde dos escravos jamaicanos e cresceu para se tornar uma das forças religiosas dominantes do mundo do *hip-hop*. O rastafarianismo usa a maconha como chave para a meditação e a comunicação mais intensa com Deus. As mechas de cabelo trançadas são o símbolo da religião. Suas raízes se fundamentam nos ensinos de Marcus Garvey, um nacionalista jamaicano negro que ensinava o poder dos negros e iniciou o movimento 'De Volta à África', no início dos anos 1900. Marcus Garvey propagava a ideia de que um rei negro seria coroado e se

[4] Cunha, *Fazendo a coisa certa: Reggae, rastas e pentecostais em Salvador*. Disponível em: www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_23/rbcs23_09

tornaria o libertador da raça negra. Muitos acharam que a profecia se cumprira quando, em 1930, Ras Tafari foi coroado como o Imperador Hailé Selassié I da Etiópia e proclamado como 'Rei dos reis', 'Senhor dos senhores' e 'Conquistador Leão de Judá', alguns de seus títulos. O movimento rastafári tira seu nome da combinação do vocábulo Ras, que significa 'Cabeça', 'Duque' ou 'Chefe', com a palavra Tafari Makonnen, que é o nome de Hailé Selassié I antes da coroação".[5]

Em entrevista concedida à revista *High Times* em 1981, o cantor de *reggae* Peter Tosh fez a seguinte declaração:

"[A] espiritualidade e a inspiração são decorrentes da capacidade do *reggae* de 'hipnotizar' e fazer o ouvinte 'sair de si', isto é, a música é capaz de provocar no ouvinte o acesso a outros 'estados de consciência'".[6]

Nunca experimentei maconha, apesar de estar frequentemente cercado de pessoas que consumiam a droga. Tocar *reggae* era agradável, mas tornava-se monótono depois de alguns minutos, justamente devido à repetição excessiva no ritmo conduzido pelo baixo e pela guitarra. É algo literalmente "hipnótico".

Em 16 de novembro de 2008, o jornal britânico The Guardian trazia uma matéria sobre música e drogas em que o autor Kevin Sampson apontava aspectos peculiares da cultura *reggae*:

"*Reggae* era cadenciado e gentilmente magnético, como se houvesse sido criado pela erva daninha que inspirou sua forma e teologia. O *reggae* rapidamente se tornou a trilha sonora de uma

[5] Ivor Myers, *Novo Ritmo: A história de um ex-artista de hip-hop*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. (p. 43 e 44)
[6] Cunha, *Fazendo a coisa certa: Reggae, rastas e pentecostais em Salvador*. Disponível em: www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_23/rbcs23_09

jovem Jamaica cada vez mais politizada. Com a chegada de bandas como *The Pioneers* e *The Wailers* (com Peter Tosh e Bob Marley), a nascente cena *reggae* começou a abraçar temas sociopolíticos e religiosos e, particularmente, a crescente influência do rastafarianismo sobre a juventude jamaicana. O fumo de *cannabis* em sua forma mais pura [...] tornou-se uma parte tão intrínseca da trindade sagrada Rasta, quanto a bandeira etíope e o *skank* irregular da guitarra base do *reggae* [*ritmo sincopado* repetitivo]. Para os Rastas, o fumo de erva ou *ganja* é um ato espiritual, muitas vezes, um acompanhamento para a leitura da Bíblia, com o *reggae* sendo o contratempo musical para ambos, religião e modo de vida".[7]

Podemos concluir que as características deste gênero musical apontam para uma direção contrária aos princípios estabelecidos por Deus em Sua Palavra para nossa saúde e nossa espiritualidade. Deus espera de nós um culto racional, onde devemos orar e cantar com a mente em estado de lucidez.

"Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional." – Rom. 12:1 (ARA).

"Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente." – I Cor. 14:15 (ARA).

Não há, em qualquer texto bíblico, afirmação de que sejam usadas substâncias tóxicas, bebidas fortes e drogas alucinógenas como meios de crescimento espiritual.

O mesmo princípio se aplica à música. Nenhum ritmo que é aceito e utilizado como meio para hipnotizar ou para alcançar estados alterados de consciência poderá nos aproximar de Deus,

[7] Disponível em: www.theguardian.com/society/2008/nov/16/drugs-music-link

mesmo que essa mesma música apresente um texto com mensagem cristã. E, infelizmente, não faltam exemplos de produções de *reggae* na música cristã contemporânea.

Capítulo 9

Soul Music

> *"Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo."*
>
> Gálatas 1:10 (ARA)

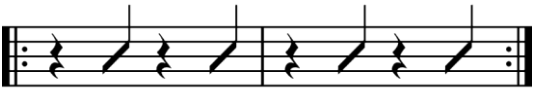
No final dos anos 1960 surge nos Estados Unidos a música *soul*, gênero que combina letras românticas, ritmo envolvente e uma interpretação peculiar dos cantores. Há um forte apelo emocional nas vozes, semelhante à música *gospel* secularizada daquele período. É também frequente o uso de recursos vocais como melismas[1] e falsetes[2]. Cantores famosos da música *soul* como Aretha Franklyn, Patti LaBelle, Wilson Picket, Al Green, Isaac Hayes, Ray Charles e Whitney Houston começaram cantando em igrejas cristãs.

A sessão rítmica nesses arranjos, normalmente composta por contrabaixo elétrico e bateria, passa a ter mais destaque. As

[1] "Desenhos melódicos" cantados de modo improvisado. Quando usado de modo exagerado, torna a letra da canção incompreensível e desvia a atenção do ouvinte para a técnica do cantor.

[2] Registro vocal "falso", semelhante ao sussurro, com o qual os cantores geralmente alcançam notas mais agudas e com menos intensidade de som.

composições conservam, na maioria das vezes, o compasso quaternário, herdando o mesmo ritmo sincopado do *rhythm and blues* (toque na caixa da bateria acentuando o segundo e o quarto tempos do compasso).



A guitarra ganha uma função mais rítmica e harmônica, sendo menos utilizada em solos do que no *rock and roll*, onde permanece em primeiro plano. Órgão e orquestrações para cordas e metais estão presentes em inúmeras produções, além de palmas e instrumentos de percussão.

Foi através da gravadora norte-americana Motown que inúmeros artistas tiveram suas carreiras impulsionadas na música *soul*. Dentre esses, podemos citar Stevie Wonder, The Jackson 5, Marvin Gaye, The Supremes, Diana Ross e The Temptations.

Ainda nos anos 1960, o conhecido cantor de *rhythm and blues* norte-americano James Brown combina harmonias simplificadas com ideias rítmicas repetitivas e extremamente percussivas (*grooves*), dando origem a um novo gênero musical chamado de *funk music*[3].

O movimento corporal sensual está associado à música *soul* e *funk*, devido à constante presença de determinados motivos rítmicos que se repetem ao longo de uma música. Os norte-americanos chamam esses motivos rítmicos de *grooves*, independente da origem ou do estilo. Nos gêneros *soul* ou *funk* os *grooves* são conduzidos e fortalecidos essencialmente pelo contrabaixo elétrico e pela bateria.

[3] Não confundir com os gêneros f*unk carioca* ou *funk paulista*.

Devido à inversão na acentuação natural da música, a repetição contínua desses *grooves* pode estimular respostas físicas e movimentos ritmados que são contrários aos ritmos biológicos do corpo humano, gerando distúrbios como ansiedade, alteração nos batimentos cardíacos, euforia e outros (ver capítulo 20).

Nas performances de James Brown, instrumentos como o contrabaixo elétrico, a bateria e a guitarra sustentavam os mesmos *grooves* por um longo tempo, enquanto Brown cantava e dançava de modo incansável e eletrizante. Tão estimulante quanto o seu ritmo eram algumas de suas letras, como por exemplo, "Sex Machine" (Máquina de Sexo), "Hot Pants" (Calças Quentes) e "Cold Sweat"(Suor Frio).

Grupos como Tower of Power, The Meters, Sly and the Family Stone, Parliament, Earth Wind & Fire e The Commodores surgem nos Estados Unidos nesse mesmo período misturando ingredientes da música *soul* ao ritmo contagiante do *funk* desenvolvido por James Brown.

Nos anos 1970 uma nova febre musical invade o mercado fonográfico e os meios de comunicação de massa. A chamada *disco music* torna-se um fenômeno comercial e se espalha rapidamente alcançando rádios populares, trilhas sonoras de filmes, programas de TV e pistas de dança nas vozes de Donna Summer, Barry White, Chic, KC & The Sunshine Band e Bee Gees, entre outros.

Durante a década de 1990, surge o *acid jazz*, uma das mais modernas ramificações do *rhythm and blues.* Vários artistas europeus e norte-americanos como Jamiroquai, Brand New Heavies, Incognito, Count Basic, Maxwell e outros, promoveram um resgate dos ritmos *funk*, *disco* e *soul* trazendo de volta timbres e sonoridades que haviam sido abafados pelas programações eletrônicas da música *pop* dos anos 1980.

As músicas no estilo *soul*, e suas variações, levaram as notas graves e percussivas do contrabaixo elétrico para a linha de frente das produções, fazendo desse instrumento uma ferramenta sonora poderosa capaz de mover as pessoas. Esses ritmos sempre me contagiaram justamente pelo destaque dado ao trabalho dos baixistas nas gravações. A primeira banda *cover* de que participei não apresentava *rock*, mas somente *disco music, funk music* e *acid jazz*. Mais tarde, ao tocar com as bandas de *pop rock*, eu procurava transformar as linhas do baixo em *grooves* com mais percussividade, influenciados pela música *soul.*

Há muitas décadas, a música religiosa comercial[4] incorpora os mesmos elementos da música *soul* norte americana, ou seja, o ritmo dançante e percussivo que gera estímulos físicos, o uso de falsetes que traz sensualidade à interpretação, o excesso de melismas em busca de virtuosismo e o apelo às emoções do ouvinte. Estes são alguns dos segredos do sucesso da música *gospel* no mercado fonográfico, à semelhança de outros segmentos musicais populares.

Ao me aproximar da música cristã busquei naturalmente ouvir e tocar canções que se assemelhavam à música *soul*, algo que já era significativo e prazeroso para mim. Mas com o tempo e com muita paciência e carinho, meu Maestro me apresentou novas orientações ao derramar luz sobre os contrastes que existem entre a música que Lhe agrada e as músicas, e ritmos, que eu tanto apreciava no passado. A luta para ficar liberto desse gênero musical sempre foi um dos meus maiores desafios.

Precisei decidir a quem agradar: a mim mesmo ou a Jesus. Ele deixou o céu para habitar entre nós, assumir a forma de servo, sofrer e morrer na cruz pagando o preço dos meus pecados para que eu venha a receber a vida eterna. Diante de

[4] Na indústria do entretenimento, "música religiosa comercial" é a definição que está diretamente associada ao termo *gospel music.*

tamanho amor, como permanecer indiferente, alimentando minhas paixões individuais?

Capítulo 10

Música Cubana (Salsa)

"A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão distinguir entre o imundo e o limpo."

Ezequiel 44:23 (ARA)

A música cubana, mundialmente conhecida como *salsa*, é composta por ritmos extremamente envolventes e dançantes caracterizados pela repetição e pelas síncopes[1]. É quase impossível não se mover ouvindo os ritmos cubanos. Um dos nomes mais conhecidos da música cubana é o grupo *Buena Vista Social Club*.

As apresentações com o grupo de *salsa* aconteciam em casas noturnas ou festas particulares, com participação de dançarinos profissionais e escolas de dança de salão. As pessoas dançavam realizando movimentos extremamente sensuais. Todos bebiam e se excitavam com aqueles ritmos "quentes". Por vezes presenciei cenas de assédio e traição. E ali estava eu tocando contrabaixo, promovendo as frequências graves que, somadas aos instrumentos de percussão, criavam o ambiente

[1] Deslocamento da acentuação natural dos tempos e das partes de tempo nos compassos.

sonoro ideal para a dança e o adultério. Em síntese, os resultados sobre o público não eram diferentes daqueles produzidos nos *shows* de *rock*.

Certa vez houve um episódio curioso quando tocávamos na inauguração de um pequeno bar. Enquanto o público dançava, nos divertíamos com o ritmo e com os improvisos do *cantante* cubano que estava à frente do grupo. Em determinado momento o pianista sugeriu um coro diferente sobre a mesma música. Então, não somente tocávamos como também cantávamos, repetindo as palavras muitas e muitas vezes ao som ininterrupto dos tambores. Mais tarde procurei meu amigo pianista e perguntei-lhe sobre o significado dos versos daquele coro. Tratava-se de uma reza, um cântico de adoração a uma "entidade", a um "orixá". Na verdade, enquanto tocávamos e cantávamos aquela reza, de modo repetitivo e contagiante, estávamos invocando a presença de um espírito (um demônio ou anjo caído) naquele local. Tudo parecia curioso e atraente como sendo apenas mais um traço do folclore e da religiosidade inerentes à cultura musical cubana. Na época eu ainda permanecia às cegas com relação à verdade contida na Bíblia sobre o estado dos mortos.

Havia outra canção no repertório daquele grupo chamada "El Nazareno", que falava sobre Jesus Cristo. É interessante perceber como em diferentes estilos musicais populares o nome de Cristo aparece misturado a um contexto totalmente inverso àquilo que é a essência de Seu caráter.

O terceiro mandamento do Criador é muito claro, expressando a vontade de Deus sobre não usarmos o Seu santo nome associado a coisas comuns e a práticas ou assuntos banais.

"Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão." – Êxodo 20:7 (ARA).

Nosso Deus é santo e puro, Ele é mansidão e humildade. A Pessoa Jesus Cristo não promove comportamentos promíscuos nas criaturas humanas em favor das quais derramou Seu sangue na cruz. Somente um falso cristo opera dessa maneira.

Sob um olhar individualista era musicalmente mais interessante tocar ritmos cubanos do que tocar *rock*. Anos atrás eu havia estudado esses ritmos e, finalmente, podia aplicá-los num projeto singular ao lado de bons instrumentistas. Tocávamos por prazer e não por dinheiro, pois os cachês eram pequenos e sempre estávamos em um grande número de músicos.

Todavia, não mais eram o prazer e as preferências musicais que estavam em jogo, mas sim os princípios bíblicos que revelam o verdadeiro caráter de Cristo. Ao me afastar daqueles ambientes, alguns compreenderam minha decisão e aceitaram bem as mudanças. Outros protestaram, outros riram e outros lamentaram.

Capítulo 11

Música Popular Brasileira (MPB)

"Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento."

Provérbios 2:6 (ARA)

A música brasileira tornou-se conhecida em todo o mundo através de ritmos como o samba, a bossa nova, o baião, o frevo, o afoxé, o maracatu e outros caracterizados por sonoridades ricas e envolventes, divisões e acentuações específicas chamadas de síncopes, e certa complexidade na execução. A nossa pluralidade de ritmos tem origem nas inúmeras tradições folclóricas e religiosas oriundas de diferentes povos, nativos e vindos de outros países, que habitam nas regiões do Brasil. A música brasileira herda uma carga cultural fortíssima que inclui instrumentos exóticos, danças, festas, roupas típicas, rituais, símbolos, etc.

A dança, vinculada muitas vezes à sensualidade e aos rituais religiosos, está enraizada nas origens da música popular brasileira. No meio profissional da música popular o instrumentista é considerado competente quando é capaz de

executar ritmos brasileiros com balanço ou "*swing*", palavra relacionada ao modo mais percussivo de execução. Esse músico tem que tocar de modo percussivo, ou "*swingado*", com o objetivo de movimentar, de "balançar" o ouvinte.

Muitas vezes não encontramos razões para deixar de ouvir determinadas músicas populares por serem consideradas mais "refinadas" ou "elitizadas" do que outras. Contudo, os artistas transmitem ao público aquilo em que acreditam, com raras exceções. O fazem através das letras de suas canções, de suas posturas nos palcos ou em seus estilos de vida divulgados pela mídia. Seus hábitos são imitados por seus fãs que, pela contemplação, serão transformados segundo a imagem de seus ídolos (deuses).

Quais influências nós estamos recebendo ao contemplar a música desses artistas? Estaremos livres das más influências e dos vícios se somente deixarmos de ouvir *rock*, *reggae* ou outro gênero que esteja explicitamente, ou comercialmente, associado ao consumo de drogas?

Conheci em Porto Alegre um pianista que justificava o seu hábito de fumar charutos ao afirmar que o maestro Antônio Carlos Jobim também fumava charutos. Tom Jobim, João Gilberto, Elis Regina, Baden Powell, Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes, Jorge Ben, Roberto Menescal, Sérgio Mendes, Marcos Vale, Nara Leão, Wilson Simonal, João Donato, Leny Andrade e tantos outros artistas do movimento bossa nova frequentavam o chamado Beco das Garrafas, um movimentado local que abrigava diferentes bares em Copacabana no Rio de Janeiro.

O Beco das Garrafas, circuito do movimento musical entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, é considerado o berço da bossa nova e recebeu este nome devido às brigas que ocorriam na saída das boates do local. Essas brigas eram

resolvidas somente quando garrafas eram jogadas e, assim, o tumulto dissipado. Em 1958, o local chegou a ser chamado de "um novo culto aguardando seguidores".[1]

"Antes de gravar 'Corcovado', em 1960, João Gilberto fez uma sugestão ao compositor Tom Jobim, prontamente acatada: mudar as primeiras palavras da canção de 'um cigarro, um violão' para 'um cantinho, um violão'. Segundo Ruy Castro no livro *Chega de Saudade*, ali João já não fumava nada. É que, segundo a mesma fonte, João passou boa parte da década de 50, nos tempos pré-bossa nova em que frequentava com João Donato a boate do Hotel Plaza para ouvir Johnny Alf ao piano, sob a influência da então ainda não criminalizada *marijuana* [maconha] – a ponto de Carlinhos Lyra lembrá-lo pelo apelido 'Zé Maconha'. [...] Agora… vai dizer que você não queria ouvir os sons criados pelos jovens Joões Gilberto e Donato de cuca fresca, 1954?".[2]

Nos últimos meses como baixista no meio artístico, acompanhei três cantores em seus trabalhos autorais. Também acompanhei intérpretes que apresentavam canções de Djavan, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Ivan Lins, Chico Buarque, Milton Nascimento, João Bosco, Alceu Valença, Lenine, Cazuza, Cássia Eller, Jorge Vercillo e outros. As apresentações eram realizadas em cafés, bares, teatros, festivais de música e eventos culturais diversos por todo o estado do Rio Grande do Sul, além de participações em programas de TV.

Houve momentos em que a antiga rotina característica das festas de *rock* se repetia. Em fevereiro de 2005 fui chamado para acompanhar um cantor por duas noites num bar a céu aberto.

[1] Beco das Garrafas, documentário. Disponível em: www.updateordie.com/2015/05/08/revivendo-a-bossa-nova-no-beco-das-garrafas/
[2] Disponível em: ronaldoevangelista.blogosfera.uol.com.br/2011/06/10/ze-maconha-mas-pode-chamar-de-joao-gilberto/

Tocamos numa cidade do litoral gaúcho durante o feriado de carnaval. A essa altura da minha vida eu havia deixado alguns trabalhos, fiz novas opções e estudava a Bíblia. Compreendia a direção de Deus, mas ainda estava muito apegado às minhas paixões. Mesmo relutante aceitei o convite, pensando no dinheiro e nas contas a pagar.

Como era de se esperar, lá estavam os vícios, a depravação, as músicas monótonas, etc. Tive a certeza de que as coisas nunca seriam diferentes. Esse tipo de entretenimento sempre apresentaria os mesmos atrativos para os amantes dos prazeres. Enquanto estivesse disponível como músico profissional autônomo, vez ou outra, eu estaria inserido nesse meio, ainda que afastado das bandas de *rock*. O repertório mudaria, mas os ambientes e as práticas não. Na segunda noite, um amigo baixista que visitava o local tocou algumas músicas em meu lugar e, para a minha satisfação, sua participação especial se estendeu até ao final do evento. Assisti a tudo de longe, arrependido e decidido a selecionar com mais cuidado os próximos convites.

Nos *shows* autorais, realizados em auditórios e salas de teatro, a plateia apreciava a música reverentemente sem fumar ou beber. Devido ao contraste com a atmosfera enfumaçada dos bares, aquele cenário parecia inofensivo. Por algum tempo eu assim justificava minhas inclinações e meu sustento. Contudo, ao perceber minha fraqueza, pedi sabedoria e discernimento a Deus em silenciosa oração.

Dúvidas ocuparam meus pensamentos por meses. Em muitos casos o conflito em minha mente surgia no exato momento em que eu me encontrava no palco me apresentando com outros músicos. Havia, de um lado, o desejo de seguir a Cristo e submeter a minha vontade à Sua. Simultaneamente, no lado oposto, estava o sonho de viver para a música e sentir o

prazer de tocar os diferentes ritmos brasileiros com sua pesada carga de estímulos que, há muitos anos, haviam encontrado morada em minha mente. Outra vez, meu grande Maestro me conduziu com muito amor e paciência, e respondeu minhas orações.

Em teatros dois problemas tornaram-se evidentes. Um deles, à semelhança dos demais trabalhos com vocalistas, está nas letras das canções. Não poucas vezes as composições têm textos vulgares com palavrões, com apologia ao uso de drogas lícitas e ilícitas, banalização do sexo e do relacionamento conjugal e, finalmente, o uso do nome de Deus em vão. Durante as horas de contemplação num *show*, ou na apreciação de CDs e DVDs, o conteúdo textual é assimilado de forma quase inconsciente.

Definitivamente eu não mais desejava fazer parte daquilo. Não mais queria empregar bens e talentos dados por Deus para influenciar pessoas com tais mensagens.

O segundo problema é a atmosfera de adoração estabelecida num ambiente teatral, onde espectadores admiram ou veneram artistas-ídolos. O propósito de um *show* artístico não é outro senão promover o artista que vende seu produto, sua imagem, sua arte. Enquanto nos bares as pessoas estão distraídas com danças, vícios ou paixões, no teatro o público está concentrado no espetáculo. Os aplausos, a plateia cantando em coro e os constantes elogios somente intensificam o desejo de ser glorificado.

Impossível para mim era permanecer indiferente àquela realidade e ficar sobrevivendo do comércio de valores distorcidos, de hipocrisia e de ilusões que corrompiam meu caráter. Não poucas vezes, essa atmosfera de idolatria se faz presente também nos ambientes de música erudita e até mesmo em igrejas cristãs, infelizmente.

Capítulo 12

Jazz

"Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus."

III João 1:11 (ARA)

No *jazz* e noutros gêneros populares que contenham elementos jazzísticos, como solos, improvisação e virtuosismo, o sentimento de orgulho pode ser alimentado consciente ou inconscientemente. Durante um improviso é comum o instrumentista atrair toda a atenção para si, buscando impressionar com musicalidade, técnica, capacidade criativa e domínio da linguagem. Muitos anos são despendidos com o estudo dos métodos, das concepções musicais e da história dos ídolos do *jazz*. Esses músicos são admirados e imitados por legiões de discípulos.

À medida que essa busca por exaltação própria é exercitada durante as performances, o prazer de ser glorificado começa a funcionar como uma substância química causando dependência. Isso ocorre quando o músico deseja ser adorado como se fosse um deus. Sem dúvida, é um sentimento diabólico, pois de igual modo, Lúcifer deseja adoração com a arrogância de uma criatura que pretende ser o Criador:

"Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo." – Isaías 14:14 (ARA).

"[...] Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares." – Mateus 4:9 (ARA).

Nas Escrituras Sagradas encontramos sólidas orientações sobre esses sentimentos e suas armadilhas. No livro de Provérbios, Salomão nos adverte:

"A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda." – Provérbios 16:18 (ARA).

"O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal; a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa, eu os aborreço." – Provérbios 8:13 (ARA).

"Em vindo a soberba, sobrevêm a desonra, mas com os humildes está a sabedoria." – Provérbios 11:2 (ARA).

"A soberba do homem o abaterá, mas o humilde de espírito obterá honra." – Provérbios 29:23 (ARA).

No Salmo 19, Davi ora a Deus dizendo:

"Também da soberba guarda o teu servo, para que se não assenhoreie de mim. Então serei sincero, e ficarei limpo de grande transgressão." – Salmo 19:13 (AEC).

E no Salmo 24, encontramos ainda as seguintes palavras de Davi:

"Quem subirá ao monte do Senhor? Quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente. Este receberá a bênção do Senhor e a justiça do Deus da sua salvação." – Salmo 24:3 a 5 (AEC).

Já o apóstolo João, em sua primeira carta, aponta a origem do orgulho:

"Nada que está no mundo vem do Pai. Os maus desejos da natureza humana, a vontade de ter o que agrada aos olhos e o orgulho pelas coisas da vida, tudo isso vem do mundo." – I João 2:16 (NTLH).

Jesus é **"manso e humilde de coração"** – Mateus 11:29 (ARA). Seu caráter é totalmente contrário aos sentimentos de orgulho ou altivez. Ele mesmo é o maior de todos os exemplos de abnegação e humildade:

"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz." – Filipenses 2:5 a 9 (ARA).

O próprio Jesus Cristo também afirmou:

"Eu não aceito glória que vem dos homens." – João 5:41 (ARA).

Músicos de *jazz*, *jazz fusion*[1], música instrumental brasileira ou *latin jazz*[2] alimentam uma postura egocêntrica, em maior ou menor grau, até mesmo sem que percebam. Isto ocorre por estarem constantemente contemplando seus ídolos que apresentam tal postura e, também, porque na maioria das vezes buscam estar em evidência. E comigo não foi diferente, em ambos os aspectos.

Entre 2000 e 2005, permaneci tocando com maior frequência em espaços culturais e pequenos bares de Porto Alegre que abriam suas agendas para os grupos de *jazz* da

[1] Estilo que teve origem no início da década de 1970, a partir da mistura de elementos do *jazz* às sonoridades e aos instrumentos elétricos comuns no *rock.*
[2] Ritmos cubanos associados à improvisação e forma jazzística.

cidade. Zelig Bar, Mercato Jazz, Music Hall, Espaço Miró, Fellini Bar, Santander Cultural, Foyer do Theatro São Pedro, Sala Radamés Gnattali do Auditório Araújo Vianna, Salão Mourisco da Biblioteca Pública de Porto Alegre, Teatro do Instituto Goethe e Café Concerto Majestic da Casa de Cultura Mário Quintana eram alguns dos principais locais frequentados por músicos e apreciadores do gênero. A maioria desses espaços não mais existe.

Nos bares, diferentes formações se reuniam para tocar *standards* de *jazz* e música brasileira de forma livre e com muitos improvisos. Para os músicos eram momentos prazerosos e desafiadores que se estendiam até altas horas. Para os proprietários dos bares era apenas mais uma noite de trabalho com o objetivo de vender muitos litros de bebidas alcoólicas.

Naqueles mesmos bares recebíamos sempre de acordo com o número de clientes que pagavam um couvert artístico[3]. Mas houve ocasiões em que os contratantes agiram de modo desonesto. Certa vez, tocando num trio na formação piano, bateria e contrabaixo elétrico, num dia de grande movimento, o proprietário do local não revelou o valor total do couvert artístico, ficando com boa parte do nosso dinheiro. Isso aconteceu também com outros grupos de *jazz* que atuaram naquele mesmo lugar.

Lembro-me das vezes em que tocamos nesses bares onde amigos permaneceram até a madrugada, envolvidos pela música, deixando o local completamente embriagados e comunicando-se com muita dificuldade. Aquele era um cenário deprimente para momentos de tanto proveito para nós, os músicos. Como podia aquela música ser tão prazerosa e por outro lado, tão destruidora? Como podia o *jazz*, um gênero musical considerado

[3] Quantia cobrada a mais num bar ou restaurante para o pagamento de uma apresentação artística.

tão rico, tão fino e interessante por músicos e ouvintes em todo o mundo, rebaixar a tal ponto a condição moral do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus?

Em 2004 fui chamado para tocar ao lado de uma jovem cantora norte americana de *jazz*. Seu esposo era brasileiro e, naquela ocasião, o casal passava férias em Porto Alegre. O repertório reuniria *jazz* e bossa nova, com músicas que compunham o seu primeiro CD solo. O grupo seria composto por guitarra, piano elétrico, bateria e contrabaixo elétrico. Foram duas apresentações realizadas num bar de Porto Alegre chamado *Abbey Road Studio Pub*.

Nos dias que antecederam essas apresentações, tivemos uma breve convivência nos dias de ensaio com aquela jovem que era recém-formada pela maior faculdade independente de música do mundo, a Berklee College of Music, localizada em Boston, Estados Unidos. Houve uma tarde em que, na companhia do casal e do pianista que integrava o grupo, fui até a casa de outro baixista, sem saber ao certo qual era o objetivo da visita. Chegando lá, percebi que aquela cantora de *jazz* fumava maconha e que seu estoque pessoal da droga havia acabado. Fomos àquele endereço para comprar maconha, porque a jovem cantora estava precisando muito fumar. Fiquei bastante surpreso e também decepcionado, pois esperava um comportamento mais sóbrio de alguém com uma trajetória musical e artística aparentemente brilhante e até mesmo invejável para a maioria dos músicos.

Extensa é a lista dos músicos de *jazz* que arruinaram suas vidas pelo abuso de álcool e drogas. Quando mais jovem, ao buscar novas referências musicais, me deixei atrair naturalmente pela técnica e pela musicalidade dos baixistas e demais instrumentistas de *jazz* e *jazz fusion*, mas sem me preocupar com o caráter deles.

Nomes como Charlie Parker, Miles Davis, John Coltrane, Bill Evans, Billie Holiday, Bix Beiderbecke, Bunny Berigan, Bubber Miley, Fats Navarro, Tommy Dorsey, Paul Gonsalves, Art Blakey, Gerry Mulligan, Chet Baker, Art Pepper, Ronnie Scott, Dick Twardzik, Bud Powell, Paul Chambers, Sonny Clark, Dexter Gordon, Sonny Rollins, Stan Getz, Jaco Pastorius e tantos outros, mancharam sua genialidade criativa entregando-se ao consumo de heroína, cocaína, maconha, álcool e outras drogas lícitas ou ilícitas. Muitos deles sofreram com uma saúde extremamente debilitada. Outros tiveram uma morte prematura como consequência de cirrose, câncer ou overdose de drogas. Gerações de instrumentistas e admiradores foram influenciadas não somente por sua arte, mas também por seus vícios.

O texto a seguir, extraído de uma matéria sobre a relação entre o consumo de drogas e a produção artística, exemplifica essa triste realidade:

"À época, o *bebop*, uma variação 'acelerada' do *jazz*, estava em voga. E Charlie Parker era um de seus representantes supremos. Bird, como o chamavam, tocava seu saxofone movido a vinho barato e muita heroína, a droga da moda e socialmente aceitável entre as pessoas ligadas à música. 'Achava-se que usando heroína era possível tocar como Charlie Parker', disse Frank Morgan, um dos companheiros de Charlie, num documentário sobre o saxofonista. O uso da droga ajudou-o a gravar discos sensacionais como *Jazz at Massey Hall*, mas também o levou a uma morte prematura, aos 34 anos. Para se ter uma ideia do estrago que a droga lhe fez, o médico responsável pela autópsia – sem saber a idade real do músico – estimou que o corpo era de alguém entre 55 e 60 anos de idade. [...] No início do século 20, em Nova Orleans, o *jazz* era associado à maconha. Na década de 30, diversas músicas sobre o tema já haviam sido compostas e até Louis Armstrong falara bem a respeito da erva.

Milton Mezzrow, um jazzista judeu de Nova York, fez o mesmo na década de 40 e afirmou em sua autobiografia, *Really the Blues* (algo como 'O Verdadeiro Blues', sem tradução para o português), que fumar maconha o ajudava a tocar melhor".[4]

Hoje, ao me deparar com músicos cristãos estudando a linguagem jazzística de Charlie Parker com profundo interesse, fico impressionado diante de tamanha incoerência e ingenuidade. Esse músico norte-americano estabeleceu sua própria maneira de tocar e improvisar ao saxofone a partir do consumo de heroína. Muitas de suas famosas gravações estão associadas aos efeitos das drogas em sua mente. E o mesmo aconteceu com vários jazzistas famosos.

Esse mesmo tipo de atmosfera musical seria adequado no lar cristão e na igreja cristã? É essa a música que deve envolver os meus pensamentos? É esse o tipo de inspiração que devo buscar se quero servir a Cristo com minhas mãos e meus ouvidos e, através da música, pregar o Evangelho até um dia poder vê-Lo voltando em glória sobre as nuvens do céu?

"Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém!" – Jó 14:4 (ARA).

[4] Revista *Superinteressante*, janeiro de 2005.

Capítulo 13

O poder oculto do Jazz

> *"Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte."*
>
> Apocalipse 21:8 (ARA)

O que faz com que o *jazz* exerça um fascínio tão grande sobre ouvintes e músicos? Por que existem tantos apreciadores do gênero? Vale destacar aqui alguns aspectos intrigantes pertinentes ao *jazz* e seu efeito magnético sobre os fãs.

Na infância, um dos meus passatempos favoritos era desenhar naqueles livros de ligar pontos. Pouco a pouco, os traços ganhavam forma e significado, desfazendo assim, toda a expectativa sobre as imagens ocultas. Minha experiência com o *jazz*, como ouvinte e instrumentista, fixou os primeiros pontos que futuramente revelariam uma imagem nítida da realidade invisível disfarçada em gênero musical.

Roger Morneau, em seu livro *Viagem ao Sobrenatural*, narra um episódio interessante, onde, num encontro com um baterista de *jazz* bem sucedido, o autor tem acesso a informações não divulgadas sobre o gênero popular. Durante um jantar o músico

revela a Roger que, após experimentar o fracasso como músico de *jazz* por muitos anos, conheceu o culto aos demônios, um poder através do qual alcançou o sucesso de forma instantânea por meio de rituais, submissão e adoração. Desde então o músico e sua banda de *jazz* permaneciam sendo aclamados pela mídia, atendendo a uma grande demanda de concertos e entrevistas.

Até aqui o relato soava familiar para mim, pois já havia realizado práticas semelhantes em troca de sucesso (ver capítulo três), mas havia algo mais. No decorrer da conversa, Roger ouve a seguinte declaração daquele músico de *jazz*:

"Na realidade, os espíritos tomam conta de nós; em outras palavras, eles se apossam de nós e nos dão energia, e nós repassamos essa influência para o público. Eles gostam do que recebem e sempre voltam para buscar mais da mesma coisa".[1]

Ao ler esse livro, exatamente neste ponto, não pude deixar de associar aquela declaração com um fato que me perturbava.

As músicas que formam o repertório comum entre os músicos de *jazz* são chamadas de *standards* e estão reunidas em grossos livros, do mesmo modo como são os hinos cristãos organizados em hinários. O livro de *standards* mais antigo e comum chama-se *The Real Book* (O Livro Real) e começou a ser utilizado na década de 1970 por músicos jazzistas nos Estados Unidos. O livro foi produzido e distribuído de forma ilegal em suas primeiras cinco edições, não havendo autor nem informações sobre publicação e sem qualquer relação com a lei de direitos autorais sobre as composições. Somente em 2004, a partir da sexta edição, o livro passou a ser publicado de forma legal.

[1] Roger Morneau, *Viagem ao Sobrenatural* (São Paulo: CPB, 2004), p. 20.

Eu possuía uma cópia daquele livro, bem como vários materiais semelhantes para o estudo de *standards* de *jazz*. A música que abre o livro chama-se "A call for all demons", que significa "Um chamado a todos os demônios". Conhecendo o testemunho de Roger Morneau, aquilo parecia muito mais do que coincidência. Por que a primeira partitura do livro mais popular entre os instrumentistas de *jazz* em todo o mundo traz um título tão alusivo?

Por algum tempo ainda utilizei meu *Real Book*, mas arranquei a página que continha a música. Ao final daquela partitura está a seguinte informação: *Sun Ra - Angels and demons at play.* O compositor se autodenomina "Sun Ra" (Sun = sol; Ra = deus da mitologia egípcia) e seu álbum traz o título "Anjos e demônios envolvidos". A capa do álbum é uma pintura com criaturas estranhas ao redor de uma árvore com uma serpente sobre um dos galhos. Seria esta apenas mais uma coincidência, ou uma representação direta da serpente (Satanás) sobre a árvore da ciência do bem e do mal, localizada no meio do jardim do Éden, conforme o relato bíblico no livro de Gênesis?

"**Ordenou o Senhor ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comereis, certamente morrerás.**" - Gênesis 2:16 e 17 (AEC).

"**Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor Deus tinha feito. Esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.**" - Gênesis 3:1-4 (AEC).

"**[...] o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, que engana a todo o mundo.**" - Apocalipse 12:9 (AEC).

Sun Ra era músico de *jazz*, poeta e filósofo conhecido por suas filosofias "cósmicas", pregando "a consciência e a paz sobre todos". Outras composições contidas no *Real Book* também apresentam nomes sugestivos como: "Prince of Darkness" (Príncipe das Trevas) de Wayne Shorter, "Reincarnation of a Love Bird" (Reencarnação de um Pássaro do Amor) de Charles Mingus, "The Magician in You" (O Mago em Você) de Keith Jarret e "Wings of Karma" (Asas de Karma) de John McLaughlin.

Seriam essas informações apenas fatos desconectados e sem relação direta com um poder sobrenatural agindo nos "bastidores" do mundo do *jazz*? Quando ligamos esses relatos às origens históricas e místicas do *jazz*, as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar.

O músico porto-riquenho Louis R. Torres foi baixista da famosa banda de *rock and roll* Bill Haley and the Comets. Ao ser alcançado pelo infinito amor de Deus, se entregou a Jesus Cristo sem reservas, deixando para trás o sucesso, o dinheiro e a idolatria. Torres é pastor, palestrante internacional e escritor, coautor do livro *Notes on Music*. Ao estudar sobre polirritmia e sua influência, constatou que está no antigo Egito a origem da música de percussão sincopada, e que pode alterar estados de consciência. Essa música polirrítmica de adoração pagã foi levada para a África Central, e, mais tarde, para o Caribe e para o sul dos Estados Unidos onde o vodu é praticado até hoje. New Orleans, cidade conhecida como "berço do *jazz*", se tornou o centro da música pagã baseada em polirritmos.

Os polirritmos da música vodu foram combinados com a melodia e a harmonia da música europeia. Novas receitas

musicais como *jazz*, *gospel*, *blues*, *rhythm and blues* e *rock and roll* surgiram dessas combinações, conservando até hoje os polirritmos egípcios como princípio ativo. No texto a seguir, Louis R. Torres apresenta as evidências históricas que apontam a origem e a trajetória dos elementos rítmicos característicos do *jazz* e de outros gêneros musicais.

"Conforme estudei música e seus poderosos efeitos nas pessoas, minha atenção se voltou para os polirritmos (ou síncopes complexas) que eu costumava tocar com tanto entusiasmo. [...] A história revela que o uso de ritmos sincopados, com sua habilidade para alterar estados de consciência, descende do Egito antigo. É no Egito antigo que os historiadores encontraram a origem da música de percussão sincopada e seus usos. Nos templos, os sacerdotes utilizavam intencionalmente síncopes complexas para induzir transes e outras perturbações[2]. Os primeiros percussionistas aprenderam a induzir respostas psicológicas, desde êxtases e alucinações até convulsões e estados de inconsciência[3]. Essa forma de adoração pagã foi, com o passar do tempo, transportada para a África Central, onde fincou raiz em Duhomy, conhecida hoje como República Democrática do Congo·. Duhomy (ou Congo) se tornou o centro da religião vodu. [...] Através do comércio de escravos, essa música de adoração ao demônio, com sua batida ininterrupta, foi transportada para a ilha de Hispaniola, no Caribe. [...] Hoje, o vodu continua a ser praticado no Haiti, que ocupa o terço oeste da ilha de Hispaniola, e na República Dominicana, que ocupa o restante da ilha. Com a continuidade do tráfico de escravos, esse ritmo foi levado para os Estados

[2] Pennethorne Hughes, *Witchcraft* (Londres: Longman Green, 1965), p. 23; citado em Ismael Reed, Mumbo Jumbo (Nova Iorque: Doubleday, 1972), p. 191.
[3] Michael Segell, "Rhythmitism", *Americam Health*, Dezembro de 1988, pp. 19, 37.

Unidos, e New Orleans se tornou o lar para o 'rufar' dos tambores e a dança extravagante que o acompanhava."[4]

É importante enfatizar que esse é apenas um relato de fatos históricos que apontam as raízes rítmicas do *jazz* e de outros gêneros da música popular na América.

A música sacra produzida na África é ricamente melodiosa, cheia de beleza e originalidade. É espiritualmente edificante, assim como a música sacra produzida em qualquer lugar do planeta por corações sinceros e submissos à direção do Maestro Jesus Cristo. Em minhas pesquisas tenho encontrado preciosidades musicais produzidas no continente africano ou por músicos cristãos africanos radicados no Reino Unido, Estados Unidos e outros países.

[4] Adventists Affirm. Vol 13, Nº 1. Primavera de 1999, pp. 17-20. Disponível em: musicaeadoracao.com.br/29130/como-surgiu-a-musica-crista-contemporanea. Tradução: Fábio Araújo Martins – Janeiro de 2005.

Capítulo 14

Um disfarce para falsos ensinos

"No passado vocês já gastaram bastante tempo fazendo o que os pagãos gostam de fazer. Naquele tempo vocês viviam na imoralidade, nos desejos carnais, nas bebedeiras, nas orgias, na embriaguez e na horrível adoração de ídolos."

I Pedro 4:3 (NTLH)

Muitos anos depois de conhecer o testemunho de Roger Morneau, li uma entrevista com o pianista de *jazz* e compositor norte-americano Herbie Hancock, onde ele expõe sua visão espiritual acerca deste gênero musical e de seu poder sobre os ouvintes. Segundo Hancock, que foi criado na tradição cristã, tudo começou numa noite de sexta-feira em meados de 1972, quando o pianista e seu grupo tocavam num clube de *jazz* em Seattle. O local estava lotado e os músicos podiam sentir a "energia" do público que permanecia completamente "hipnotizado" pela música. Em seguida, ele pede à banda para tocar uma nova canção que inicia com um solo de contrabaixo acústico. Hancock descreve a cena da seguinte maneira:

"Então, o baixista Buster Williams começa tocando essa introdução. E o que saiu dele foi algo que eu nunca havia escutado antes. E não somente dele, mas nunca o ouvira de mais ninguém. Era tão somente pura beleza e ideias, e aquilo foi mágico. Mágico. E as pessoas estavam fora de si, por ser tão incrível o que ele estava tocando. Eu o deixei tocando por um longo tempo, talvez dez, quinze minutos. Ele apenas veio com ideia após ideia, cheio de inspiração. Então, eu pude sentir-me acordando, pouco antes de retornarmos com a melodia da música. E eu poderia dizer que toda a banda acordou e havia alguma energia que era gerada a partir de Buster. Nós tocamos o *set* e foi como mágica. Quando terminamos, muitas pessoas correram até a frente do palco e estenderam suas mãos para apertar as nossas. Alguns deles estavam chorando, muito comovidos com a música. A música era muito espiritual também. Eu sabia que Buster era o catalisador para tudo isso, então eu o levei para a sala dos músicos e disse: 'Ei, Buster, eu ouvi que você estava em alguma nova filosofia ou algo assim e, se ela pode fazer você tocar baixo como aquilo, eu quero saber o que é'".[1]

É possível perceber como as cenas se assemelham nesses dois relatos que descrevem a influência dessa música sobre o público, e sua reação em resposta a esses efeitos:

"Na realidade, os espíritos [...] se apossam de nós e nos dão energia, e nós repassamos essa influência para o público. Eles gostam do que recebem e sempre voltam para buscar mais da mesma coisa".[2]

[1] Disponível em: www.beliefnet.com/Faiths/Buddhism/2007/10/Herbie-Fully-Buddhist.aspx

[2] Roger Morneau, *Viagem ao Sobrenatural* (São Paulo: CPB, 2004), p. 20.

"E as pessoas estavam fora de si, por ser tão incrível o que ele estava tocando. [...] havia alguma energia que era gerada a partir de Buster".[3]

Há sempre uma "energia" que é gerada e contagia o público, que está fora de si como num transe. Não há dúvidas de que há um poder externo e sobrenatural agindo através desse magnetismo, como numa hipnose musical. Mais uma vez, percebemos a música sendo usada como um meio de atrair pessoas para longe do Verdadeiro Caminho.

Por influência do baixista Buster Williams, Herbie Hancock tornou-se praticante do Budismo de Nitiren Daishonin, uma forma de filosofia centralizada na repetição do mantra *Nam-myoho-rengue-kyo* que significa "devotar-se à lei mística de causa e efeito". Segundo creem os adeptos dessa prática, esse mantra é "o caminho para alcançar a suprema iluminação". Porém, na Bíblia, Jesus Cristo nos ensina:

"Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." – João 14:6 (ARA).

"E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos." – Mateus 6:7 (ARA).

Quando mais jovem estive em duas reuniões budistas onde recitamos de forma contínua e repetitiva, por aproximadamente trinta minutos, textos escritos em ideogramas chineses com fonemas correspondentes no alfabeto em português. As pessoas realmente acreditavam estar "em sintonia com o universo", supondo, segundo essa crença, despertar uma "natureza de Buda" que estaria "dentro de cada um de nós".

[3] Disponível em: www.beliefnet.com/Faiths/Buddhism/2007/10/Herbie-Fully-Buddhist.aspx

Crenças como o Budismo ou o Hinduísmo, entre outras, anulam por completo a fé no precioso sangue de Jesus Cristo derramado na cruz do Calvário como preço pelos nossos pecados, pois sugerem que eu alcance uma perfeição que está, supostamente, dentro de mim mesmo. Um argumento semelhante foi utilizado por Satanás:

"[...] os seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal" – Gênesis 3:5 (NTLH).

Sua linguagem enganosa atrai milhares de pessoas sinceras através de filosofias que utilizam o conceito do "deus interior". Essas e outras filosofias semelhantes estão bem presentes entre os músicos de *jazz*, servindo muitas vezes como fonte de inspiração até mesmo para suas composições. Essa influência é fortíssima sobre ouvintes e músicos.

O objetivo do adversário de Deus é desviar a nossa atenção da salvação que nos é oferecida somente mediante a fé no sacrifício de Jesus na cruz do Calvário. Os caminhos e as distrações são os mais variados, porque para Satanás os fins justificam quaisquer meios. Mas as Escrituras Sagradas são muito claras quando se referem ao Único e Verdadeiro Caminho que nos leva a Deus. Só há uma Pessoa por meio da qual podemos ser salvos: Jesus Cristo.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." – João 3:16 (ARA).

"Assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação." – Hebreus 9:28 (ARA).

"Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se

assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou estejais vós também." – João 14:1-3 (ARA)

Para alcançar seus objetivos, Satanás utiliza, entre outras armas, o conceito do "deus interior" e a doutrina da vida após a morte. Esses falsos ensinos permeiam diversas crenças e filosofias que são defendidas por músicos e artistas em geral.

O Hinduísmo, tradição religiosa da Índia caracterizada por inúmeras seitas e divindades, tem como uma de suas principais bases filosóficas a crença na imortalidade da alma. Apoia práticas de meditação transcendental e prega a reencarnação, que creem ser um ininterrupto ciclo de nascimento, morte e renascimento.

Ao comentar sobre as características que contribuem para o sincretismo religioso mundialmente conhecido como movimento Nova Era, o PhD. e escritor David Marshall explica:

"Do hinduísmo ela [a Nova Era] adota a reencarnação e técnicas de meditação. A reencarnação dispensa pecado e julgamento, oferecendo uma série de vidas nas quais se livram do 'karma' negativo; e técnicas de meditação [*Hatha Yoga*, *Kundalini Yoga*, etc.] que são usadas para fazer da mente 'uma posse vazia'".[4]

Mas Deus, por Sua Palavra, nos ensina algo bem diferente a respeito da morte (ver capítulo três). Para cada verdade, o adversário de Deus apresenta uma contrafação. A mensagem demoníaca que contradiz aquilo que Deus nos ensina sobre a morte é mais antiga do que imaginamos. Foi através desse mesmo engano que nossos primeiros pais desobedeceram ao Criador:

[4] David Marshall, *A Nova Era Não É Tão Nova*. Disponível em: dialogue.adventist.org/pt/artigos/07-3/marshall/a-nova-era-nao-e-tao-nova

"Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis." – Gênesis 3:4 (ARA).

A mesma mensagem é transmitida a todos até hoje, inclusive por meio dos ídolos da música e de seus estilos de vida. A influência de suas crenças é claramente percebida sobre outros músicos e admiradores.

Muitos são os músicos de *jazz* e *fusion* que aderiram às diferentes formas de Budismo ou Hinduísmo, inserindo em suas obras os mais variados elementos da religiosidade mística oriental.

Dentre aqueles que refletiram em sua arte as influências da música indiana[5], ou a linguagem que caracteriza essas religiões orientais, destacam-se:

Guitarristas – John McLaughlin, Larry Coryell, Carlos Santana, Fareed Haque, R. Prasanna, Gábor Szabó, Rez Abbasi, Matthias Mueller, Dewa Budjana e David Lindley.

Pianistas – Herbie Hancock, Alice Coltrane, Keith Jarret, Terri Riley, Sun Ra, Marc Rossi e Louis Banks.

Baixistas – Buster Williams, Charles Mingus, Miroslav Vitous, Jaco Pastorius, Victor Wooten, Kai Eckhardt, Lucas Pickford, Steve Zerlin, Jayen Varma, Jonas Hellborg, Sheldon D'Silva, Karl Peters, Michael Gam, Perry Wortman, Colin D'Cruz e Ratzo Harris.

Bateristas – Narada Michael Walden, Buddy Rich, Steve Smith, Danny Gottlieb, Jerry Granelli, Tom Rainey, Frank Bennet, Sameer Gupta e Dan Weiss.

[5] Marc Rossi, *The Influence of Indian Music on Jazz.* Disponível em: sessionville.com/articles/the-influence-of-indian-music-on-jazz

Saxofonistas – Kenny G, Wayne Shorter, John Coltrane, Michael Brecker, David Liebman, Bennie Maupin, Sonny Rollins, Joseph Jarman, Yusef Lateef, John Handy, Phill Scarff, Pharoah Sanders, Charlie Mariano, Joe Harriott, Rudresh Mahanthappa, George Brooks e Steve Gorn.

Trompetistas – Miles Davis, Maynard Ferguson, Don Cherry e Jon Hassell.

Percussionistas – Badal Roy, Trilok Gurtu, Zakir Hussain, Bob Becker, e Jammie Haddad.

Além desses, podemos citar o clarinetista Tony Scott; os flautistas Paul Horn e Bud Shank; o tecladista Jan Hammer; a cantora Tamm E. Hunt e os violinistas John Mayer e Arun Ramamurthy, entre outros.

Através de sua música mística e de seu virtuosismo na cítara, o indiano Ravi Shankar exerceu enorme influência sobre artistas como The Byrds, The Beatles e John Coltrane, apenas para citar alguns. Shankar contribuiu grandemente para incorporar a música clássica indiana à música ocidental. Nas palavras do próprio Ravi Shankar, a música indiana não pode ser separada da religião hindu:

"O sistema de música indiano conhecido como 'Raga Sangeet' pode ser rastreado até quase dois mil anos no passado, para a sua origem nos hinos védicos dos templos hindus, a fonte fundamental de toda a música indiana. Assim como na música ocidental, as raízes da música clássica indiana são religiosas".[6]

George Harrison, John McLaughlin, Michael Walden e muitos outros artistas se converteram ao hinduísmo logo após os

[6] Ravi Shankar, *On Appreciation of Indian Classical Music*. Disponível em: www.ravishankar.org/-music.html

primeiros contatos com a música indiana. Muitos deles tiveram até mesmo seus nomes alterados por seus gurus, como por exemplo, o cantor, produtor e baterista *Narada* Michael Walden, os guitarristas *Devadip* Carlos Santana e *Mahavishnu* John McLaughlin, e a pianista e harpista Alice Coltrane, que adotou o nome de *Swamini Turiyasangitananda*.

Esses exemplos revelam a íntima e forte união da religiosidade com a arte musical da Índia, e o quanto essa música pode influenciar as escolhas espirituais de seus ouvintes. Todos esses artistas contribuíram direta ou indiretamente para a disseminação dessas crenças entre fãs e músicos em geral.

É possível perceber a doutrina da reencarnação como um dos ensinos comuns entre os adeptos do espiritismo, do budismo e do hinduísmo. Essas três crenças têm como "cerne" a mesma mensagem pregada pelo diabo no Éden: **"[...] É certo que não morrereis."** – Gênesis 3:4 (ARA).

É importante considerar também que o *jazz* não é essencialmente instrumental. Ao cursar a faculdade de Licenciatura em Música estive novamente em contato com os *standards* de *jazz* na disciplina de Composição, onde analisamos a forma, a interpretação e os textos das canções. A maioria dos *standards* que recheiam os *Real Books* são canções de amor escritas para cinema e teatro. As letras falam de romances sem compromisso, aventuras amorosas, sedução, cobiça, paixões baixas, adultério, etc. Como mais um entre tantos instrumentistas despreocupados, eu não tinha ideia de que, ao tocar essas canções, fazia soar melodias associadas a tais valores.

"Toda música reflete componentes básicos da cultura ou subcultura em que foi concebida, bem como dos valores pessoais e, em certos casos, até mesmo o estilo de vida do seu compositor. Isso significa que cada música transmite uma mensagem aos seus

ouvintes. Essa mensagem pode ser enunciada explicitamente através de uma letra específica ou, simplesmente, comunicada às emoções dos ouvintes através da combinação de sons.

"Em sua obra *How Should We Then Live?* [*Como devemos viver?*], Francis A. Schaeffer demonstra como a música contemporânea tem refletido a cosmovisão e os valores existenciais do homem contemporâneo (*The Complete Works of Francis A. Schaeffer*, 2.ª ed., vol. 5, págs. 195-209). Conflitos interiores, egocentrismo, sensualismo e abandono de padrões morais são alguns dos valores popularizados por grande parte da música moderna. Já desde a mais tenra idade, as crianças de nossa sociedade têm sido inescrupulosamente estimuladas, em nome da cultura e da popularidade, a substituir os valores morais do cristianismo tradicional pelo sensualismo de inúmeras canções populares, entoadas como melodias repetitivas e ritmos eletrizantes.

"Embora o cristão seja ao mesmo tempo um cidadão deste mundo e do reino de Deus (ver Mt 22:21), ele não pode se esquecer de que sua cidadania celestial tem precedência sobre sua cidadania terrestre (Mt 6:33; Jo 17:14-16). Mesmo não tendo que romper com toda a música secular, o cristão deve ter em mente que o fato de uma música ser popular e culturalmente aceita não significa necessariamente que ela seja apropriada, pois nem sempre a maioria está correta. A cultura popular deve ser aceita apenas até o ponto em que não conflite com os valores bíblicos. Quando tal conflito surge, o verdadeiro cristão não hesita em romper com os componentes antibíblicos de sua própria cultura, pois, de acordo com o conceito apostólico, *'antes, importa obedecer a Deus do que aos homens'* (At 5:29).

"O subjetivismo dos gostos pessoais e o apelo da cultura popular devem ser subjugados e reeducados em conformidade com os princípios normativos da Palavra de Deus. Não apenas a

letra de uma música, mas também os estímulos da própria música sobre as emoções dos ouvintes devem ser cuidadosamente analisados. O rei Salomão nos adverte: *'Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida'* (Pv 4:23)".[7]

"A música é uma das mais sublimes artes. A boa música não apenas nos proporciona prazer, mas nos eleva a mente e cultiva nossas mais refinadas qualidades. Deus, com frequência, tem usado canções espirituais para tocar o coração de pecadores e levá-los ao arrependimento. Música desvirtuada, ao contrário, quebranta a moralidade e nos afasta de nosso relacionamento com Deus. Devemos exercer grande cuidado na escolha da música no lar, nos encontros sociais, nas escolas e igrejas. Toda melodia que partilhe da natureza do *jazz*, *rock* ou formas híbridas relacionadas, ou toda linguagem que expresse sentimentos tolos ou triviais serão evitadas".[8]

"Toda música que se ouve, quer seja sacra ou secular, deve glorificar a Deus. 'Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus' *(I Cor. 10:31)*. Este é o princípio bíblico fundamental. Tudo o que não atende a esse elevado padrão, enfraquecerá nossa experiência com Ele".[9]

Diante da coerência entre estas citações e as informações abordadas até aqui, como eu poderia considerar qualquer música como sendo apenas uma forma de expressão moralmente neutra? Muito mais do que uma arte com um fim em si mesma, a música é uma linguagem poderosa capaz de influenciar as decisões do ser humano.

---

[7] Alberto R. Timm, *Sinais dos Tempos*, novembro de 1997, p. 29.
[8] *Manual da IASD.* Edição revisada na Assembleia da Associação Geral de 2015, p.154.
[9] *Voto 144-03G* da Associação Geral da IASD.

É real e gigantesco o contraste entre os princípios bíblicos e os propósitos associados à música secular mundana ou popular. Ao compreender a vontade de Deus para a minha vida, expressa em Sua Palavra, percebi o quão difícil seria harmonizar as notas bem afinadas e organizadas de uma vida cristã com os sons tão dissonantes da rotina de instrumentista na música popular.

Capítulo 15

O grupo instrumental Terra do Fogo

"Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo."

Lucas 14:26 (ARA)

E quanto a um projeto instrumental autoral? Embora sendo música secular, seria inofensivo por não possuir mensagens textuais? Seria possível produzir e trabalhar com música instrumental autoral sendo cristão e buscando guardar os mandamentos de Deus?

Essas e outras questões foram entregues ao Criador da música em oração. "Senhor, existe algo aqui que te desagrada? O que é? Dá-me a Tua direção onde não existem respostas claras".

Sempre apreciei os repertórios instrumentais, pois ofereciam maior grau de desafio. Aquele era o momento de crescer, de praticar o que eu havia assimilado nas sessões de estudo. Por esse motivo os projetos instrumentais foram os mais difíceis de abandonar.

Desde o início da minha trajetória profissional a música instrumental foi o que me motivou a estudar de forma obsessiva, pretendendo chamar a atenção de todos para o meu talento. Desejei receber a glória dos homens. Agarrei-me a isso, influenciando e arrastando comigo meus dois irmãos.

Antes mesmo de me profissionalizar como baixista, pesquisei sobre a música instrumental produzida no Brasil e, em especial, no Estado do Rio Grande do Sul. Descobri que, no início da década de 1990, vários músicos gaúchos radicaram-se na Europa, alcançando reconhecimento internacional com seus projetos instrumentais autorais em países como Alemanha, Suécia e Áustria. Eventualmente retornavam ao Brasil para concertos e *workshops*. Grupos gaúchos como Raiz de Pedra e Alegre Corrêa Sextett tornaram-se minhas principais referências, porque eu sonhava realizar um trabalho autoral de qualidade misturando improvisação, ritmos brasileiros e elementos da música sul-rio-grandense.

Com esse objetivo, em 2001, eu e meus irmãos formamos o grupo instrumental Terra do Fogo. Este nome fazia alusão ao extremo sul e ao frio rigoroso, característica peculiar do inverno gaúcho. Além dos três irmãos, o grupo receberia um quarto músico, um amigo muito querido, pianista e compositor. Com um bom número de músicas próprias realizamos concertos em pequenos bares de Porto Alegre.

Em 2004, com a ajuda de um jovem produtor, conseguimos um encaixe na agenda musical do Santander Cultural em Porto Alegre, um espaço ligado a uma instituição privada que, além de programações teatrais e exposições de artes visuais, promovia concertos semanais com expressiva visibilidade na mídia local. Nossa foto foi divulgada num folder da instituição ao lado de nomes como o percussionista Naná Vasconcelos e o pianista Cláudio Dauelsberg, músicos brasileiros prestigiados nacional e

internacionalmente que participaram daquela mesma temporada de concertos no Santander Cultural. Além disso, gravamos programas para a TVE e FM Cultura, emissoras públicas de televisão e rádio do Estado do Rio Grande do Sul.

De todos os projetos musicais que participei o grupo Terra do Fogo foi, sem dúvida, o mais significativo justamente por envolver criatividade, laços familiares, amizade e dedicação. Buscávamos fazer sempre o nosso melhor, embora muitas vezes os resultados de ensaios e gravações revelassem muitas de nossas limitações como instrumentistas, compositores ou arranjadores. De fato, havia ainda muito que melhorar nos aspectos musicais. Mas não era isso o que me inquietava.

Após ter abandonado grande parte dos trabalhos seculares, a dúvida maior que ocupava meus pensamentos era sobre permanecer ou não no nosso grupo instrumental. Houve grande necessidade de oração por sabedoria em cada decisão. Não poucas vezes procurei racionalizar a situação, justificar minha vontade humana com um ou outro motivo e, assim, permanecer tocando meu contrabaixo com os projetos artísticos que me traziam prazer ou, noutros casos, benefícios materiais.

Em minha mente os ensinamentos bíblicos ganhavam força. Eu sabia que estava inserido em um grande conflito entre Cristo e Satanás, uma guerra de proporções universais e de resultados eternos, tendo esse mundo como campo de batalha. E após esse encontro com a Verdade (Jesus Cristo), meu olhar sobre todas as questões artísticas e profissionais estava mudando gradativamente. Os antigos sonhos perdiam o sentido, como fumaça que se dissipa pelo ar. Os propósitos eram outros agora.

Eu simplesmente não conseguia harmonizar o objetivo artístico final do grupo instrumental Terra do Fogo com o propósito de seguir e servir a Jesus Cristo completamente, sem

reservas. Por mais que tentasse encontrar desculpas, por mais que desejasse haver harmonia entre esses dois caminhos, precisaria fazer uma escolha: ou a vontade de Cristo para as minhas mãos e meus ouvidos, ou as paixões do instrumentista popular com um coração cheio de ambições e vaidade.

Não mais me imaginava investindo tempo em ensaios e em gravações para mostrar às pessoas nada mais do que composições interessantes e improvisos que apenas evidenciariam o meu potencial técnico como solista no contrabaixo. É importante reconhecer que, apesar dos esforços e da dedicação, improvisar sobre aquelas harmonias nunca fora algo fácil para mim. Definitivamente, a improvisação não era a minha especialidade.

Em resumo, faltava uma razão mais profunda, um objetivo maior do que apenas o prazer pessoal e a autopromoção. Passei a querer compartilhar as novidades, a repartir com outros o alimento que me nutria dia a dia: Jesus Cristo.

Nos meses que antecederam minha decisão final de abandonar os palcos, o grupo Terra do Fogo participou de uma triagem para o Fumproarte, um fundo de apoio para o financiamento de produções artístico-culturais no município de Porto Alegre. Os projetos musicais selecionados seriam beneficiados com 80% do valor total para a produção de um CD.

Enquanto os demais integrantes do quarteto alimentavam esse sonho, eu já não via propósito em realizar algo assim. O concurso da Prefeitura deixava de ser prioridade para mim, porém, eu ainda era o responsável por representar o grupo instrumental Terra do Fogo nas reuniões burocráticas e por acompanhar o processo de seleção. Mas, desatento à agenda do projeto, perdi uma das reuniões mais decisivas. A partir daquela

reunião, os projetos sem representação seriam eliminados do concurso.

Simplesmente não tenho como descrever em palavras a reação dos demais músicos e familiares ao perceberem o que estava acontecendo. Em nenhum momento tive a intenção de sabotar nossas chances no Fumproarte, mas não havia justificativa para aquele esquecimento. Infelizmente, os parentes e amigos, que há algum tempo estranhavam minhas novas escolhas espirituais e renúncias profissionais, não tiveram um olhar imparcial sobre meu descuido; ao contrário, sentiram-se ofendidos e profundamente decepcionados. Fiquei extremamente envergonhado com os resultados da minha falta de atenção e até mesmo evitei tocar no assunto com algumas pessoas, com receio de ouvir mais repreensões. Após aquele incidente, nosso projeto instrumental foi interrompido.

Em oração, pedi a Deus para que Ele tornasse as pessoas mais compreensivas e tolerantes diante das mudanças em minha vida. Com o tempo, de maneira firme e abrangente, procurei esclarecer o meu posicionamento com relação à fé bíblica e sobre não mais trabalhar com a música popular.

Capítulo 16

O sábado bíblico

"Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o Senhor, vosso Deus."

Ezequiel 20:20 (ARA)

Houve um elemento de grande relevância no meu afastamento da agenda da música popular. Ao me aproximar de Jesus Cristo, através da leitura da Bíblia e do testemunho de pessoas próximas, percebi que havia algo relacionado ao fator *tempo* que tornaria a minha rotina profissional incompatível com a vontade de Deus. Tive contato com a doutrina do sábado bíblico ao realizar estudos com cristãos adventistas do sétimo dia. Ficou claro que o sábado, o sétimo dia da semana, é o memorial da criação, o sinal entre o Deus Criador e Suas criaturas humanas e, portanto, é o único dia a ser santificado.

De acordo com as Escrituras Sagradas, o sábado é um período de vinte e quatro horas separado para descanso dos trabalhos de sobrevivência, para cultuar o Criador em gratidão às Suas bênçãos, para estar em maior convívio com a família. É o momento de parar e recompor-se física, emocional e espiritualmente antes de encarar uma nova semana com os desafios do dia a dia.

O sábado bíblico tem início ao pôr do sol de sexta-feira e finda ao pôr do sol de sábado. Durante essas horas não devemos nos envolver com preocupações profissionais, acadêmicas, financeiras ou com tarefas comuns aos outros seis dias da semana. Nossa mente deve estar focada em Deus e em Sua vontade. Por esta razão é comum passarmos as horas do sábado em ambientes tranquilos com a família e em contato com a natureza que é o "segundo livro de Deus". O objetivo é contemplar a criação e meditar no infinito amor de Deus por nós também manifestado através dessas Suas obras. Também manifestamos nossa gratidão e devoção ao Criador compartilhando a esperança de salvação com outras pessoas, seja em cultos de adoração, seja em encontros para estudo da Bíblia ou em visitas levando auxílio espiritual e material aos que necessitam.

Separar este dia para uso santo significa, de maneira prática, afirmar ao mundo que creio num Deus que criou todas as coisas em seis dias e separou o sétimo dia para, no descanso, relembrar-nos do Seu processo criador deste mundo.

A Bíblia revela, ainda, que o sábado é o selo identificador do Criador colocado sobre a fronte (consciência) e sobre a mão (ação). Muitos receberão o selo de Deus sobre a fronte ao tomarem a decisão racional e consciente de separar o dia por Ele determinado para repouso e adoração. O selo de Deus sobre a mão será colocado quando, em atitude de obediência, escolherem não realizar atividades seculares no dia de sábado, demonstrando submissão à Sua vontade.

Nos dez mandamentos (decálogo), que são a lei moral, o Criador mostra-nos o sábado estabelecido por Ele na semana da criação:

"Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou." – Êxodo 20: 8 a 11 (ARA).

Eis um novo conflito em minha mente. Deveria eu ainda realizar *shows* aos sábados, ou seja, no período do sábado bíblico que vai do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado? Como explicar isso aos demais músicos? Todos achariam isso um absurdo. E não foi diferente.

As principais programações culturais e musicais, em todo o país, são agendadas para os finais de semana, especialmente às sextas-feiras ou aos sábados à noite. Para um instrumentista a maior demanda de *shows* acontece nesse período da semana. Mesmo quando um evento ocorre no sábado à noite, parte daquele dia envolve viagens e *sound checks* (passagens de som). Seria possível conciliar tudo com a obediência ao quarto mandamento da Lei de Deus?

Passei por muitos momentos de crise e inquietação. Por um lado eu estava trabalhando e me divertindo, mas por outro eu desobedecia ao mandamento de Deus. Numa noite de sexta-feira, ao tocar com a banda de *salsa* num bar em Porto Alegre, me senti extremamente incomodado. Durante um intervalo saí do local e andei um pouco pela rua; sentia-me triste por estar fazendo o que sabia ser errado, desagradando a Deus. Naquele dia, após cumprir minhas obrigações, saí decidido a não mais trabalhar nas noites de sexta-feira.

Aquela situação exigia uma atitude irrevogável. Optei entregar meus medos e minhas dúvidas a Cristo, e tomei uma firme decisão: estaria submisso à Sua direção diante de quaisquer problemas. Comuniquei ao líder do grupo a minha escolha de santificar o sétimo dia de um pôr do sol ao outro. A partir de então estaria disponível para tocar somente nas noites de sábado ou em outros dias; e para as festas de sexta-feira enviaria um baixista substituto.

No encontro seguinte com o grupo, no bar onde costumávamos sempre tocar, alguns músicos me indagaram sobre o assunto e outros brincaram com minha nova religião. Este foi um bom momento para testemunhar aos colegas sobre o sábado. Acima de tudo eu estava feliz e convicto de que tinha tomado a decisão certa, mesmo ainda não tendo abandonado completamente os círculos musicais.

Aqueles músicos, conhecendo meus hábitos e minhas preferências, sabiam que eu não consumia nenhum tipo de bebida alcoólica, cigarro ou outras drogas. Satanás aproveitou o momento para escarnecer sobre as minhas decisões, procurando me enfraquecer naquela noite. Diante da minha nova postura, alguns colegas me ofereceram cerveja e, como normalmente agia, recusei. Então, num tom sarcástico, um deles perguntou diante de todos na mesa onde estávamos: "Por que você não bebe? Sua religião não o permite?". A piadinha gerou algumas risadas, mas respondi naturalmente: "Alguma vez eu já bebi com vocês?".

Esse era apenas o começo de um processo de estranhamento e distanciamento desses ambientes de diversão. Minha mente era agora atraída para outros valores e outras aspirações, para interesses mais elevados. Cada dia estava mais e mais interessado em Jesus Cristo, em Sua personalidade, em Seus ensinos e em Seu amor incondicional.

Capítulo 17

Renúncias

> *"Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só. Mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, mas quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna."*
>
> João 12:24 e 25 (NVI)

Ao firmar minha decisão, curiosamente fui rodeado por novas e sedutoras propostas de trabalho. Os cachês tornavam-se maiores a cada novo convite. Os elogios aumentavam. Recebi muitos telefonemas, chamados para novas gravações e novos *shows.* É óbvio que Satanás fez de tudo para não perder sua presa. Mais uma vez, com as mesmas estratégias, ele buscava atrair minha atenção para a glória dos homens.

No início de 2005 um guitarrista gaúcho radicado na Alemanha visitaria o Brasil para realizar concertos nas cidades de São Paulo e Porto Alegre. Surgia, então, uma singular e atraente oportunidade de trabalho. Desde minha adolescência apreciava o trabalho instrumental daquele músico, quando ouvia suas gravações em discos de vinil. Suas composições e seu estilo sempre me inspiraram.

Enquanto muitas pessoas oravam por mim incessantemente, Satanás jogava com todas as suas armas para me manter confuso, enredado no mundo da vaidade musical. Em momentos de decisões ao lado de Cristo, fui chamado para trabalhar com um músico que sempre admirei. Além de realizar o sonho de tocar ao lado de um ídolo da música instrumental brasileira, aquele seria o maior cachê de toda a minha trajetória como baixista profissional.

A primeira apresentação com o quarteto do guitarrista aconteceria no programa Rumos do Instituto Itaú Cultural, localizado em São Paulo, capital. O concerto seria gravado e faria parte de um DVD promocional daquela instituição. Contudo, havia um preço que eu teria que pagar. Precisaria que eu transgredisse o quarto mandamento da Lei de Deus. O evento estava agendado para um sábado à noite, porém todos os preparativos seriam feitos durante as horas do sábado, como a viagem de avião, o *check in* no hotel, a passagem de som no teatro do Itaú Cultural, etc.

Impressionado com o valor do cachê e com a chance de gravar com bons músicos, procurei convencer a mim mesmo de que conseguiria "manter o foco" em Deus durante as horas do sábado. Afinal, eu estaria de fato "trabalhando" somente depois do pôr do sol, quando já estivéssemos no palco. Ao justificar minha cobiça, fui fraco e não resisti ao chamado do prazer, caindo na armadilha do inimigo. Meu coração ainda permanecia apegado demais àquelas músicas.

O voo para São Paulo saiu na manhã de sábado. Por mais que tentasse me concentrar em Deus e permanecer em oração, foi literalmente impossível desprender meus pensamentos dos acontecimentos ao redor. Tudo girava em torno da viagem, da agenda e dos ajustes para a gravação.

Após o pôr do sol, percebi o quanto meus esforços para santificar as horas do sábado haviam sido em vão. Apesar das distrações e da ansiedade, permaneci buscando a Deus em oração. Enquanto assistia ao concerto de abertura, realizado pelo grupo PianOrquestra, e mesmo durante a nossa apresentação, percebi aquela mesma ausência de propósitos evidenciada em tantos outros trabalhos. Todas as coisas convergiam para o "eu", para o artista, para o espetáculo. Deus me alcançava ali mesmo naquele teatro, perdido em meio às paixões e à rebeldia, me oferecendo uma nova chance de ser feliz em Seus caminhos.

Houve um momento em que, por livre e espontânea vontade, tomei a decisão de dizer não, de recusar a todos os convites. Descartei indicações para gravações bem remuneradas; abandonei grupos e projetos autorais com amigos; enfrentei protestos de familiares e músicos que, inconformados, reprovaram minhas escolhas.

Consciente da realidade invisível por trás dos acontecimentos, não cairia novamente nos mesmos enganos, independentemente das pressões externas. Já havia escolhido um novo Senhor a quem servir: Jesus Cristo.

Depois de vários meses sem tocar com o cantor e compositor Nicolas (ver capítulo três), recebi um telefonema da agência responsável pela produção de seus *shows*. Até então, eu ainda estava vinculado ao projeto. Fui informado sobre um novo concerto agendado para um sábado à noite. A passagem de som aconteceria no sábado pela manhã, horário em que eu costumava estar na igreja, já há alguns meses, frequentando os cultos de adoração. Naquele momento comuniquei à secretária da agência que não poderia participar do evento, porque havia outro compromisso agendado no mesmo dia e horário da passagem de som. Mal sabia ela que o meu compromisso era com o Deus Criador do universo.

Indiquei outro músico para tocar naquela data, o mesmo baixista que ocupara a vaga antes de eu assumir (ver capítulo três). Desde então, não mais recebi ligações daquela agência de eventos. Havia acabado de entregar meu cargo, preferindo ser fiel ao Deus que poderia prover coisas muito maiores do que dinheiro ou uns poucos minutos de prazer e exaltação própria que eram oferecidos em troca de princípios.

Meses mais tarde encontrei o cantor Nicolas numa loja de instrumentos. Sempre houve uma convivência musical agradável entre nós. Mesmo assim, o encontro foi um tanto constrangedor para mim, pois não queria causar-lhe a impressão de ter depreciado seu trabalho com meu afastamento. Infelizmente, muitos dos meus ex-colegas músicos sentiram-se assim, como se eu os julgasse inferiores ou não merecedores da minha amizade após minha conversão, o que certamente não é verdade.

Naquele novo encontro, Nicolas indagou gentilmente sobre minha ausência naquele último *show*. Então, falei-lhe sobre a decisão de fazer música para Deus e não mais tocar músicas populares. Nicolas garantiu que, se eu mudasse de ideia e desejasse voltar aos palcos, o meu lugar estaria lá, aguardando por mim. Agradeci educadamente, surpreso com suas palavras. Naquele dia tive vergonha de assumir meus princípios publicamente e perdi a preciosa chance de falar de Jesus para aquele homem, estando mais preocupado com a cortesia.

Perceba como nosso adversário é incansável na luta para nos arrastar de volta às suas fileiras, uma vez que tenhamos cedido às suas exigências (ver capítulo três). Ao tomar uma decisão contrária, escolhendo servir ao Único e Verdadeiro Senhor Jesus Cristo, os ataques satânicos tornaram-se mais intensos e astutos, buscando atingir em cheio os meus pontos fracos.

Pedro, em sua primeira carta, declara que:

"[...] O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" – I Pedro 5:8 (ARA).

Ao mesmo tempo, Deus nos faz a promessa maravilhosa por meio das palavras de Paulo:

"Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" – I Coríntios 10:13 (ARA).

Para muitos eu perdera o juízo ao abandonar posições de destaque na área da música. No entanto, me sentia muito feliz e livre para adorar somente a Deus, obedecendo aos Seus mandamentos sem interferências. As pessoas que oravam por mim davam glórias a Deus pelas respostas, percebendo a influência divina em minhas decisões.

Minhas últimas apresentações como baixista no meio musical popular ocorreram em maio de 2005 num *pub bar* em Porto Alegre, ao lado de uma intérprete e músicos selecionados. Foram dois *shows* que aconteceram numa mesma semana, na terça e na quarta-feira. O repertório, predominantemente constituído por ritmos brasileiros, era uma espécie de tributo à cantora Elis Regina.

Por anos eu escutara aquelas mesmas canções como uma fonte de informação, uma referência de "como tocar samba". Minha mente estava condicionada a apreciar aquele repertório. No entanto, por mais que a harmonia e os ritmos soassem agradáveis aos meus ouvidos, algumas letras realmente me incomodavam.

Uma das músicas era extremamente lenta e melancólica, com uma mensagem depressiva sobre amor não correspondido. Enquanto tocávamos aquela canção, percebi o peso da mensagem que estava sendo transmitida ao público. Novamente, o Senhor me alcançava ali, no palco, me orientando com todo o Seu amor. Então, tudo ficou muito claro. Como eu poderia continuar sendo pago para usar a música como meio de propagar valores tão distantes da verdade e do caráter de Deus?

Após aqueles dois eventos, soube que o próximo concerto seria realizado numa sexta-feira à noite num auditório localizado no interior de uma grande livraria. Eis o momento oportuno para a despedida.

Em minhas orações, pedi que meu Senhor me fortalecesse e me desse as palavras certas. Dias antes do evento expliquei aos responsáveis que, por uma questão de princípios, eu não mais trabalharia aos sábados, expondo-lhes os detalhes sobre o pôr do sol de sexta-feira. Por essa razão não participaria daquele próximo concerto. Garanti que não teriam com que se preocupar, pois eu passaria o repertório para outro baixista que assumiria meu lugar a partir dali. A cantora não recebeu bem a novidade, demonstrando espanto e justificando suas opiniões bastante liberais e relativistas sobre Deus e sobre religião. Percebi que não poderia convencer ninguém com palavras, pois todos permaneciam céticos quando princípios bíblicos interferiam no trabalho com a música.

Nove anos mais tarde, enquanto concluía alguns capítulos deste livro, recebi um novo e-mail do cantor Nicolas, com um atraente convite:

"Já faz um bom tempo desde que tocamos juntos, e nem tenho notícias tuas afora o blog[1], que visito de vez em quando.

[1] musicaecontemplacao.blogspot.com

Mesmo assim continuei saudoso do teu estilo e sonoridade. Encontrar músicos que combinem assim técnica e sensibilidade não é lá muito fácil.

"Sei que estás distante da música popular faz tempo, e considerei isso, evitando te incomodar com convites para *shows*. Mas surgiu agora um momento irresistível: é um único *show*, apresentando por inteiro um repertório que fizemos juntos muitas vezes. Enfim, criei a coragem de te sondar, e dou detalhes de como seria: *show* no dia 22 de fevereiro [um sábado], às 21h, no Auditório Araújo Vianna. Cachê de mil reais. Então, está feito o convite. Se te interessar, será um grande prazer contar contigo. E, seja como for, te desejo muita paz e deixo o meu abraço".

Os elogios foram escritos de maneira extremamente educada e afável, demonstrando leal consideração de Nicolas. O convite era interessante e o cachê bastante sedutor. Novamente Satanás estava a manipular pessoas sinceras e circunstâncias, criando assim, uma nova armadilha para desviar meu foco dos propósitos de Deus. Orei pedindo que Deus não permitisse que essa nova tentação ocupasse minha mente.

Note que o e-mail chegou exatamente no momento em que eu registrava testemunhos e denunciava os ardis do diabo nas páginas de um livro. Mas ao mesmo tempo, com um simples e-mail, Deus abria uma via de acesso a essa pessoa, uma nova chance de declarar a Verdade. Não podia eu perder aquela nova oportunidade de testemunhar. Eis a minha resposta ao cordial convite:

"Querido Nicolas, bom é receber a tua mensagem e de modo algum me sinto incomodado com a tua lembrança e contato. Fique à vontade para escrever sempre. Fico feliz que estejas acompanhando o blog. É um grande prazer tê-lo como leitor, meu amigo. Entendo o teu entusiasmo e motivação com o

convite. Afinal, nos divertimos bastante naquela época, não é? Eu, pessoalmente, me diverti, com certeza. Aproveitei ao máximo a nossa convivência musical.

"Hoje, meu tempo, minhas ideias e meu foco profissional estão em outras áreas, como a educação musical, o estudo de outros instrumentos, a realização de palestras e outros projetos ligados à música e à religião. Já não tenho me dedicado exclusivamente ao contrabaixo. O fazer musical ganha novo propósito, algo bem diferente daquilo que eu costumava realizar antigamente, inclusive na época em que tocávamos juntos.

"A música tem uma nova função em minha vida, ou seja, a de servir como um meio de beneficiar pessoas, procurando apresentá-las à maior Fonte de esperança que podemos encontrar em meio a essa realidade tão confusa e cheia de problemas. Essa Fonte é a Verdade. Não uma 'verdade' que me ilude, mas a Verdade que me liberta. Há muitas 'verdades' por aí que também não me iludem. Refiro-me aqui à Verdade em essência, conforme revelada nas Escrituras Sagradas: Jesus Cristo. O contrabaixo tem sido apenas mais uma ferramenta a serviço desse propósito. J. S. Bach afirmava que 'o objetivo e a finalidade maior de toda música não deveria ser outro além da glória de Deus e a renovação da alma'. Compreendo que a música possui outras finalidades, contudo, reconheço a grandeza de sua declaração.

"Sobre a música popular em geral, realmente é algo que não me atrai mais, devido ao conteúdo textual, muitas vezes contrário àquilo em que creio, mas também devido à influência dos ritmos populares sobre a mente e o corpo humano. Após muitas pesquisas, percebi a gravidade e a profundidade da questão, bem como a responsabilidade que tenho, como instrumentista, de não provocar distúrbios no organismo de ouvintes e músicos ao redor (ou em mim mesmo) ao tocar determinados ritmos da música popular.

"Há ainda um princípio a considerar. [Neste trecho do e-mail, incluí os mesmos textos e citações bíblicas do capítulo dezesseis, explicando sobre o sábado bíblico, um memorial da criação e selo de Deus]... Futuras leis nos obrigarão a guardar o domingo. Isso não será nenhuma novidade para quem vem acompanhando os noticiários internacionais. Basta ligar os pontinhos. O interessante é já estar revelado há séculos, nas páginas da Bíblia. É óbvio que poucos tocam no assunto.

"Nicolas, eu te agradeço demais pelo convite e por guardares boas lembranças da música que fizemos juntos, mas por uma questão de princípios, não posso aceitar. Não posso fazer de conta que não sei de nada, ignorar fatos e experiências e voltar atrás em minhas decisões. Isso seria negociar princípios. Uma conhecida escritora norte-americana certa vez declarou que:

'A maior necessidade do mundo é a de homens - homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus'.[2]

"Também te desejo muita paz e saúde, meu querido. Abraço na família e nos guris da banda. Sinta-se livre para escrever quando quiser, ou se desejar, pode marcar um encontro. Que tal um almoço?"

Após redigir essa resposta, decidi registrar a conversa neste capítulo. Pela primeira vez em minha experiência cristã conduzi um estudo bíblico não presencial sobre o sábado com uma pessoa tão influente no meio artístico.

[2] WHITE, Ellen. *Educação.* Tatuí, SP. CPB: 2004. (p. 57).

Tenho certeza de que essas palavras foram como sementes lançadas em campo fértil, pois Nicolas é um homem culto, embora aparentemente cético, e bem informado sobre as notícias do mundo político e religioso. Muitas de suas canções apresentam temas sociopolíticos. Oro para que, um dia, essas sementes da verdade produzam bons frutos em seu coração e decisões ao lado de Cristo que certamente influenciarão a muitos.

Capítulo 18

Reeducando os ouvidos

"Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te! Abriram-se-lhe os ouvidos [...]"

Marcos 7:34 e 35 (ARA)

Durante anos, com minhas músicas favoritas, exercitei minha percepção para distinguir os sons graves do contrabaixo na audição de discos de vinil, fitas K-7 e CDs. Na adolescência, o gênero popular que me atraiu foi o *rock* em suas múltiplas tendências com todo o seu poder de influência sobre o comportamento e as emoções. Mais tarde o *jazz*, a *soul music* e os ritmos brasileiros me fascinaram. Colecionei CDs e mais CDs com gravações de baixistas famosos, apenas para absorver informações sonoras necessárias para o meu crescimento musical como baixista, e nada mais.

Essa constante audição à procura dos sons do contrabaixo tornou-se um mecanismo automático que, muitas vezes, me impedia de apreciar a música de forma mais ampla. Nunca me preocupei com o conteúdo textual das composições ou com a qualidade dos arranjos. As letras poderiam conter palavrões ou até mesmo mensagens satânicas nada subliminares; a harmonia de um *standard* de *jazz* poderia ser medíocre e repetitiva; assim

mesmo eu estaria satisfeito, desde que houvesse um bom desempenho do contrabaixista.

A música possui, entre outras funções, um caráter didático. Muitos compositores dedicaram-se à elaboração de métodos de estudo para instrumentos. Mas a apreciação musical não deve se resumir à técnica. A técnica é uma ferramenta a serviço do intérprete que poderá, ou não, expressar as intenções do compositor ou do arranjador. Há que se considerar, ainda, a letra da canção que tem uma carga de informações a ser absorvida pelo ouvinte. Mas minha rotina reduziu o hábito de ouvir música à pesquisa de aspectos técnicos relacionados ao contrabaixo. Eventualmente ouvia música erudita em concertos, ou música regional gaúcha em festivais nativistas.

No convívio com Regina, quando ainda éramos namorados, tive acesso à música cristã adventista do sétimo dia produzida no Brasil em diferentes períodos, desde os hinos tradicionais até músicas contemporâneas com arranjos *pop*. Esse contato ocorreu durante o ano de 2004, época em que conservava um olhar bastante preconceituoso sobre "músicas de igreja". As músicas *gospel* produzidas no Brasil não chamavam a minha atenção, pois tudo o que ouvira até aquele tempo soava como uma cópia de músicas populares, excetuando as letras.

Ao ouvir músicas cristãs adventistas do sétimo dia, porém, fiquei surpreso com a qualidade das vozes e a excelência dos arranjos. Havia algo diferente ali; originalidade nas composições e um cuidado especial com a harmonia das vozes somado aos bem elaborados arranjos de base e de orquestra. Havia também músicas com arranjos mais *pop*, que apresentavam muita percussividade na execução. Acostumado a ouvir e a tocar diferentes ritmos da música popular no contrabaixo, naturalmente me identifiquei com aquelas músicas mais

percussivas, ou seja, com aqueles arranjos que apresentavam ênfase nos elementos ritmo, contrabaixo, bateria, *soul music*, etc.

No início, sentia desconforto ao ouvir músicas que falavam sobre Jesus. Não compreendia as mensagens de salvação das letras das canções. Cheguei ao ponto de querer ouvir somente os *playbacks*, as gravações de base com instrumentos apenas, sem as letras cristãs que pareciam tão estranhas e que permaneciam muitas vezes em segundo plano, sendo obscurecidas pelos ritmos dançantes que eu tanto apreciava.

Meu interesse por essas músicas cresceu ao descobrir que havia instrumentistas brasileiros famosos listados nas fichas técnicas das produções adventistas do sétimo dia, os mesmos que eu já ouvia e admirava em trabalhos seculares. Minha atenção fixava-se ainda no virtuosismo dos músicos aplicado aos ritmos populares das canções.

Conhecendo o perfil daqueles músicos, algo me intrigou ao notar que eram contratados para gravar música cristã. Muitos deles eram usuários de drogas e levavam uma vida extremamente dissoluta, apesar de seu grande talento reconhecido nacional e internacionalmente.

O consumo de álcool e drogas pelos profissionais da música é algo corriqueiro. Em Porto Alegre, conheci instrumentistas que consumiam cocaína para permanecerem acordados estudando por mais horas, a exemplo dos seus grandes ídolos do *jazz*. Outros diziam que fumar maconha antes de tocar poderia aumentar a sensibilidade musical, de acordo com a crença da cultura *reggae* onde o estado de consciência alterado resultante do uso da erva torna-se fonte de conhecimento.

Em 2002, durante as mixagens de uma gravação com o grupo instrumental Terra do Fogo, o engenheiro de som pediu

uma pausa para fumar maconha. Álcool e drogas como maconha ou cocaína eram elementos comuns nos camarins de teatros e bares. Práticas como essas nunca me influenciaram, pois realmente eu procurava levar a música a sério como arte e profissão.

Mesmo não sendo um cristão, percebi certa incoerência na combinação de mensagens textuais bíblicas cantadas com acompanhamento instrumental realizado por músicos não cristãos. Como somar ideias musicais concebidas muitas vezes sob o efeito de drogas às letras que falam sobre um Deus puro e perfeito? Não seria possível alcançar resultados excelentes a partir de planejamento cuidadoso e minuciosa escolha dos músicos participantes, sendo estas pessoas competentes e envolvidas no serviço cristão?

Anos mais tarde, ao ser contratado para uma gravação com cantores cristãos, entendi que um dos motivos para convocar um músico não cristão (ou recém-convertido, como eu) para essas produções é uma busca por um resultado sonoro semelhante às produções seculares comerciais. Certamente, não há ninguém mais qualificado para prestar esse serviço do que instrumentistas com experiência na música popular.

Noutra ocasião, Regina e eu ouvimos juntos uma música diferente que me chamou muito a atenção. Desta vez era algo melhor, com uma sonoridade mais refinada. Tratava-se de uma canção chamada "Calma, mansa, serena"[1], uma gravação a cappella com o quarteto masculino Arautos do Rei. Não havia nenhum elemento em conflito com o texto, mas tudo estava em perfeita ordem. A harmonia sustentava a melodia sem suprimi-la, enquanto esta carregava as palavras, valorizando a mensagem. Vozes afinadas e melodiosas mantinham a harmonia

[1] Composição e arranjo de Jader Dornelles Santos.

soando perfeitamente, mesmo sem quaisquer instrumentos. Não mais procurei frases de contrabaixo, mas passei a me concentrar nos acordes e movimentos sonoros. "Uau, como se faz isso? Como se cria algo assim?", pensei.

Após os momentos de habitual apreciação técnica, mergulhei no texto que era cuidadosamente amparado pela suavidade e profundidade do arranjo. Essa combinação criava um ambiente sonoro repleto de paz e segurança. Pela primeira vez pude sentir a presença de Deus ao ouvir música, descansar meus pensamentos e refletir sobre minha necessidade de um Salvador pessoal. Nunca antes eu havia experimentado tal prazer espiritual e, ao mesmo tempo, racional. Não existia conflito entre ritmo e mensagem, ou entre harmonia e mensagem. O ritmo estava presente, mas permanecia subjugado à melodia e à harmonia.

Esse foi meu primeiro contato com a verdadeira música sacra e sua ação benéfica e enobrecedora. Ao degustar uma vez esse alimento musical tão raro e saudável, houve em mim grande anseio por conhecer mais sobre arranjos para vozes e orquestra, música sacra a cappella ou algo que apresentasse aquela mesma riqueza sonora.

Por muito tempo resisti ao estudo das Escrituras Sagradas e a uma aproximação maior com seu Autor. Contudo, Deus trabalhou em meu coração carinhosamente, fortaleceu minha fé e me levou a uma futura decisão ao Seu lado.

Logo após convergir meu foco para Jesus Cristo, e conhecendo outros músicos cristãos adventistas do sétimo dia, toquei contrabaixo ao lado de corais e grupos. As músicas utilizadas em muitos cultos eram semelhantes ao *gospel* norte-americano, apresentando extremismos vocais, ritmos dançantes e

instrumentos ruidosos, quase sempre invisíveis, mas presentes nos *playbacks*.

Em outros momentos, havia a predominância da melodia sobre os demais elementos da música e a mensagem exercia sua função de modo mais eficaz sobre a congregação e sobre mim. Alguns arranjos produziam reações de paz e outros, movimentação corporal. Percebia claramente esse contraste entre músicas que deveriam servir a uma mesma finalidade: edificar a experiência espiritual de um povo que aguarda a segunda vinda de Jesus Cristo.

Uma das experiências musicais mais emocionantes que vivenciei foi com um coral de jovens poucas horas depois do meu batismo, a convite de um grande amigo, o maestro José Elias Dotti. Nunca antes acompanhara tantas vozes cantando juntas numa música tão bela e de reflexão. Tratava-se de um hino que apresentava como mensagem os versículos de um Salmo bastante conhecido[2]. Naquele dia pude sentir novamente o prazer racional da genuína música sacra, mas, desta vez, como músico executante e não apenas como ouvinte.

Meu gosto por músicas mais ritmadas ainda predominou por muitos anos. Minhas novas composições eram semelhantes às antigas músicas do grupo Terra do Fogo, mas com letras que falavam de Jesus. Participei do Grupo Instrumental de Porto Alegre com outros músicos adventistas. Havia os instrumentos saxofone, violão, contrabaixo elétrico, guitarra, bateria e teclado. Nessa época, meu irmão mais novo, André, já tivera contato com a Bíblia e se tornara adventista do sétimo dia também. André participou deste projeto tocando bateria. Tocávamos versões instrumentais de hinos conhecidos, mas não exatamente música sacra. Fazíamos arranjos contemporâneos para músicas cristãs

[2] Salmo 23. Composição e arranjo de Flávio Almeida Santos.

comerciais e tradicionais com improvisos, harmonias dissonantes e ritmos sincopados repetitivos (*grooves*) enfatizados pelo baixo e bateria. Utilizávamos ritmos como *soul music*, *pop ballad* e bossa nova sobre hinos do Hinário Adventista do Sétimo Dia e outras produções mais modernas.

Ao mesmo tempo em que pesquisava sobre música sacra, meu olhar era atraído para livros e artigos sobre a influência da música. Investiguei sobre diferentes questões ligadas à música sacra, liturgia, instrumentos e efeitos sobre a mente humana.

Confesso que nem tudo o que li me agradou, em especial aquelas informações que contrastavam com o meu gosto musical profundamente enraizado nas antigas influências. Passadas as primeiras crises e decepções, logo as coisas começaram a fazer sentido.

Capítulo 19

Deus escreve arranjos para as nossas vidas

"Não temas porque Eu sou contigo; não te assombres porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel."

Isaías 41:10 (ARA)

Minha estabilidade financeira sofreu um estrondoso impacto quando deixei para trás os palcos e estúdios, porque esse havia sido meu meio de subsistência durante anos. Por muitos meses permaneci somente ministrando aulas de contrabaixo elétrico em escolas de música. Decidido a não mais me envolver com o meio artístico, procurei me distanciar mais e mais da música e considerava as aulas de instrumento apenas como um trabalho momentâneo. Meus planos agora eram outros, talvez cursar uma faculdade de história ou de psicologia. Mas os planos de Deus não eram esses.

Em meados de 2005, após deixar todos os trabalhos com música secular, passei a praticar e tocar com menos frequência. Nesse período eu ainda possuía alguns itens de valor, equipamentos de qualidade que já não eram utilizados como

antigamente. Havia um pequeno amplificador e quatro diferentes contrabaixos. Um deles era um antigo Fender, fabricado nos Estados Unidos em 1975; havia sido a principal ferramenta de trabalho naqueles últimos anos. Havia ainda um baixo *fretless*[1], um grande contrabaixo clássico de 4/4 de escala e também um contrabaixo elétrico de seis cordas construído sob encomenda por um *luthier*[2].

Além de todos esses utensílios, restavam muitas dívidas e o desejo de não piorar a situação. Contudo, confiante em Deus, sabia que Ele poderia solucionar qualquer problema mediante minha submissão e minha dependência.

Ao visitar Guilherme, um amigo baixista, este me apresentou a seguinte questão:

"Daniel, o meu amplificador está com problemas. Procuro algo de tamanho menor, mas com qualidade, como aquele que você possui. Por acaso você conhece alguém que queira vender um amplificador igual ao seu?"

No primeiro momento disse-lhe que não pretendia vendê-lo, pois seria útil para tocar em eventuais programações com o coral da igreja. Porém, ao refletir sobre aquela proposta, percebi que seu interesse era uma resposta de Deus para a minha necessidade momentânea. Mais uma vez, foi preciso estar atento à regência de Deus.

Em poucos dias, vendi meu amplificador para Guilherme, sanando com isso uma das dívidas mais urgentes. Precisei abrir mão de algo que parecia ser importante para mim; precisei me desprender de um bem material que até certo ponto poderia ser

[1] Contrabaixo elétrico sem trastes. Nesse instrumento, as cordas tocam a madeira da escala, como num violino ou violoncelo.
[2] Profissionais especializados em construção, reparos e avaliação de instrumentos de cordas.

útil. Somente assim pude compreender que aquela era a primeira solução provida por Deus para um momento de crise.

Minha primeira atitude em favor do desprendimento fortaleceu as decisões seguintes. Ao perceber que as prioridades eram outras e que não haveria utilidade para uma coleção de contrabaixos, decidi vender meu instrumento "relíquia" de 1975 e também o grande contrabaixo clássico. Mais adiante vendi também o baixo *fretless*, restando apenas um instrumento, o suficiente para atender às necessidades musicais daquele momento.

Em todos os casos, os compradores apareceram como que "do nada", pois não precisei anunciar formalmente nenhum daqueles itens. Apenas orei e esperei em Deus. Simplesmente fui contatado pelos interessados que souberam do negócio através de amigos em comum. Foi realmente surpreendente. Alguns chegaram propondo a compra à vista, com o valor em mãos.

Assim, muitos problemas foram sanados. Por Sua providência Deus não somente mostrou soluções financeiras, mas me ensinou importantes lições sobre abnegação.

Durante o ano de 2006 trabalhei como monitor na biblioteca de um curso pré-vestibular. Em troca, eu tinha o direito de assistir às aulas do curso no turno inverso. Naquela biblioteca encontrei muitos livros de história que confirmavam as profecias bíblicas e os relatos históricos do livro "O Grande Conflito", da escritora norte-americana Ellen G. White. Pude também testemunhar de Cristo a muitos colegas, presenteando-os com este e com outros livros.

Na primavera daquele mesmo ano Regina e eu nos casamos. Com o casamento surgiram novos desafios e maiores responsabilidades, mas Deus esteve sempre presente conosco, provendo o necessário em todos os aspectos. As surpresas de

Deus foram muitas e cada uma foi revelada no tempo certo, no Seu tempo. Procurei esperar e crer em Suas soluções que são sempre melhores do que as limitadas soluções humanas. Apesar de meus esforços para mudar de profissão, a voz divina sempre me conduziu de volta para a música.

Após um breve período de escassez, o número de alunos nas escolas de música aumentou muito. Jamais tive tantos alunos de contrabaixo como naquela época. Surgiram também alunos particulares de violão. Milagrosamente os recursos eram proporcionais às nossas necessidades.

No convívio com os demais professores numa daquelas escolas de música observei que a maioria deles possuía algum tipo de graduação na área. Aqueles profissionais dedicavam-se à educação musical em tempo integral com seriedade e prazer. Há anos eu exercia aquela mesma função, porém nunca havia atribuído grande importância à educação musical. Ao observá-los durante uma reunião pedagógica, percebi que estava rodeado de pessoas que construíram sua trajetória profissional na música como educadores.

Naquele momento uma doce voz sussurrou à minha mente:

"Daniel, o que o impede de prosseguir nessa direção? Você já é um músico e ministra aulas há mais de dez anos. Olhe para os seus colegas. São professores felizes e bem-sucedidos. Sei que a música é a sua paixão. Confie em Mim."

Havia muita segurança naqueles pensamentos que não eram meus. A partir dali iniciei uma pesquisa sobre cursos superiores de música. Conversei com os colegas mais experientes em busca de informações. Pedi a Deus orientação nas futuras decisões acadêmicas e profissionais.

No final de 2007 realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e obtive bons resultados, após muitas orações e sob a regência do meu Mestre Jesus Cristo em cada momento. Com isso, no ano seguinte, recebi uma bolsa de estudos integral oferecida para o curso de Licenciatura em Música em uma universidade particular, o Centro Universitário Metodista - Instituto Porto Alegrense (IPA).

Deus abriu o caminho para a minha graduação na área da música. Sua providência foi muito clara em cada etapa de todo o processo. Percebi Sua ação no súbito aumento em número de alunos, no meu desempenho e na minha tranquilidade ao realizar a prova objetiva e a redação, na classificação e no ingresso na faculdade. No ano anterior minha esposa Regina passara pela mesma experiência, tendo recebido uma bolsa de estudos integral para o curso de Nutrição em outra universidade particular. Tudo isso era apenas o princípio do plano de Deus para nós.

No curso de Licenciatura em Música tive contato com áreas da pedagogia e do conhecimento musical até então pouco ou nada exploradas por mim como a psicologia do desenvolvimento, o canto coral, a regência, a técnica vocal, a prática de flauta doce e piano, entre outras atividades pedagógicas.

No trabalho como professor nas escolas particulares de música não havia um vínculo empregatício. Por muito tempo orei por um contrato de trabalho, pois as aulas de instrumento não ofereciam os benefícios e a estabilidade de um emprego. Então, o Senhor operou um novo milagre em nossas vidas respondendo a essas orações.

Em março de 2009, com apenas dois semestres do curso de licenciatura concluídos, fui indicado para assumir uma vaga de

professor de musicalização infantil e regente de corais em uma das maiores escolas da rede adventista de educação do sul do país: o Colégio Adventista de Porto Alegre. A partir daí, o trabalho como educador musical estaria associado à obra de pregação do Evangelho. Deus escolheu pessoas especiais que foram usadas por Ele naquele momento, desde a indicação até a entrevista e a contratação.

Naquela escola, estive à frente de diferentes grupos e projetos musicais durante cinco anos como professor, arranjador, compositor e regente. Deus me conduziu para algo novo e me colocou diante de um gigantesco desafio, um trabalho com o qual jamais sonhara cujos benefícios não mais estariam centralizados no *eu*; os benefícios musicais e espirituais seriam coletivos e imensuráveis. Pude falar sobre a segunda vinda de Jesus para muitas crianças e famílias através das músicas cantadas em ensaios e recitais com os corais infantis. No contato com os pequeninos alunos de quatro anos experimentei pela primeira vez o desejo de ser pai.

Em pouco tempo, Regina e eu adquirimos nossa primeira casa própria, um pequeno apartamento na zona leste de Porto Alegre, próximo à igreja onde fui batizado. Essa foi mais uma vitória, concedida após um longo período de espera e orações.

O ano de 2013 ficou marcado para mim devido ao falecimento de meu pai, que sofreu um infarto fulminante aos 67 anos. Após essa e outras provações - o desgastante e excessivo número de horas/aula e a contínua e crescente indisciplina dos alunos - nosso Senhor outra vez apontou soluções maravilhosas em resposta às nossas súplicas.

Recebi um inesperado convite para dar aulas em outra escola da mesma rede educacional. Desta vez num colégio menor, com uma carga horária reduzida, localizado em um

bairro mais próximo de nossa casa. Somada a essas vantagens, uma atraente proposta foi apresentada: além das aulas de musicalização infantil e canto coral que integravam o currículo, eu também ministraria aulas terceirizadas de instrumentos em horários alternativos. Aquele seria o primeiro passo para estabelecer a minha própria microempresa.

Em 2014, então, no Colégio Adventista do Partenon, em Porto Alegre, iniciei o Projeto Escola de Violões. Organizei uma escola de música com cursos de diferentes instrumentos para alunos e pais no ambiente escolar. O projeto fez tanto sucesso que em pouco tempo foi necessário contratar outra professora para assumir alguns cursos. Logo nos primeiros meses, o elevado número de alunos ultrapassou quaisquer estimativas.

Nessa mesma época, Regina e eu havíamos feito nosso planejamento familiar e aguardávamos a chegada do bebê com grande expectativa. O nascimento de nossa filha Raíssa foi, sem dúvida, o maior presente de nossas vidas. Orei ao Senhor da vida pedindo uma menina saudável e perfeita. Ele atendeu às minhas preces e me tornou um homem privilegiado ao viver a incomparável experiência de ser pai. Deus colocou em minhas mãos a grandiosa responsabilidade de liderar uma família, de ser o sacerdote de um lar.

Após um período de oito anos, diversos fatores como o estresse, a indisciplina e outras provações do ambiente escolar pesaram para o meu afastamento das salas de aula. Com os joelhos dobrados, todas as dúvidas foram entregues Àquele que tudo pode e que sonda os corações. E as respostas vieram.

O trabalho com o Projeto Escola de Violões em parceria com o Colégio Adventista Partenon prosperou significativamente a partir de 2017. Os meus horários semanais, antes ocupados pelas atividades escolares, foram rapidamente preenchidos com

aulas individuais de instrumentos, que é uma atividade prazerosa, gratificante e musicalmente produtiva. Os resultados desta atividade, em curto prazo, ficaram evidenciados nas audições realizadas com os alunos. Além disso, Deus enviou alunos particulares e abriu uma nova porta para lecionar violão clássico e técnica vocal para adultos na Escola de Música Adventista (EMA), em Porto Alegre.

Deus age diretamente em nossas vidas. Conhecendo todos os detalhes do nosso dia a dia, Ele é cuidadoso em nos conceder aquilo que somente Ele sabe ser o melhor para nosso amadurecimento no tempo oportuno.

As respostas divinas relatadas neste livro são apenas fragmentos de Sua ação permanente. São como trechos de um arranjo que o Grande Regente Jesus Cristo escreveu para uma de Suas composições, isto é, para minha vida.

Capítulo 20

Em busca de mais respostas

"Mas, se alguém tem falta de sabedoria, peça a Deus, e Ele dará porque é generoso e dá com bondade a todos. Porém peçam com fé e não duvidem de jeito nenhum, pois quem duvida é como as ondas do mar, que o vento leva de um lado para o outro. Quem é assim não pense que vai receber alguma coisa do Senhor, pois não tem firmeza e nunca sabe o que deve fazer."

Tiago 1:5-8 (NTLH)

A experiência com a música popular no passado me ajudou a assimilar novos conceitos, confirmando aquilo que Deus nos revelou e a ciência tem comprovado. Detalhes daquele cenário em que eu estivera inserido por dez anos foram descritos por cientistas, autoridades em música e pesquisadores; bem como pelos escritores da Bíblia em diferentes passagens, abordando princípios morais e consequências da desobediência a Deus.

Em seu livro *O Que Deus Diz Sobre a Música*, a Dra. Eurydice V. Osterman[1] explica, com base em diferentes referências científicas, que a música "cria e influencia os

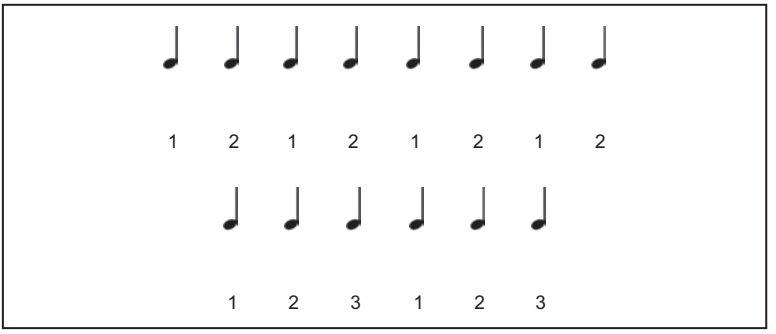
[1] Eurydice Valenis Osterman é doutora em arte musical pela University of Alabama. É palestrante internacional, educadora musical, regente, compositora, arranjadora, organista e pianista.

sentimentos, as ideias, as emoções, a disposição e o comportamento de uma pessoa".[2]

Deus sabe o quanto foi difícil e doloroso admitir isso, e também por quantas vezes ignorei esses temas relacionados à influência da música ao me deparar com livros e outros materiais. De tempos em tempos, Deus deixava mensagens em meu caminho: livros dedicados ao assunto, testemunhos, entrevistas com especialistas, artigos científicos e depoimentos em vídeo. Todos esses elementos combinados funcionaram como sinais em série, apontando para uma mesma direção.

É impossível ignorar as evidências e a sucessão dos fatos que me levaram às respostas no decorrer dos últimos anos, por mais que minha mente tenha clamado pelos estímulos musicais em mim arraigados que agora eu enxergava serem nocivos.

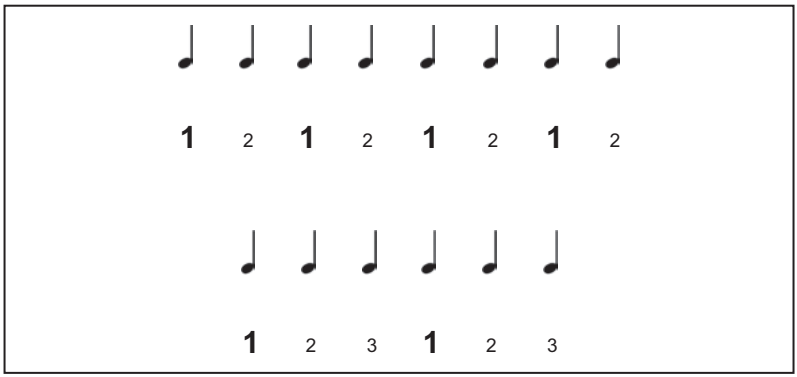
O ser humano foi criado com ritmos biológicos naturais. A música, assim como outros estímulos externos, é capaz de influenciar os ritmos do corpo humano podendo, ou não, gerar distúrbios. Antes de abordar sintomas causados por determinados sons ou ritmos que ouvimos, é necessário trazer luz sobre alguns aspectos musicais.



[2] Osterman, Eurydice V. *O Que Deus Diz Sobre a Música.* Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010. (p. 80).

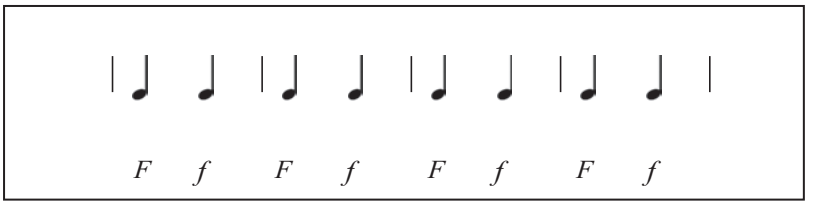
Toda música se desenvolve sobre o que chamamos de *Pulsação*. O primeiro quadro mostra sequências contadas em grupos de dois ou três pulsos.

É importante, na prática, contar e marcar a pulsação de forma simples e contínua, como um relógio, batendo o pé sobre o assoalho ou estalando os dedos. Para definirmos o início de cada grupo (ou compasso), vamos acentuar sempre o primeiro pulso (**1**):

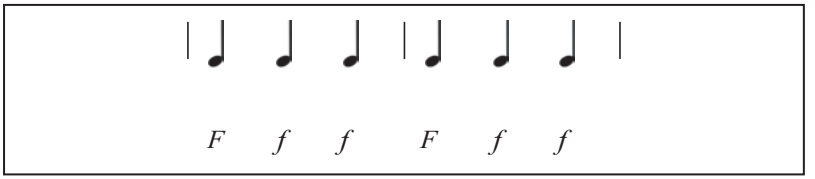


Os números maiores são chamados de *tempos fortes* (F) e os menores de *tempos fracos* (f). *Tempo* é o período entre um pulso e outro. Cada tempo pode ser preenchido com som e/ou silêncio.

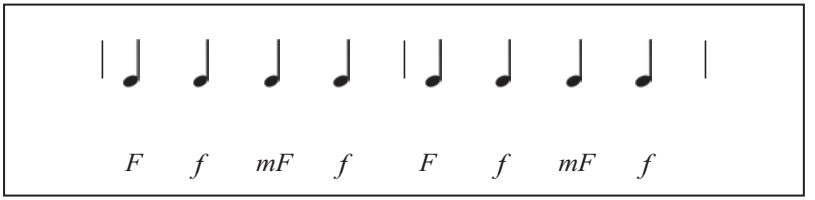
O próximo exemplo apresenta pequenas mudanças. Ao separarmos os compassos com barras de divisão, temos uma distribuição mais ordenada com dois tempos por compasso. Ao substituirmos os números pelas letras *F* ou *f*, temos a sequência *FORTE – fraco*:



Do mesmo modo, veremos agora compassos de três tempos, obedecendo à acentuação *FORTE – fraco – fraco*:



Já o compasso de quatro tempos traz uma diferença na sua acentuação. A sequência a seguir é *FORTE – fraco – meio FORTE (mF) – fraco*:



Essa é a acentuação natural nos compassos de dois tempos (binário), de três tempos (ternário) e de quatro tempos (quaternário). Percebam que, de acordo com essa acentuação natural, os pulsos que correspondem aos números pares nunca recebem o acento forte (F).

A essa divisão da música em compassos, organizados em tempos fortes e fracos, chamamos *Métrica.*

"Métrica envolve nossa percepção inicial, bem como a antecipação subsequente de uma série de batidas que extraímos da superfície rítmica da música à medida que ela se estende no tempo".[3]

O músico e autor Bohumil Med fornece-nos as seguintes definições para *Acento* e *Acento Métrico ou Natural*:

"[Acento] É o grau de intensidade atribuído à determinada nota de um desenho ou frase musical. É a ênfase dada a um som (alguns sons são mais fortemente acentuados que outros). Acento métrico ou natural corresponde ao tempo forte ou parte forte do tempo".[4]

Muitos dos ritmos biológicos do corpo humano são também organizados em sequências de pulsos com ênfase natural no primeiro pulso; assim como o acento métrico dos compassos exemplificados aqui.

Respiração, batimentos cardíacos, ondas cerebrais e pressão arterial são exemplos de ritmos do nosso organismo que correspondem ao compasso binário ou quaternário, e ainda os movimentos musculares para caminhada ou marcha, entre outros. O ciclo sono/vigília, por exemplo, além de outros movimentos musculares, seguem o ritmo do compasso ternário.

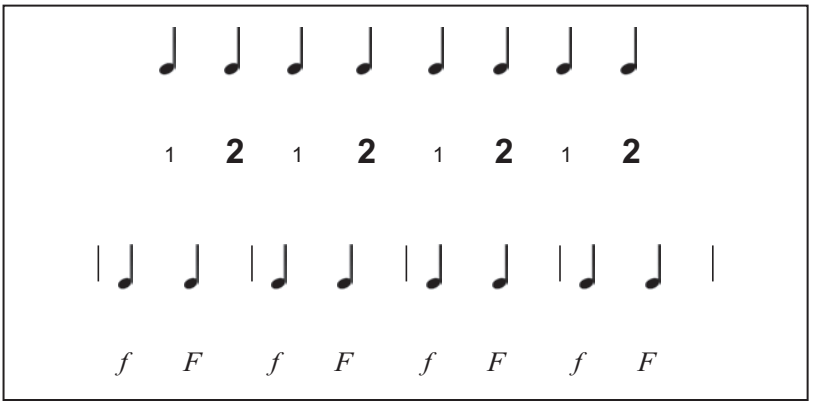
Portanto, músicas que apresentam ritmos com essa acentuação biológica natural influenciam de forma positiva os nossos ritmos, pois estão de acordo com o que Deus estabeleceu para o bom funcionamento de nossa mente e de nosso corpo.

---

[3] London, Justin. *Hearing in Time: Psychological Aspects of Musical Meter*. Oxford: Oxford University Press, 2004. (pg. 4-5)

[4] MED, 1996, pg. 217

Quando ocorre a inversão na acentuação natural da música, há o que chamamos de síncope. Observe o próximo exemplo:



Note que agora os acentos fortes ocorrem somente no tempo *2*. A síncope enfatiza os tempos fracos (ou partes fracas do tempo), transferindo o acento forte do primeiro para o segundo tempo (ou da parte forte para uma parte fraca do tempo).

É interessante salientar essa diferença na prática, reproduzindo a pulsação acima com palmas, enfatizando os acentos fortes e ouvindo o ritmo durante uns poucos segundos. Essa batida soa familiar? As palmas mais fortes ocorrendo no segundo tempo nos lembram de batidas de canções populares? Esse ritmo repetitivo com a acentuação invertida provoca algum movimento espontâneo? Talvez algum movimento com pernas e braços, com o quadril, com os ombros ou com o pescoço, acompanhando este ritmo?

Vale lembrar que a síncope, quando usada com moderação, pode enriquecer a música. Mas, o que será que acontece quando esse recurso é empregado de modo repetitivo e

excessivo como na maioria dos ritmos populares que ouvimos no dia a dia em lojas, em *shopping centers*, restaurantes, na mídia secular e até mesmo em igrejas cristãs?

Certa vez, uma amiga recomendou que eu assistisse às palestras realizadas em todo o Brasil por um professor chamado Hélio dos Santos Pothin. Além de músico, Hélio é doutor em fisiologia humana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e também professor de fisiologia humana na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Essa amiga sugeriu que eu o procurasse para tirar dúvidas sobre esses assuntos.

Em pouco tempo ficaram esclarecidas diversas questões com um profissional que tanto conhece os caminhos do som no organismo humano quanto possui experiência como músico instrumentista (trompetista) e regente de corais. Com paciência e atenção ele respondeu a cada uma de minhas indagações, sendo que muitas delas sobre síncopes aplicadas aos tempos do compasso, ou às partes do tempo, conforme ocorre em centenas de composições:

"Os efeitos prejudiciais ao nosso corpo são provocados pelos ritmos sincopados que são discordantes dos nossos ritmos. Entendo, pelo que conheço do nosso organismo, que todo o som percorre o sistema nervoso da mesma maneira, através de impulsos nervosos. O que difere em um tipo de som ou ritmo é a quantidade de impulsos nervosos originados nos receptores auditivos e no local da membrana do interior da cóclea, onde foi provocada a estimulação.

"Além disso, nosso sistema nervoso interpreta os intervalos de tempo entre uma salva de impulsos e outra. De acordo com esses intervalos, e com a quantidade de impulsos desses estímulos nervosos, eles serão enviados com maior ou menor

intensidade para locais determinados, principalmente pelo Tálamo[5]. Portanto, o ritmo sincopado provoca um mesmo efeito nas pessoas, porém pode ocorrer com intensidades diferentes.

"Exemplo: O álcool é uma substância que provoca um efeito inibidor no sistema nervoso central. Esse efeito pode ser maior ou menor, dependendo da dose (quantidade). Para uma pessoa que não ingere álcool costumeiramente, qualquer quantidade pode induzir a um efeito mensurável. Porém, uma pessoa que está acostumada a ingerir quantidades maiores de álcool não sentirá um efeito com pequenas doses, mas precisará de doses maiores. Cada pessoa sofre efeitos com intensidades diferentes e nunca se sabe qual dose vai provocar efeito suficiente para levar ao vício.

"Assim é a síncope. Mesmo os ritmos sincopados que não são fortalecidos por instrumentos, como tambores, irão provocar efeitos nos ouvintes. Cada ouvinte sofrerá efeito em intensidades diferentes, porém o resultado será o mesmo.

"O ritmo sincopado induz à liberação de hormônios e neurotransmissores no organismo, os quais provocam prazer. Devido a esse efeito, o ouvinte tende a querer escutar cada vez mais esse tipo de ritmo, podendo levar à dependência e ao vício de modo semelhante às drogas psicoativas.

"Todos esses efeitos são potencializados quando o ritmo sincopado for repetitivo e marcado por tambores. Pessoas já acostumadas a apreciarem os efeitos dos ritmos sincopados terão o desejo de fortalecê-los cada vez mais, com instrumentos próprios para isso.

[5] Parte do cérebro que recebe informações dos sentidos da audição, visão, gustação e tato, enviando-as para outras regiões do cérebro.

"Em resumo, o efeito dos ritmos sincopados na música pode levar à necessidade de mais síncopes, e cada vez mais acentuadas, para produzir o efeito desejado.

"A harmonia influencia, predominantemente, o córtex pré-frontal (centro da razão e da consciência); a melodia, predominantemente, o sistema límbico (emoções e comportamentos sociais); o ritmo, predominantemente, nossos ritmos biológicos. Melodias ou ritmos monótonos podem provocar a liberação de Adrenalina, estimulando os Corpos Amigdaloides do Sistema Límbico. Deste modo, as emoções poderão superar ou até inibir a influência do córtex pré-frontal. Assim, quando as emoções superam a razão, ocorre o que conhecemos por êxtase.

"Quando o ritmo sincopado marcado e repetitivo é exagerado, leva à liberação de hormônios e neurotransmissores que inibirão totalmente a razão e a consciência; e o indivíduo pode ser levado ao transe, que é um estado de inconsciência ou semiconsciência em que se verificam muitos fenômenos psíquicos e mediúnicos, onde se mantém um vínculo ativo entre o sujeito e as circunstâncias ambientais que provocaram o fenômeno".[6]

A revista *Mente e Cérebro*, em sua Edição Especial nº 12, tendo como matéria de capa o tema "Segredos dos Sentidos", trouxe uma entrevista com o neurocientista e Ph.D. em Psicologia, Norman M. Weinberger. Conforme aponta o doutor Weinberger:

"O ritmo repetitivo sincopado e marcado aumenta os níveis de neurotransmissores (noradrenalina, serotonina e dopamina) e de adrenalina no sistema nervoso central, gerando prazer. A

[6] Explicações concedidas por Hélio dos Santos Pothin em consultas realizadas em 2014.

música com este tipo de ritmo ativa alguns dos mesmos sistemas de recompensa estimulados por comida, por sexo e por drogas".[7]

Esses mesmos efeitos ocorrem quando ouvimos ou tocamos ritmos populares como *rock*, *country*, *soul*, *reggae*, samba, *jazz*, *salsa* ou quaisquer outros em que *síncope* e *repetição* ganham maiores destaques. É importante relembrar que a síncope nada mais é do que o deslocamento da acentuação natural dos tempos (ou das partes de tempo) no compasso e que, se usada sem excessos torna a música interessante.

Penso nas massas humanas aglomeradas em *shows* de *rock*, buscando mais e mais daquele mesmo estímulo; penso na paixão manifestada no carnaval e noutras festas populares nacionais, onde o samba, e outros ritmos brasileiros, fortemente caracterizados pelo excesso de síncopes, contagiam a milhares. Penso, também, no prazer que eu e os demais músicos sentíamos ao tocar os *grooves* sincopados e envolventes da música popular.

Após conhecer todas essas questões, novas dúvidas surgiram, pois os ritmos sincopados repetitivos permeiam gravações utilizadas nos cultos de adoração, em diferentes denominações cristãs. Como poderá haver significativo crescimento espiritual e pleno entendimento sobre as verdades bíblicas para esse tempo, se estamos a contemplar músicas cristãs com efeitos prejudiciais cientificamente comprovados durante os cultos das igrejas e também em nossas residências ou em nossos dispositivos móveis?

Em oração reflitamos e respondamos com racionalidade no Senhor: é possível acreditar que "somente a letra é importante" na seleção e na apreciação da música cristã?

[7] *Mente e Cérebro*, Edição Especial nº 12, p. 53

O experiente maestro cristão Jeffrey K. Lauritzen, em seu artigo "Música na Adoração - Estamos Realmente adorando-O?", escreve:

"A música forma parte da adoração a Deus no céu, e pretende elevar a alma a despertar para um espírito de devoção e gratidão; ela é tanto um ato de adoração quanto de oração. [...] simplesmente 'apresentar' música sacra não é o bastante. Uma vez que o alvo essencial no culto é glorificá-Lo, deveria ser nosso objetivo que se destine mais ao deleite de Deus do que do homem. No culto, Deus é o auditório. [...] A tendência da posição de alguns compositores é de que qualquer estilo musical, contanto que contenha um texto sagrado, é adequado para o estabelecimento da adoração. [...] Pode-se concluir que a música por si mesma, e não apenas o texto, é uma questão chave na aceitação de música para a adoração. [...] A música, em sua definição mais simples, é composta de três componentes: melodia, harmonia e ritmo. [...] Ao escolher a música para o culto sua hierarquia deve ser mantida intacta: a melodia deveria reinar suprema. A harmonia dá sustentação à melodia, mas nunca a suplanta. O ritmo deveria sustentar ambas, mas nunca suplantá-las. [...] A melodia é o veículo que transporta o texto da música. No culto, especialmente, este texto deve prevalecer. [...] O fato é que muito dessa música incorpora uma hierarquia inversa, com respeito à melodia – o veículo que transporta o texto – sendo de menos importância".[8]

Em resumo, os três elementos básicos da música são assim distribuídos e bem organizados, de maneira hierárquica:

(1) Melodia – sequência de notas tocadas em separado. A melodia de uma música normalmente funciona como uma história contada (cantada ou tocada) com início, meio e fim. Na

[8] *Adventist Perspectives* V. 1, p. 31

música sacra, este elemento deve estar em primeiro plano, pois carrega a mensagem bíblica com texto inspirador, rico e para reflexão, para apelo e fortalecimento na tomada de decisões ao lado de Cristo.

(2) Harmonia – sons relacionados e organizados em simultaneidade (acordes, vozes, cadências). A harmonia estimula a nossa racionalidade e, em consequência, a nossa capacidade de fazer escolhas lúcidas. Ela proporciona a sustentação, a preparação e o repouso para a melodia.

(3) Ritmo – assim como em qualquer música, na música sacra o ritmo também está presente na divisão da melodia e na cadência dos acordes. A diferença é que não ganha a mesma ênfase que nos gêneros populares caracterizados por repetição, síncopes excessivas, dança, euforia, etc. O ritmo influencia, predominantemente, nossos ritmos biológicos naturais.

Diante da divergência de opiniões de músicos e produtores cristãos, opiniões estas que na maioria das vezes variam de acordo com o gosto pessoal, ou seguem as exigências de mercado da indústria da música religiosa, decidi deixar de lado as minhas inclinações musicais e as sensações de prazer pertinentes aos ritmos populares tocados no contrabaixo. Era preciso desconstruir meu gosto e meu modo de tocar, a fim de conhecer a vontade de Deus para as minhas mãos e para os meus ouvidos. Também buscar mais sobre aquilo que Deus nos deixou revelado a respeito da música no céu, aquela que Lhe é agradável em todos os aspectos. E ainda mais, conhecer o propósito de Deus para essas mudanças que, certamente, trariam benefícios a outras pessoas.

Isso somente seria possível através da oração, da leitura da Bíblia e da minha submissão à regência do Espírito Santo.

Capítulo 21

Reeducando os dedos Parte I

"E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno."

Mateus 5:30 (ARA)

Mediante decisões racionais, meu gosto musical enfrentava um processo de reeducação. Não podia eu permanecer indiferente diante de evidências tão claras apontadas por Deus em resposta às muitas dúvidas que eu mesmo havia colocado em Suas mãos.

Pouco a pouco, minha mente buscava novos estímulos sonoros com maior ênfase na melodia, na harmonia e menos no ritmo. Os timbres acústicos, com toda a riqueza de seus *harmônicos*[1], a cada dia me cativavam mais e mais. Lentamente as sonoridades dos instrumentos elétricos e amplificados da segunda metade do século 20 perdiam seus encantos, e já não me atraíam como no passado.

[1] Frequências de ressonância.

Ao contemplar novos sons minhas mãos produziam e buscavam algo novo também. Passei a ouvir e a pesquisar música erudita, especialmente a do período barroco (1600 – 1750), por apresentar, de modo singular, equilíbrio entre os elementos melodia, harmonia e ritmo, cada um em seu respectivo grau de importância. O que tornou essa música ainda mais interessante para mim foi a sua relação com a fé cristã da Reforma Protestante. Alguns dos mais conhecidos compositores desse período lançaram os alicerces para a música litúrgica tradicional do cristianismo protestante.

Fiquei impressionado ao conhecer a vasta obra de Johann Sebastian Bach, uma preciosa fonte de ideias e possibilidades musicais. Naquelas músicas tão antigas encontrei sonoridades semelhantes àquelas que me elevaram a mente, quando pela primeira vez ouvi música sacra a capella.

Meu interesse maior pela obra de J. S. Bach surgiu durante a faculdade de Licenciatura em Música. O contato mais significativo ocorreu em aulas expositivas da disciplina de História da Música, quando pude apreciar peças belíssimas desse fantástico compositor do período barroco.

Na adolescência, tive contato com a música erudita de diferentes períodos. As composições de Vivaldi, Beethoven e Mozart me fascinavam, mas pouco conhecia a respeito da influência de Bach sobre os compositores do classicismo e do romantismo. Johannes Brahms afirmou: "Estude Bach! Aí você encontrará tudo".[2] E de acordo com Ludwig van Beethoven, que o considerava o pai da harmonia: "Bach [riacho, em alemão] deveria se chamar Ozean [oceano] e não Bach!".

[2] Citado por Russell H. Miles em seu livro *Johann Sebastian Bach: an introduction to his life and works*, p. 19.

A sensação ao ouvir tal música era muito diferente do antigo prazer em tocar ou apreciar os ritmos populares com seus estímulos físicos inerentes. Ao passar tantos anos com minha atenção voltada exclusivamente para a música popular e suas inúmeras ramificações, perdi de vista o fundamento de quase tudo o que vem sendo construído há séculos na música ocidental.

Também percebi que minha produtividade intelectual era maior ao ouvir a música instrumental de Johann Sebastian Bach, Georg Friedrich Händel, Antonio Vivaldi, Johann Pachelbel, Tomaso Albinoni, Arcangelo Corelli e outros tantos compositores do mesmo período, enquanto estudava ou realizava leituras ou tarefas escritas.

Ao mergulhar nesse universo de novas sonoridades e de novos estímulos benéficos, fui naturalmente motivado a estudar outros instrumentos como o violão erudito e, mais adiante, o violoncelo.

Até então, o violão era apenas um instrumento secundário para mim, sendo utilizado somente para a composição ou para eventuais aulas particulares. Minha abordagem do violão sempre estivera ligada às harmonias da música popular.

Logo iniciei a construção de arranjos de hinos cristãos tradicionais para contrabaixo solo. Busquei uma abordagem diferente para interpretar canções nesse instrumento ao enfatizar melodia e acordes simultaneamente durante a execução. Com esse enfoque é possível perceber as cores da harmonia e a composição de um modo mais amplo. Mesmo considerando a extensão limitada de um contrabaixo elétrico de quatro cordas, esses arranjos podem proporcionar maior independência e prazer ao músico. Não é preciso contentar-se somente em acompanhar gravações restringindo-se às notas mais graves do instrumento. Esta é apenas uma função básica do contrabaixo. As possibilidades de um instrumento são tão numerosas quanto a nossa imaginação permitir.

Essas primeiras ideias foram apresentadas na faculdade durante o ano de 2011 em dois eventos, sendo o primeiro uma recepção aos calouros do curso de Licenciatura em Música com a participação dos meus irmãos Marco e André. O último deles foi o *workshop* Baixo em Pauta, uma oficina ministrada durante a semana acadêmica daquele mesmo curso. Desde a adolescência estivera em contato com o baixo elétrico, mas pela primeira vez conduzia um *workshop* com meu instrumento. André participou do encontro tocando bateria ao meu lado.

Eu vivia um período de transição musical onde as antigas influências pareciam perder sua força, mas restavam muitas informações do velho músico sob meus dedos, misturadas às novas melodias de hinos cristãos. Alguns daqueles arranjos soavam como versões jazzísticas de hinos sacros.

O foco da oficina estava sobre o repertório sacro e sobre a inspiração que me movia a pegar o contrabaixo e fazer música que era o meu relacionamento com Jesus Cristo. Afirmei isto para o público presente, formado por alunos, professores do curso e músicos convidados.

Com o passar do tempo, à medida que tive acesso às orientações e informações científicas sobre a influência da música (ver capítulos vinte e vinte e quatro), o meu olhar sobre seu uso na adoração a Deus mudou. Ao utilizar o contrabaixo dessa forma mais abrangente, procurei explorar ao máximo seus recursos melódicos e harmônicos. O ritmo continuava presente, mas permanecia agora subjugado pelo tema da composição. Ao compor novas músicas podia escolher, de forma consciente, quais compassos, ritmos e acentuações utilizar, de modo a não gerar os efeitos indesejados nos ouvintes. Não mais quero movimentar pessoas com músicas e instrumentos musicais. No passado meu objetivo era "balançar" e excitar o público nas festas e nos bares. Mas, definitivamente, essa não é a finalidade da música num momento de adoração a Deus.

O desejo de tocar um instrumento de orquestra também brotou em meu coração. Durante a graduação, devido à convivência com colegas músicos, fui atraído por novos timbres como o clarinete, a trompa e a flauta transversa, porém não tomei nenhuma decisão relacionada à compra e à prática de um instrumento de sopro.

Em 2012, durante uma aula de musicalização, uma aluna do 3º ano do ensino fundamental realizou uma breve demonstração com um violoncelo de 3/4 de escala. Estudávamos sobre a família dos instrumentos de cordas com arco. Após sua demonstração pedi permissão para tocar. Pela primeira vez fiz soar as cordas de um violoncelo e foi incrível. O som era lindo e me fez muito bem. Mesmo sendo um instrumento menor em

proporções havia nele características ergonômicas familiares. Era como dedilhar um pequeno contrabaixo clássico.

Essa experiência despertou meu interesse pelo violoncelo. Ali estava o instrumento de orquestra que eu desejava tocar. Pesquisei valores e opções de compra e logo descobri que se tratava de um instrumento pouco acessível. Todos os meus esforços por adquirir um violoncelo usado, ou emprestado, mostraram-se inúteis.

Então, conversei com Deus mais uma vez: "Senhor, perdoe-me porque talvez isso seja apenas uma paixão egoísta. Já tens me dado muito, até mais do que necessito. Devo e quero me contentar com o que tenho. Apenas se for da Tua vontade me conceder o privilégio de tocar também esse instrumento e com ele louvar Teu nome e alcançar pessoas, que assim seja, mas no Teu tempo".

Um músico de orquestra que ministrava aulas de violino na mesma escola, ao perceber o meu interesse e a minha dificuldade em adquirir um violoncelo para estudo, além da carência de um violoncelista para acompanhar seus alunos nos recitais, decidiu me presentear com um instrumento usado, bastante acessível. Estranhei a proposta, pois não é todo dia que alguém decide investir em presentes para os colegas. Não tenho dúvidas de que Deus usou aquele homem na realização de mais um sonho.

O violoncelo é um instrumento incrível com um som belíssimo, profundo e envolvente. Nítida é a sensação de prazer e conforto nos ouvintes após as primeiras notas.

É interessante notar que a maioria dos instrumentos acústicos possui qualidades benéficas ao ser humano. Isso é naturalmente perceptível até mesmo para leigos, e também cientificamente evidenciado através de testes e comparações

entre as diferentes amplitudes de onda de instrumentos amplificados e de instrumentos acústicos e seus respectivos efeitos.

Capítulo 22

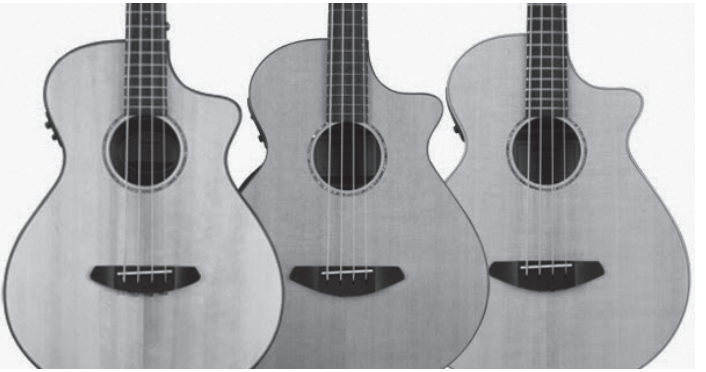
Reeducando os dedos
Parte II

> *"Não amem o mundo, nem o que há nele. Se vocês amam o mundo, não amam a Deus, o Pai. Nada que está no mundo vem do Pai. Os maus desejos da natureza humana, a vontade de ter o que agrada aos olhos e o orgulho pelas coisas da vida, tudo isso vem do mundo. O mundo passa, com tudo aquilo que as pessoas desejam, porém quem faz a vontade de Deus vive para sempre."*
>
> I João 2:15 a 17 (NTLH)

Diante dessas novas percepções e da perspectiva sobre futuras produções de músicas que pudessem contribuir para o enobrecimento do caráter, novas ideias passaram a ocupar meus pensamentos. E se fosse possível associar a ergonomia de um contrabaixo elétrico com a sonoridade rica e confortável produzida por uma caixa de ressonância, algo semelhante aos instrumentos de cordas acústicos? E se, ao mesmo tempo, pudesse usufruir de um registro mais abrangente, alcançando maior extensão em notas agudas, como num violoncelo ou num contrabaixo elétrico de seis cordas?

Com esses recursos seria possível tocar peças de violoncelo no contrabaixo, com a beleza dos harmônicos de um instrumento acústico; poderia também executar os novos arranjos com acordes no contrabaixo em tonalidades mais altas, com um timbre próximo ao de um violão; realizaria gravações com o instrumento microfonado, aproveitando a ambiência de determinados locais. Em resumo, novas e interessantes possibilidades musicais surgiam com essas ideias.

Em 2014, ao visitar uma loja de instrumentos, algo me chamou a atenção. Diante da chance de experimentar um instrumento diferenciado com características acústicas para diferentes fins, decidi investir num contrabaixo eletroacústico.



O contrabaixo eletroacústico é semelhante a um violão por possuir uma grande caixa de ressonância. Normalmente, apresenta a mesma afinação, as mesmas cordas e o mesmo comprimento de escala de um contrabaixo elétrico comum. Simplificando essa definição, podemos imaginar um violão com braço maior e cordas de contrabaixo elétrico. No Brasil, é popularmente conhecido como “baixolão”.

Apesar de ser também um instrumento elétrico, alguns modelos apresentam um resultado de extrema eficácia em gravações puramente acústicas, em especial aqueles construídos com tampo em madeira maciça. Assim como nos melhores violões clássicos, este detalhe favorece a projeção sonora do instrumento acústico num concerto ou numa gravação.

Com êxito essa ferramenta atendeu às minhas expectativas, possibilitando novas experiências com arranjos acústicos para as músicas sacras.

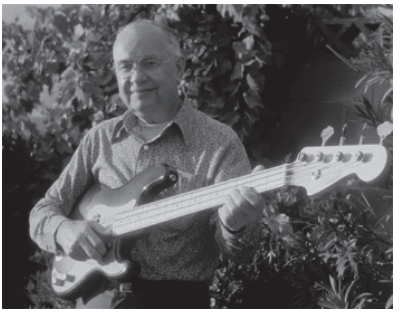
Com suas cinco cordas afinadas em E A D G C (Mi, Lá, Ré, Sol e Dó), o instrumento apresentou um resultado surpreendente ao oferecer a mesma extensão de notas agudas de um baixo de seis cordas, porém com a independência e a beleza do timbre acústico. Eu podia agora tocar peças para violoncelo, executar os arranjos para contrabaixo solo e ainda utilizar técnicas de violão erudito num só instrumento, até mesmo dispensando o uso de energia elétrica.

Estes foram recursos úteis que contribuíram para mudar ainda mais minha abordagem no contrabaixo. Pude dar início a uma série de gravações instrumentais sacras e acústicas, além de tocar em pequenas igrejas sem a necessidade de um amplificador. Pensei, então, em repetir a iniciativa bem sucedida do violinista e maestro paranaense Paulo Torres que é a prática de voluntariado em hospitais para levar conforto às pessoas através dos sons de algum desses instrumentos acústicos.

Há cerca de quatro anos atrás, na primavera de 2010, eu havia trocado meu contrabaixo elétrico artesanal de seis cordas por outro baixo Fender antigo, este fabricado em 1978. Naquele tempo, meus ouvidos ainda buscavam a antiga e familiar sonoridade dos contrabaixos elétricos tradicionais, ou "*vintage*"; minhas mãos ainda desejavam a ergonomia daquele mesmo instrumento de quatro cordas que utilizara por tantos anos na música popular. Preciso reconhecer que, ao manusear meu contrabaixo elétrico, as antigas técnicas e informações musicais que estabeleceram minha trajetória como instrumentista popular ressurgiam vez ou outra enquanto os dedos executavam movimentos espontâneos, revendo ideias, frases de solos, *grooves* percussivos e até mesmo trechos de músicas populares arquivados em minha mente. Não resta dúvida de que aquele instrumento significava, para mim, um *link* entre o passado – sentimentos, valores, prazeres, hábitos e gostos musicais, técnicas e sons característicos da *soul music*, do *jazz fusion*, da MPB e da música *pop* em geral – e o presente – o desejo de buscar uma renovação no meu fazer musical baseado em novas sonoridades e novas influências.

Ao lado de marcas também famosas como Gibson e Rickenbacker, os instrumentos elétricos e amplificadores projetados por Leo Fender revolucionaram a música popular do século passado. Desde a invenção dos modelos *Precision Bass* e

Jazz Bass, em 1954 e 1960 respectivamente, o cobiçado timbre dos contrabaixos Fender tornou-se a assinatura de baixistas conhecidos como James Jamerson, Francis Rocco Prestia, Aston "Family Man" Barret, Paul Jackson, Jaco Pastorius, Marcus Miller, Victor Bailey, Luizão Maia, André Rodrigues, Alberto Continentino, Thiago do Espírito Santo e tantos outros, no Brasil e no mundo. De alguma forma eu reencontrava as mesmas influências ao fazer música com aquela mesma "voz" criada nos anos 1950, e mais tarde consolidada por esses e outros tantos músicos.



Há algo que não deve passar despercebido aos olhos e ouvidos de todos os que apreciam esses sons. É fato que a indústria de guitarras Fender contribuiu sobremaneira para o impacto e a solidificação da cultura *rock* no mundo inteiro. Buddy Holly, Elvis Presley, George Harrison, Keith Richards, Jimi Hendrix, Eric Clapton, Marc Knopfler, Richie Blackmore, Andy Summers, Yngwie Malmsteen, Jeff Beck, David Gilmour, Bob Dylan, Muddy Waters, Albert Collins, Buddy Guy, Steve Ray Vaughan, Michael Landau, John Frusciante e John Meyer são alguns dos ídolos do *rock* e do *rhythm and blues* que tornaram essas guitarras objetos de desejo e de adoração para jovens, de geração em geração. Esses instrumentos são verdadeiramente "cultuados" até os dias de hoje.

Essas invenções proporcionaram um grande "poder de fogo" aos músicos de *blues*, *country* e *jazz* da primeira metade do século 20 que, antes limitados aos timbres suaves e ao volume reduzido de seus violões, banjos e contrabaixos acústicos contavam agora com guitarras e baixos elétricos dotados de captadores[1] conectados a amplificadores valvulados. Toda essa tecnologia fazia com que as notas literalmente "gritassem". O timbre dos contrabaixos elétricos oferecia, assim, mais peso e potência às frequências graves.

A alta intensidade de som dos instrumentos amplificados, como é normalmente utilizada nos gêneros musicais populares, é uma questão que carece de atenção especial. Guitarras e baixos elétricos foram projetados para trabalhar em volumes extremos, competindo com o volume de som dos tambores e pratos que, por sua vez, são microfonados nos *shows*. Essa intensidade de som exagerada caracteriza a atmosfera dos estúdios de ensaio e dos palcos, bem como de inúmeras igrejas cristãs que utilizam o volume excessivo de suas músicas como parte vital dos cultos de adoração. Esse é um aspecto que contribui fisiologicamente para a inibição do raciocínio e para a excitação dos sentidos dos ouvintes, em qualquer ambiente.

É possível perceber uma sutil relação entre a poluição sonora característica da influente cultura musical norte-americana desde os anos 1950 e os instrumentos comuns no *rock*. Os captadores eletromagnéticos utilizados nas guitarras e contrabaixos elétricos somente poderão oferecer o máximo de seu desempenho sonoro, quando devidamente amplificados em volumes altíssimos que são prejudiciais ao equilíbrio do corpo humano.

[1] Componentes eletromagnéticos que captam as vibrações das cordas de metal, sendo responsáveis pelo timbre característico das guitarras e dos contrabaixos elétricos.

Meu interesse pelos timbres acústicos crescia e cada vez mais eu me dedicava ao novo e prático contrabaixo eletroacústico, utilizando-o tanto para estudo pessoal e criação de arranjos instrumentais como para uso na igreja. O contrabaixo elétrico perdia seu lugar entre as minhas prioridades, permanecendo guardado, sem utilidade. Antes, planejava usá-lo nas futuras gravações dos arranjos solo para hinos sacros, pois afinal, as primeiras ideias envolvendo tais arranjos foram desenvolvidas naquele baixo elétrico de quatro cordas com bons resultados. Porém, mudei de ideia e escolhi realizar o mesmo projeto de maneira mais original, gravando somente com o contrabaixo eletroacústico e explorando os seus novos e interessantes recursos.

Minha opção por um contrabaixo alternativo foi alicerçada também nos resultados das influências sonora e estética dos instrumentos elétricos sobre as transformações culturais e sociais no mundo todo ao longo das últimas seis décadas.

Os textos a seguir foram extraídos de um documentário produzido pelo canal de TV Globo News em 2014[2] sobre a história da fabricante de guitarras e contrabaixos elétricos mais famosa do mundo, a Fender Musical Instruments Corporation. Essas declarações foram selecionadas de diferentes momentos do programa de acordo com sua relevância:

"Ele [Leo Fender] criou as guitarras elétricas mais vendidas no mundo. E na mão de grandes músicos, elas produziram um som inédito. Mudaram a trilha sonora da humanidade."

"Melódica ou estridente, a guitarra elétrica revolucionou os instrumentos de corda e a atitude dos músicos. [...] Ela mudou a forma de tocar e de compor música. Então, na raiz da cultura

[2] Disponível em: www.youtube.com/watch?v=FLRhqOWe0sw.

musical americana, ela foi a engrenagem para a criação dessa mudança."

"Pode me mostrar o que quer dizer com 'o som da Fender'? [...] Bem, é um som agressivo, cujo objetivo é atrair atenção."

"A Fender levou ao desenvolvimento de guitarras [e baixos] de corpo sólido, que permitiam um volume maior e mais variedade de timbres. [...] Com a amplificação ao máximo, produziam acordes de alta intensidade [...] e o som era capaz de encher um estádio. [...] Inovações que incendiaram a alma de rockeiros, geraram *riffs* inesquecíveis e conquistaram uma legião de fãs."

"Quatro anos depois de criar a *Telecaster*, Fender lançou um outro modelo, a *Stratocaster*. As diferenças eram: o corpo mais fino, as formas sensuais e uma nova tonalidade produzida por três captadores magnéticos."

"A Fender não divulga dados financeiros. [...] e para crescer conta com uma estratégia pouco usual que inclui a paixão pela música e a disponibilidade de dinheiro na camada crítica dos consumidores: os jovens."

"Nosso cliente mais importante é o jovem iniciante, porque é ele que vai criar as novas obras musicais. [...] Enquanto inspirarmos a criatividade e o espírito do *rock and roll*, a Fender terá relevância".[3]

As informações apresentadas nesse documentário foram determinantes para o desprendimento de uma paixão alimentada desde minha adolescência. Não há como negar a conexão entre essas invenções e as mudanças culturais na sociedade ocidental e

[3] O próprio site da empresa Fender traz o seguinte slogan: *"Fender: The Spirit of Rock 'n' Roll since 1946"* (Fender: O Espírito do Rock 'n' Roll desde 1946).

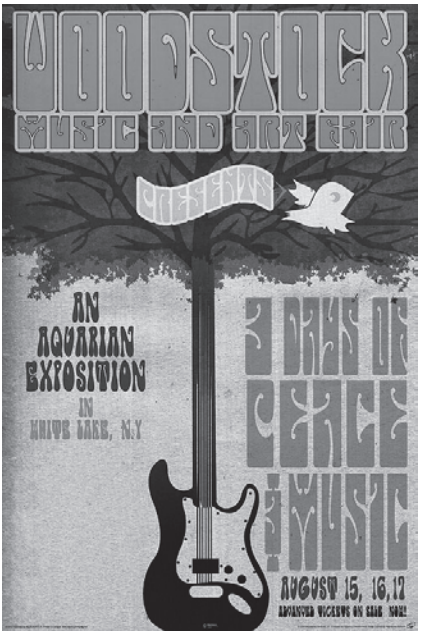
global. Tais mudanças foram alavancadas pelas diferentes revoluções sociais ocorridas durante os anos 1960.

"A batida e o volume foram as características marcantes da contracultura da década de 1960 e das gerações seguintes, significando desse modo a rebelião contra os pais e a autoridade. Companheiros da música '*rock*' eram (e ainda são) as drogas, imoralidade, rebelião, violência, etc".[4]

É fato, também, que guitarras elétricas, baterias e contrabaixos elétricos constituíram a trilha sonora para os movimentos de liberdade social, de quebra de regras e

[4] Osterman, Eurydice V. *O Que Deus Diz Sobre a Música.* Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010. (p. 83).

paradigmas, e de rebeldia aberta contra os princípios morais estabelecidos por Deus em Sua Palavra.



O design inovador das guitarras e baixos Fender foi um elemento sempre presente nas cenas musicais desses mesmos movimentos. Os contornos desses instrumentos, entre outras

características, são os mais imitados por fabricantes de guitarras e baixos no mundo inteiro até hoje; são emblemas da cultura *rock* e de quaisquer valores associados a este gênero. Há um antigo anúncio da empresa que diz "the most imitated guitar in the world" (a guitarra mais imitada no mundo).

Os principais modelos de contrabaixos elétricos Fender tiveram seu design baseado na guitarra *Stratocaster* e em suas "formas sensuais", conforme aponta o mesmo documentário citado anteriormente. É interessante observar que o uso de imagens com modelos femininas também esteve vinculado às campanhas de publicidade da empresa.

Uma das estratégias de marketing utilizada pela Fender nos primeiros anos foi o uso de gravuras com garotas seminuas desenhadas em poses provocantes, conhecidas como *pin up girls*, ilustrando catálogos, anúncios e instrumentos musicais.

Em 1994, a empresa lançou uma edição comemorativa da guitarra *Stratocaster* celebrando os 40 anos da revista *Playboy*, veículo de comunicação direcionado ao público masculino que teve importante papel na revolução sexual da segunda metade do século 20. Marilyn Monroe foi capa da primeira edição da revista lançada em 1954 nos Estados Unidos. Uma pintura com a atriz e modelo norte americana nua cobria a parte frontal do corpo da guitarra. O instrumento ficou conhecido como *Fender Playboy Marilyn Monroe Stratocaster*.

Esse tipo de apelo sexual continua presente nas campanhas de *marketing* desses e de outros instrumentos semelhantes através da mídia contemporânea. Porém, não mais por meio de simples gravuras com *pin up girls*, e sim com fotos de modelos nuas ou seminuas com um contrabaixo elétrico ou uma guitarra nas mãos. Um dos exemplos mais comuns da banalização da imagem da mulher no contexto da música *rock* pode ser encontrado nas

capas do catálogo *Guitar World Buyer's Guide*, o guia de compras da revista norte americana *Guitar World Magazine*.

Por alguns anos utilizei meu contrabaixo elétrico na igreja, influenciando e incentivando outros jovens músicos a fazer o mesmo, e também a usar livremente instrumentos como a guitarra elétrica, a bateria e a percussão popular. Em muitos casos servi como uma referência para adolescentes e jovens cristãos que, pelo meu exemplo e de outros músicos igualmente despreocupados, investiram em contrabaixos semelhantes ao meu, ou em guitarras, amplificadores, pedais de efeito, baterias, etc.

Hoje percebo o grande estrago feito pela influência dessa cultura musical disseminada no meio cristão. Entristeço-me ao ver aqueles jovens que, por meio da mistura entre o sagrado e o profano, afastaram-se de Jesus Cristo e da igreja; apegaram-se aos sons distorcidos da música popular que vicia e encanta suas mentes. Arrependo-me profundamente por ter sido, para muitos deles, um canal para essa influência que é física, moral e espiritualmente destruidora.

Conversei com meu Senhor, refleti, clamei por Sua força e aguardei Sua direção. Depois de muitas orações e ponderações sobre o assunto, tomei a decisão pessoal, livre e racional de não mais tocar com o contrabaixo elétrico, por tempo indeterminado.

Escolhi mudar meus hábitos musicais e separá-los de algo que pudesse estabelecer conexões com a música *pop*/*rock*, com as minhas vivências musicais prejudiciais do passado, ou com algo que influenciasse as pessoas para qualquer forma de mal e as aproximasse disso.

Ao fazer essa escolha pensei muito em nossa pequena filha Raíssa que cresceria contemplando o pai com um contrabaixo elétrico nas mãos. Seria enorme a probabilidade de a filha imitar

o pai e querer tocar um instrumento idêntico. Preferi cercá-la com uma atmosfera musical permeada pela estética e pelos sons cativantes e benéficos dos instrumentos acústicos, justamente por não estarem diretamente associados ao contexto cultural norte-americano, ou ao surgimento e estabelecimento do gênero *rock*.

Compreendemos que é através dos instrumentos, ou das vozes, que transformamos nossas ideias musicais em realidade. É correto buscar "ferramentas de qualidade", desde que essa busca não se torne uma paixão e, ultrapassando a necessidade, a paixão se transforme em obsessão.

Desde a adolescência, ao iniciar minhas pesquisas sobre luteria, a contemplação de materiais impressos, vídeos, performances ao vivo, *workshops* e *sites* da internet tornou-me um aficionado por contrabaixos elétricos. Por longos anos estes foram os meus principais objetos de consumo.

Mesmo após a minha conversão e o desprendimento de grande parte daqueles itens, existiram muitas ocasiões em que a antiga paixão parecia reencontrar seu lugar em minha lista de prioridades. Somente tem sido possível distinguir certo e errado pelo gradativo aprendizado de submissão do meu ego ao Senhor Jesus Cristo, da entrega da minha vontade e da minha prática em obedecer a Seus princípios.

Depois de firmar minha decisão, anunciei para venda os itens excedentes: o contrabaixo elétrico americano Fender de 1978, um amplificador e outros materiais. Deus agiu mais uma vez com misericórdia, providenciando pessoas que compraram os produtos rapidamente. Por todas as razões descritas até aqui e por outras que não saberia explicar em palavras, não me sinto arrependido por ter descartado aquelas ferramentas.

Com sinceridade posso afirmar que me sinto feliz e aliviado por ter abandonado antigas paixões musicais, reduzindo

meus instrumentos ao mínimo necessário para desempenhar com eficácia o ministério musical que Deus escolheu para mim.

Todos aqueles antigos interesses musicais individuais caíram por terra diante dos propósitos estabelecidos por Deus para a minha vida. Com orações, avaliei e percebi as indicações seguras do meu Eterno Regente e novos planos ocuparam meus pensamentos.

Jesus me resgatou de um mundo de egoísmo, de vaidade e de toda a espécie de imundície para que eu testemunhasse de Seu poder transformador. Não quero acariciar hábitos do velho homem que foram pregados na cruz por Jesus Cristo. Aceitei o Seu sacrifício por mim para viver sob Seu poder, sob Sua regência. Ele nos ensina que **"o discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor."** - Mateus 10:24 (ARA). Se Jesus deixou a glória do Pai para vir aqui e morrer por mim na cruz, como posso viver apegado a paixões e valores tão pequenos, tão distantes dos meus novos propósitos?

Capítulo 23

Atendendo ao chamado do Mestre

"Volta para casa e conta quão grandes coisas Deus fez por ti."

Lucas 8:39 (AEC)

Quando conheci Jesus Cristo, pensei em seguir uma direção oposta na minha vida profissional. Isto significava afastar-me completamente da música. Mas os planos do Mestre eram outros. Seu chamado envolvia um testemunho de conversão; perspectivas acadêmicas e profissionais na educação musical; um ministério na Igreja Adventista do Sétimo Dia como instrumentista, regente, engenheiro de som, palestrante e líder; a pregação do evangelho em escolas, igrejas e hospitais através da música; a reunião de informações relevantes para a estruturação de um livro; o trabalho de pesquisa e de produção em música sacra.

Eu precisava contar às pessoas sobre a maravilhosa esperança de salvação em Jesus Cristo. Desejava externar publicamente minha alegria, de modo prático e eficaz. No início de 2010, desenvolvi o blog Música e Contemplação, com o

objetivo de compartilhar experiências, reflexões e testemunhos; estimulei esperança em amigos, músicos e até mesmo desconhecidos. Três anos depois, realizei palestras e pregações sobre assuntos relacionados à influência da música nas pessoas. Hoje o blog é também um canal de acesso à música sacra produzida no Brasil e no mundo.

Em 2012 atuei como auxiliar no ministério da música na Igreja Adventista do Sétimo Dia do bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, congregação onde fui batizado em 2005. Meses mais tarde, assumi a direção desse ministério local, permanecendo nesta função por quatro anos.

Durante esse período como diretor do ministério da música, meus ouvidos ficaram mais seletivos na escolha das músicas utilizadas nos cultos e nas reuniões da igreja. Muitas vezes substituímos *playbacks* por acompanhamento instrumental, evitando estímulos rítmicos exagerados e repetitivos presentes em inúmeros arranjos gravados.

Nos cultos de sábado pela manhã procurei, sempre que possível, orientar cantores visitantes para que as mensagens musicais fossem apresentadas de maneira solene, acompanhadas com violão ou com *playbacks* contendo arranjos de piano, violão e/ou orquestra, sem os *grooves* dançantes da música *pop*. Desse modo, alcançamos resultados sonoros equilibrados durante os cultos, mantendo o foco da congregação na melodia e na mensagem cantada, e evitando a excitação causada por gravações carregadas de ruídos e acentuações rítmicas agressivas ao organismo humano.

Logo após minhas primeiras palestras sobre a influência da música nas pessoas, fui requisitado para uma gravação com um jovem cantor adventista do sétimo dia que estava prestes a gravar seu primeiro CD solo. Haveria remuneração por esse

trabalho. De início minha alegria foi grande. Então, soube que o projeto seria produzido por outro músico cristão de São Paulo conhecido por seu estilo *soul* e *pop/rock*. Orei e refleti bastante sobre o assunto, e escolhi não participar do projeto.

Em outros tempos eu teria realizado a gravação com prazer, crendo que tudo seria somente para a honra e glória de Deus. Entretanto, não conseguia deixar de pensar que, futuramente, aquelas mesmas músicas seriam utilizadas nos cultos de sábado pela manhã em diferentes igrejas adventistas do sétimo dia; e lá estariam as notas do meu contrabaixo, somadas aos arranjos *pop/rock*, inibindo o poder decisório dos ouvintes na congregação, gerando estímulos físicos e dificultando a ação do Espírito Santo sobre a mente das pessoas no momento de uma decisão ao lado de Cristo. Isso já acontecera com outras produções cristãs nesse estilo em que eu havia gravado contrabaixo elétrico.

Interessante, seria coincidência um convite como esse no mesmo momento em que iniciei minhas palestras sobre esses assuntos? Satanás tentava me desviar do foco. Era o momento de testemunhar ao universo sobre a Quem escolhera servir. Se eu aceitasse o convite, estaria negociando princípios, ensinando uma coisa e praticando outra. Decidi ser coerente com as verdades que escolhera viver. E quanto ao dinheiro que eu teria recebido pela gravação, **"muito mais do que isso pode dar-te o Senhor"** – II Crônicas 25:9 (ARA).

Obviamente, já encontrei obstáculos nesse caminho de mudanças. Ao realizar palestras sobre tais assuntos, ou mesmo ao orientar os músicos convidados para os cultos na igreja, nem todos foram receptivos. Muitos ignoraram completamente qualquer tipo de orientação nesse sentido, insistindo em utilizar arranjos ruidosos e ritmados antes, depois e até mesmo durante o estudo da Palavra de Deus. A música escolhida para os cultos de

adoração nas igrejas cristãs têm a finalidade de elevar os pensamentos a Cristo e estimular racionalmente a congregação para a ação do Espírito Santo na compreensão clara da Bíblia e nas decisões individuais ao Seu lado.

No passado, em nome do gosto musical e do prazer gerado pelos sons, fui muito resistente a essas mesmas verdades. É bom constatar que há vários músicos, líderes e jovens, em todo o mundo, que estão despertando e percebendo a gravidade dessas questões, demonstrando interesse por mais informações a respeito da influência da música nas pessoas e na edificação da experiência espiritual da congregação durante os cultos de adoração a Deus.

Capítulo 24

Se buscares a sabedoria

"Se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus."

Provérbios 2:4 e 5 (ARA)

Ao perceber a carência de conhecimento e de direcionamento na área da música, bem como de seu uso na adoração a Deus, no lazer, nas atividades seculares, entre outros fins, decidi selecionar e compartilhar textos que apresentam soluções práticas e respostas para as dúvidas de músicos cristãos adventistas do sétimo dia e demais pessoas ligadas a esse ministério. Inicio com um resumo dos princípios, dos padrões e das diretrizes através dos quais a Dra. Eurydice V. Osterman aponta respostas que servirão como auxílio na escolha da música.

"A música é um dos talentos confiados por Deus. É uma ferramenta poderosa que pode ser usada para elevar, edificar, inspirar, evangelizar, reforçar doutrinas e crenças, 'subjugar naturezas rudes e incultas' e promover harmonia de ação. Pode fixar palavras na memória e impressionar o coração com verdade espiritual, servir como uma arma contra o desânimo e 'trazer a alegria celestial à alma'. Também serve como meio de trabalho,

bem como 'recreação' (atividades de lazer com qualidades redentoras). [...] deveria ser executada com 'dignidade manifesta por disciplina, com solenidade e respeito, com entonação clara e articulação distinta' num volume que não seja opressivo ou agressivo aos sentidos. [...] À luz dessas qualidades a igreja crê que:

1) Toda a música deveria construir e ter uma influência edificante sobre o caráter. **'Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.'** (Gálatas 5:22 e 23).

2) A música deveria ser adequada para ser apresentada ou ouvida na presença de Deus. **'Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a Tua mão, e a Tua destra me susterá'** (Salmos 139:7-10).

'Nunca estamos sós. Temos um Companheiro, quer O escolhamos ou não. [...] Ninguém pode escapar de sua responsabilidade para com Ele' (White, Para Conhecê-Lo, p. 234).

3) A música deveria possuir valor moral e ético a fim de promover crescimento espiritual e intelectual. **'... cresçamos em tudo nAquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor'** (Efésios 4:15, 16). [...] Os hinos representam a música do corpo da igreja. Eles incorporam e reforçam as doutrinas e filosofia da igreja e servem como um veículo pelo qual o Espírito Santo pode falar ao coração. Uma constante dieta musical de canções de louvor

contemporâneas, 'animadas' e não litúrgicas em lugar de hinos irá enfraquecer espiritualmente a congregação e torná-la deficiente no sentido de saber quem é e a quem pertence.

4) A música é sacra ou secular; o santo não deveria ser misturado ao profano. **'... a meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo'** (Ezequiel 44:23). Não existe algo como *'jazz gospel'* ou *'rap cristão'*, etc. [...] Trivializar o evangelho pela mistura com o secular (comercial) não é somente sacrilégio, mas uma afronta à magnitude maior em relação a Jesus Cristo. A 'música' *rap* é uma fala rítmica que contradiz a diretiva bíblica de 'cantar' e fazer 'melodia'. O inimigo não quer que 'cantemos ao Senhor', assim, ele cria uma contrafação para o cantar. Infelizmente, há aqueles que se iludem crendo que tal música pode ser usada para guiar outros a Cristo. Deus nunca usou nem vai usar os métodos do diabo para atrair pecadores a Si.

'Quando se associa o comum com o sacro sempre há perigo que o comum tome o lugar do sacro. [...] Quando se une o que é objetável com o que é sacro [...] as bênçãos não podem pousar sobre o trabalho feito.' (White, Testemunhos vol. 8, p. 88).

5) A música deveria ser 'funcional' – apropriada para a ocasião. **'Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.'** (Eclesiastes 3:1). Música apropriada é aquela que é aceitável, agradável, compatível, complementar, correta, decente, exemplar, funcional, adequada, modesta, pertinente, apresentável, própria, relevante, e a lista continua. Qualquer que seja a ocasião, a música deveria ser adequada para o evento. [...] Vale frisar que devemos aplicar a seguinte regra, 'quando estiver em dúvida, não utilize tal música', especialmente se ela preconiza fins comerciais.

6) A música não deveria ser prejudicial para o templo do corpo. **'Acaso não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo. Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.'** (I Coríntios 6:19,20; 3:17). [...] Pela agitação do corpo e paralisação dos pensamentos, o inimigo usa certos elementos da música (ritmo, vibrações, volume, tempo e mesmo instrumentação) a fim de tomar posse de nossas mentes. [...] perda auditiva, sobrecarga sensitiva, aumento de pressão sanguínea e alteração nos batimentos cardíacos, excesso de secreção de hormônio, dificuldade perceptiva, confusão, hiperatividade, inquietação, [...] perda na capacidade de aprendizagem, diminuição de taxa de glicose no sangue [...] são o resultado direto do abuso físico que a música pode infligir sobre o corpo. [...] o corpo foi construído para mover-se para frente. Estes elementos musicais causam contrações musculares involuntárias que põe nossos corpos em movimento, promovendo um balanço de um lado a outro ou convulsão (frequentemente interpretado como sendo uma resposta ao Espírito Santo). [...] Como pode o Espírito Santo habitar confortavelmente em tal ambiente?

7) A música deve ter qualidades artísticas (beleza, sentimento e poder) que resistam ao teste do tempo – não ser uma névoa que logo passa. **'... porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.'** (I João 2:16 e 17)**.**

8) A música deve ser edificante ao ouvinte. '**Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.'** (Filipenses 4:8) [...]

9) Escolhas musicais não devem ser ofensivas, nem pedras de tropeço a ninguém. **'Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem. Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus, assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos.'** (I Coríntios10:23, 24; 31-33). [...] Embora possamos ter certas preferências musicais, nossas escolhas não devem ser pedra de tropeço para alguém que é fraco nem ofender a igreja. Deus nos considerará responsáveis por qualquer pessoa que venha a ser afastada dEle em consequência de nossas ações.

10) Escolhas musicais devem ser feitas sob a guia do Espírito Santo. **'... O Espírito Santo... vos guiará em toda a verdade...'** (João 16:13)".[1]

Vejamos agora um resumo dos padrões *Educação*, *Excelência*, *Eternidade* e *Serviço*[2], baseados nos atributos revelados em Filipenses 4:8:

---

[1] Osterman, Eurydice V. *O Que Deus Diz Sobre a Música.* Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010. (p. 98 a 102).

[2] Osterman, Eurydice V. *O Que Deus Diz Sobre a Música.* Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010. (p. 102 a 104).

"*Educação* é o veículo que transporta alguém da escuridão para a luz. É um elemento chave para resolver muitas destas confusas e controvertidas questões sobre a música. Deus não deseja que nós permaneçamos no escuro acerca da música; Ele quer que tenhamos sabedoria, conhecimento e compreensão".

"A *excelência* em música implica em qualidade, perícia, exatidão e preparo. [...] Contudo, isso nem sempre é o caso quando se refere ao preparo para a obra na casa do Senhor".

"*Eternidade* representa o motivo pelo qual fazemos o que fazemos e o alvo que todos nós estamos buscando alcançar. Somos admoestados a **'estabelecer (nossa) afeição nas coisas que estão lá em cima, não nas que há sobre a Terra'** – Colossenses 3:2. [...] Se nossa música sacra representa ou reflete os atributos comerciais da indústria musical (a batida, o volume, a sensibilidade, etc.) ao ponto em que somente pode ser distinguida pela letra, então ela não representa nosso destino eterno, pois a música do céu está em inimizade com a do mundo".

"O *serviço* é um corolário do cristianismo. [...] os dons e talentos com os quais temos sido agraciados serão usados para ministrar ou conduzir outros a Cristo, quer seja na igreja ou profissionalmente".

Osterman finaliza fornecendo diretrizes sólidas para a seleção da música para a igreja[3]. Vejamos algumas delas:

"Se os músicos da igreja não têm comunhão diária com Deus, então não podem efetivamente ministrar à igreja (de modo a nutrir, edificar e falar ao coração) e à consciência, porque não estão ligados a Deus".

[3] Osterman, Eurydice V. *O Que Deus Diz Sobre a Música.* Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010. (p. 104 a 106).

"Se a música não é funcional e nem apropriada para a ocasião, então, ela não pode nutrir e edificar efetivamente o corpo coletivo".

"Se a música não produz reverência (respeito) por Deus e Sua casa de culto, então ela é imprópria".

"Se as respostas comportamentais da congregação são orquestradas ('sente-se e relaxe', 'junte as mãos', 'diga amém') ou se um músico está sendo aplaudido enquanto entra na plataforma para apresentar a música, então se cria uma atmosfera teatral, pois o foco da atenção é dirigido ao executante".

"Se a música para o culto consiste primeiramente de música 'religiosa' não litúrgica ou música animada de louvor, então ela não nutre a igreja e eventualmente vai torná-la fraca espiritualmente e deficiente em conhecimento sobre quem somos e a quem pertencemos".

"Se o motivo para a escolha da música para o culto está arraigado na cultura e tradição, então é dirigida à criatura e não ao Criador".

"Se a música é apresentada de maneira pobre, então não irá testemunhar de modo efetivo nem será edificante à congregação".

"Se o espírito, o caráter e a maneira pela qual a música é apresentada estão associados a um ambiente que não representa a igreja (clube noturno, etc.), então é imprópria".

"Se a música da igreja soa como R&B, *Rock*, *Rap*, *Jazz*, *Country-Western* e outras do gênero secular '*pop*', então é imprópria".

"Se a apresentação musical está inundada de sons sensuais excessivos (sussurros guturais, respiração ofegante, etc.) então ela é imprópria".

"Se a música é apresentada de uma maneira sensacional (malabarismo vocal, uso excessivo de ornamentação, cadências do teclado, acordes excessivos, etc., que encanta, excita ou induz à vibração, bater palmas, balanceios, etc.) ou se a música elicia estas e outras respostas da congregação num esforço de 'levantar o ânimo', então ela é imprópria".

"Se a música ou o músico se torna um 'ídolo acariciado' que absorve a mente e a desvia de Deus, então ambos perderão sua eficácia como veículos para o ministério".

"Se qualquer instrumento (incluindo-se gravações) suplanta a melodia, harmonia e a letra, então a música apelará só aos sentidos, excitando-os e não à mente, perdendo-se a mensagem".

"Se um músico 'imita' outro artista ou executa num estilo que não é apropriado para seu tipo de voz ou habilidade, então a apresentação parecerá artificial e poderá não ser edificante".

"Se a música secular tem um valor moral (elevando os pensamentos àquilo que é puro, nobre, virtuoso, verdadeiro, honesto e ético) então ela é apropriada para o corpo coletivo dentro do contexto [casamentos, eventos cívicos, concertos, recreação, clube de desbravadores, etc.]".

Tais orientações se harmonizam com os documentos oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Examinemos a seguir, textos extraídos de documentos que definem oficialmente a postura e o compromisso desse movimento profético como igreja (pessoas) que aguarda a segunda vinda de Jesus:

"Visto que Deus criou os seres humanos à Sua imagem, partilhamos do amor e apreciação pela música com todos os Seus seres criados. Na verdade, a música pode nos atingir e tocar com um poder que vai além das palavras ou qualquer outro tipo de comunicação. Na sua forma mais pura e refinada, a música eleva nosso ser à presença de Deus, onde anjos e seres não caídos O adoram com cânticos." (Voto 144-03G da Associação Geral[4], 13 de outubro de 2004).

"A música não é moral nem espiritualmente neutra. Pode nos levar a alcançar a mais exaltada experiência humana, pode ser usada pelo príncipe do mal para degenerar e degradar, para suscitar a luxúria, paixão, desesperança, ira e ódio." (Idem).

"A mensageira do Senhor, Ellen G. White, nos aconselha continuamente a elevar nosso conceito a respeito da música. [...] Quanto ao poder da música, ela escreve: 'Ao guiar-nos nosso Redentor ao limiar do infinito, resplandecente com a glória de Deus podemos aprender o assunto dos louvores e ações de graças do coro celestial em redor do trono; e despertando-se o eco do cântico dos anjos em nossos lares terrestres, os corações serão levados para mais perto dos cantores celestiais. A comunhão do Céu começa na Terra. Aqui aprendemos a nota tônica de seu louvor.' – *Educação*, pág. 168." (Idem).

"Cremos que o evangelho exerce impacto em todas as áreas da vida. Por conseguinte, sustentamos que, por causa do vasto potencial da música para o bem ou para o mal, não podemos ser indiferentes a ela. Embora reconhecendo que o gosto, na questão da música, varia grandemente de indivíduo para indivíduo, cremos que a Bíblia e os escritos de Ellen White sugerem princípios que podem direcionar nossas escolhas." (Idem).

[4] White, Ellen G. *Música: Sua Influência na Vida do Cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. (p. 73).

"A música sacra não deve evocar associações seculares ou sugerir a conformação com normas de pensamento ou comportamento da sociedade em geral. [...] 'Música secular' é uma música composta para ambientes alheios ao serviço de culto ou de devoção pessoal e apela aos assuntos comuns da vida e das emoções básicas do ser humano. [...] Pode elevar ou degradar moralmente o ser humano. Embora não esteja destinada a louvar a Deus, pode ter um lugar autêntico na vida do cristão." (Idem).

"Toda música que se ouve, toca ou compõe, quer seja sacra ou secular, deve glorificar a Deus. **'Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus'** (I Cor. 10:31). Este é o princípio bíblico fundamental. Tudo o que não atende a esse elevado padrão, enfraquecerá nossa experiência com Ele. [...] Toda música que o cristão ouve, toca ou compõe, quer seja sacra ou secular, deve ser a mais nobre e melhor. Desses dois fundamentos – glorificar a Deus em todas as coisas e escolher o mais nobre e o melhor – dependem os demais princípios [...] para a escolha musical." (Idem).

"É preciso ter um encontro pessoal com Deus, para então, reconhecer Sua santidade, desenvolvendo assim uma adequada sensibilidade musical. Diante dessa realidade, aqueles que produzem, selecionam ou executam a música usada na igreja, necessitam de muita comunhão, sabedoria, orientação e apoio. Precisam ter a visão da grandeza do ministério que têm em suas mãos, bem como o máximo cuidado ao fazerem suas escolhas." (Voto 2005-116 da Divisão Sul-Americana da IASD[5], 4 de maio de 2005).

"O Músico: [...] Canta com entonação clara, pronúncia correta e perfeita enunciação. [...] Evita tudo o que possa tirar a atenção da mensagem da música, como gesticulação excessiva e

[5] White, Ellen G. *Música: Sua Influência na Vida do Cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. (p. 83).

extravagante e orgulho na apresentação. [...] Evita, em suas apresentações, a amplificação exagerada, tanto vocal como instrumental. Evita o uso de tonalidades estridentes, distorções vocais ou instrumentais, bem como o estilo dos cantores populares." (Idem).

"A Música: [...] Deve harmonizar letra e melodia, sem combinar o sagrado com o profano. [...] Não se deixa guiar apenas pelo gosto e experiência pessoal. Os hábitos e a cultura não são guias suficientes na escolha da música. [...] Não deve ser rebaixada a fim de obter conversões, mas deve elevar o pecador a Deus. [...] Provoca uma reação positiva e saudável naqueles que a ouvem." (Idem).

"Deve haver um cuidado especial para não utilizar músicas que apenas agradem aos sentidos, tenham ligação com o carismatismo ou tenham predominância de ritmo." (Idem).

"Deve haver muito cuidado ao serem usados instrumentos associados com a música popular e folclórica ou que necessitem de exagerada amplificação. Quando mal utilizados, concorrem para o enfraquecimento da mensagem da música." (Idem).

"Os princípios de escolha musical devem servir tanto para a música 'sacra' quanto para a 'secular'. [...] A escolha da música 'secular' deve ser caracterizada por um equilíbrio saudável nos elementos do ritmo, melodia e harmonia com uma letra que expresse ideias de alto valor." (Idem).

"A música que estamos ouvindo ou apresentando tem consistência moral e teológica tanto na letra como na melodia? [...] O músico está promovendo uma atmosfera de reverência? A letra e a música dizem a mesma coisa? Estamos buscando a orientação do Espírito Santo na escolha da música religiosa ou secular?" (Idem).

"O conselho de Paulo é claro: **'Cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente'** (I Cor. 14:15). Não há dúvida de que a música é uma expressão artística, que toca os sentimentos. Isso nos leva a avaliar, escolher e produzir a música de maneira racional, tendo em vista o seu poder, e buscando cumprir o propósito de Deus para a edificação da igreja e a salvação do mundo." (Idem).

"Visto que a música exerce um papel importante na formação do caráter dos jovens, os músicos serão eleitos tão cuidadosamente quanto os outros oficiais da SJA [Sociedade de Jovens Adventistas]." (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, edição 2010, p. 108).

"A igreja tomará grande cuidado na seleção dos líderes da música, escolhendo apenas aqueles que são inteiramente consagrados e que provejam música adequada para todos os cultos e reuniões da igreja. Música secular ou de natureza duvidosa nunca deve ser introduzida em nossos cultos." (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, edição 2015, p. 97).

"A música sacra é uma parte importante do culto público. A igreja deve exercer cuidado ao escolher os membros do coral e outros músicos para que representem corretamente os princípios da Igreja. [...] Por ocuparem um lugar de destaque nos cultos da igreja, devem ser exemplos de modéstia e decoro em sua apresentação e no vestuário." (Idem).

"A música é uma das mais sublimes artes. A boa música não apenas nos proporciona prazer, mas nos eleva a mente e cultiva nossas mais refinadas qualidades. Deus, com frequência, tem usado canções espirituais para tocar o coração de pecadores e levá-los ao arrependimento. Música desvirtuada, ao contrário, quebranta a moralidade e nos afasta de nosso relacionamento com Deus. Devemos exercer grande cuidado na escolha da

música no lar, nos encontros sociais, nas escolas e igrejas. Toda melodia que partilhe da natureza do *jazz*, *rock* ou formas híbridas relacionadas ou toda linguagem que expresse sentimentos tolos ou triviais, serão evitadas." (Idem, p. 154).

"Evitar o uso de instrumentos impróprios ao culto, como percussão [popular] e outros excessivamente identificados com a música popular, e que os demais sejam tocados em estilo e conotação litúrgicos." (Voto da Associação Geral da IASD sobre a Filosofia Adventista de Música; Concílio Outonal de 1972).

"Recomenda-se que os hinos do culto sejam de caráter solene e evite-se o uso de música leve, ligeira e ritmada. [...] Que os executantes devem cuidar de seus trajes, postura e maneiras de se apresentar, evitando exibições de indumentária e técnica." (Idem).

"Aqueles, pois, que escolhem músicas para fins definidos em sua igreja, devem exercer um alto grau de discernimento na escolha e no uso das músicas. No esforço de atingir o ideal, necessita-se de mais do que sabedoria humana." (Idem).

"A música deve: [...] revelar uma compatibilidade entre a mensagem transmitida por palavras e a música, evitando-se a mistura do sagrado com o profano. [...] Fugir a exibições teatrais e com ostentação. [...] Dar primazia à mensagem da letra, que não deve ser sobrepujada pelos instrumentos musicais que acompanham. [...] Manter ponderado equilíbrio dos elementos emocional, intelectual e espiritual. [...] Jamais comprometer elevados princípios de dignidade e superioridade em esforços rasteiros para alcançar as pessoas até onde elas estão. [...] 'Nunca devemos rebaixar o nível da verdade a fim de obter conversões, mas precisamos elevar o pecador corrupto à alta norma da Lei de Deus.' (Evangelismo, p. 137)." (Idem).

"[...] os gostos e práticas musicais de todos devem conformar-se ao valor universal do caráter semelhante ao de Cristo, e todos devem lutar pela unidade no espírito e propósito do Evangelho [...] Deve-se tomar cuidado em evitar os valores mundanos na música, os que deixam de expressar os altos ideais da fé cristã. [...] Certas formas de música, como o *jazz*, o *rock* e outras formas híbridas semelhantes, são consideradas pela igreja como incompatíveis com esses princípios." (Idem).

"Se no culto há solos vocais ou música especial, deve-se dar preferência aos que se relacionem com textos bíblicos, e a música deve estar bem de acordo com o alcance de voz do cantor e sua capacidade, e ser apresentada ao Senhor sem exibição de virtuosidade vocal. A comunicação da mensagem deve ser o objetivo supremo." (Idem).

"O desejo de alcançar a juventude com o Evangelho de Cristo onde ela se encontra, leva às vezes ao emprego de estilos musicais questionáveis. Em todos esses estilos, o elemento que traz maiores problemas é o ritmo, ou 'batida'. De todos os elementos musicais é o ritmo o que provoca a mais forte reação física. Os maiores êxitos de Satanás são frequentemente obtidos pelo seu apelo à natureza física. [...] Os já mencionados estilos de '*jazz*', '*rock*' e formas híbridas semelhantes são notórias em criar reações sensuais nas multidões." (Idem).

"Deve-se evitar música saturada com acordes de 7ª, 9ª, 11ª e 13ª, bem como outras sonoridades extravagantes. Esses acordes, quando com restrição, produzem beleza, mas quando em excesso desviam a atenção do conteúdo espiritual do texto. [...] Deve-se ter muito cuidado em evitar excessiva amplificação do som, quer instrumental, quer vocal. [...] Toda apresentação de música sacra deve ter o objetivo supremo de exaltar a Cristo, em lugar de exaltar o músico ou prover entretenimento." (Idem).

Por mais convincentes que pareçam os argumentos relativistas da pós-modernidade em favor de mudanças comportamentais; por maiores que sejam os esforços para uma acomodação da verdadeira música sacra aos padrões comerciais do mercado da música *gospel*; ao compararmos os diferentes textos citados aqui, verificamos que os fundamentos organizacionais para a escolha e uso da música na Igreja Adventista do Sétimo Dia permanecem os mesmos há décadas.

E, como sólido alicerce para todas essas referências aqui mencionadas, encontramos as seguintes orientações da Palavra de Deus na epístola aos Romanos:

"Porque os que vivem como a natureza humana quer têm suas mentes controladas por ela. Mas os que vivem como o Espírito de Deus quer têm as suas mentes controladas pelo Espírito. Ter a mente controlada pela natureza humana produz morte; mas ter a mente controlada pelo Espírito produz vida e paz. Por isso o ser humano se torna inimigo de Deus quando a sua mente é controlada pela natureza humana. Porque ele não obedece à Lei de Deus e de fato não pode obedecer a ela. Os que obedecem à sua natureza humana não podem agradar a Deus.

"Porém vocês não vivem como manda a natureza humana, mas como o Espírito de Deus quer, se é que de fato o Espírito de Deus vive em vocês. Quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a Ele. Mas, se Cristo vive em vocês, isso quer dizer que, embora o corpo vá morrer por causa do pecado, para vocês o Espírito de Deus é vida porque vocês têm sido aceitos por Deus. Se vive em vocês o Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus, então Aquele que ressuscitou Jesus Cristo dará também vida aos seus corpos mortais, pela presença do Seu Espírito, que vive em vocês.

"Portanto, meus irmãos, temos uma obrigação, que é a de não viver de acordo com a nossa natureza humana. Porque, se vocês vivem de acordo com a natureza humana, estão indo para a morte; mas, se pelo Espírito de Deus matam as suas ações pecaminosas, vocês viverão. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus." – Romanos 8:5-14 (NTLH).

Poslúdio

É fácil apontar problemas, mas difícil é prover soluções práticas em curto prazo. Uma das maiores necessidades em nosso meio cristão é identificar materiais musicais edificantes produzidos em meio à avalanche de música religiosa comercial que nos atinge constantemente. Diante desse desafio, decidi dar início a uma pesquisa musical criteriosa buscando identificar sonoridades que não se distanciem de nossos princípios. Trata-se de uma aventura extraordinária, como uma "caça ao tesouro". Este tem sido também um excelente exercício de apreciação musical.

Em muitos casos, após analisar todas as músicas de um mesmo CD, é possível separar e aproveitar apenas uma ou duas faixas verdadeiramente saudáveis e que se enquadram nos padrões de música já citados. Raríssimos são os projetos cristãos que promovem coerência entre sua mensagem e suas produções musicais. Alguns dos raros exemplos são: Fountainview Orchestra and Singers (Canadá), Nebblett Family (Estados Unidos), Grupul Vocal Bel Canto (Romênia), The Advent Heralds (Estados Unidos) e Coro Musicap (Argentina). É certo que, em breve, alcançaremos os 100% de maturidade e qualidade em música sacra. Mas isso somente será possível quando estivermos no céu, na companhia do coro dos anjos celestiais, livres de tudo o que é mortal e corruptível.

O resultado dessas pesquisas pode ser encontrado na seção *Cardápio Musical*, do blog Música e Contemplação[1].

[1] musicaecontemplacao.blogspot.com/cardapiomusical

Desejo, sinceramente, que essas iniciativas sirvam como encorajamento para uma nova jornada nos campos da composição, da produção, da execução, da apreciação e da educação musical a todos aqueles que estiverem dispostos a crescer em sabedoria e discernimento espiritual.

O nosso Salvador Jesus Cristo, a quem tanto aguardamos, está às portas. Há uma descrição objetiva nas Escrituras Sagradas sobre o extraordinário evento de Sua volta. Cristo nos diz:

"Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus." – Mateus 24:30 e 31 (ARA).

Sua ordem para este tempo é esta: **"Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor."** – Mateus 24:42 (ARA).

O conselho do apóstolo Paulo é: **"Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios."** – I Tessalonicenses 5:6 (ARA).

O apóstolo Pedro também nos aconselha de igual modo:

"Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo. Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar." – I Pedro 5:8-10 (ARA).

Ser sóbrio é ser temperante. É permanecer consciente. É não se deixar distrair nem embriagar pelos estímulos e pelas distrações lançados pelo diabo. Somente poderemos vigiar com eficácia se nossa mente permanecer sóbria, se nossos pensamentos estiverem puros, limpos, ao invés de poluídos pelas imundícies sonoras e visuais, entre outras, que estamos a contemplar continuamente.

Que possamos estar a cada dia contemplando a face de Jesus Cristo através da música que apreciamos e executamos, para Sua honra e Sua glória, eternamente. Amém!

"Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." – Romanos 12:1 e 2 (ARA).

1996
Primeiras apresentações.

2004
Grupo Instrumental Terra do Fogo.
Santander Cultural, Porto Alegre, RS.

2008
Grupo Instrumental de Porto Alegre.
Igreja Adventista do Sétimo Dia Central de Cachoeirinha, RS.

2010
Coral Infanto-Juvenil. Colégio Adventista de Porto Alegre.

2011
Centro Universitário Metodista - Instituto Porto Alegrense (IPA).

2011
Em estúdio com o Grupo de Flautas do Colégio Adventista de Porto Alegre.